ELIZABETH BEZERRA



A Babá Virgem e o Bilionário Irlandês

OS BILIONÁRIOS
SÉRIE

ELIZABETH BEZERRA

A Babá Virgem e o Bilionário Irlandês



OS BILIONÁRIOS

SÉRIE

Título: *A babá virgem e o bilionário irlandês*

Copyright 2021 © Elizabeth Bezerra

Preparação de Texto: Márcia Leão e Adriana Melo

Revisão: Luana Xavier

Capa: Denis Lenzi

Diagramação: Paula Neves

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Bezerra, Elizabeth

A babá virgem do bilionário irlandês/ Série Os Bilionários / Elizabeth Bezerra.

1ª edição – São Paulo; 2021.

Índice

Prólogo
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
EPÍLOGO
Nota da autora

Prólogo



Brent Turner

Seis anos antes

O homem de aço.

Essa é só apenas uma das expressões que uma grande parte das pessoas que me conhecem usam para me definir. Confesso que já fui chamado de coisas muito piores, como:

Inescrupuloso.

Cruel.

Homem de gelo.

Desde pequeno, fui ensinado e treinado para encarar a vida de forma cética e prática.

“Você não tem sentimentos?”

É uma pergunta meio que recorrente, e olhando para o corpo estendido na sala de necrotério, acho que a melhor resposta a essa pergunta é: não. Pelo menos, em relação à linda garota, agora sem vida, estendida na superfície de ferro.

Eu lido com as mulheres da mesma forma fria e calculista que encaro os meus negócios. Damos prazer um ao outro, e quando decido que precisam partir, a única coisa que elas podem conseguir de mim é um generoso agrado financeiro. Sempre fui muito claro com isso, ou insensível, como diriam as mais românticas delas.

A verdade é que não estou no jogo para relacionamentos.

Na vida é preciso ser realista, objetivo, e enxergar as coisas como elas realmente são.

Uma divisão de metas e busca incessante por resultados de sucesso.

Mas viver, assim como nos negócios, tem suas margens de riscos, erros e acertos.

E eu cometi dois erros ridículos. O primeiro, que me fez reordenar toda uma filosofia de vida, construída ao longo dos anos.

Sem casamento ou filhos.

E o segundo engano me fez voltar a enxergar que acreditar e confiar nas pessoas é o pior erro que podemos cometer.

Meu pai sempre dizia a mim: Brent, nunca confie em ninguém.

— Isso não vai mais se repetir — murmuro, cobrindo o rosto cadavérico com o lençol.

Aprendi, e de uma vez por todas, como pode ser caro baixar a guarda.

Meus muros estão novamente sendo erguidos hoje. Nesta tarde fria e chuvosa.

— E então, senhor? — Recebo a pergunta de meu ansioso secretário assim que deixo a sala fria — É mesmo a senhora Turner?

Minha mulher, morta em um acidente de lancha, enquanto tentava fugir dos meus seguranças, na companhia de seu amante.

— Apenas Lenora agora — aviso, abotoando a manga de meu terno sob medida — Cuide de tudo para a cremação do corpo.

Ele assente com a cabeça, respondendo ao meu comando frio. Sei o que Gavin possa estar pensando, e ele está certo. Já faz um bom tempo que não me importo em nada com a mulher morta que deixamos para trás.

Enquanto caminhamos pelo imenso corredor, coloco os óculos escuros para proteger os olhos dos flashes dos fotógrafos me aguardando do lado de fora. É mais uma merda de Lenora com que preciso lidar.

— Senhor? — Gavin para a alguns metros antes de alcançarmos a porta e solicita a minha atenção — Hum… e sobre a criança?

Em minha luxuosa mansão, em um quarto infantil bonito e decorado, está o garotinho de apenas alguns meses. Jovem demais para saber como o mundo é cruel. E um lembrete constante do maior erro.

— Cuide disso também — ajeito a gravata antes de me preparar para abrir a porta e enfrentar os abutres que esperam arrancar algum pedaço de mim — E, Gavin, não quero mais ouvir sobre esse assunto. Entendido?

A criança terá o necessário para que cresça segura e tenha uma vida confortável. Mas tudo que poderá conseguir de mim, será

o que o dinheiro poderá comprar.

Sem sentimentos.

Sem decepções.

Quanto mais longe ficarmos um do outro, será o melhor para o menino.

— Como quiser, senhor Turner.

Chego à entrada do prédio. Quando as luzes das câmeras batem em meu rosto, a única imagem que as lentes conseguem capitar, é a que elas já conhecem bem.

A do homem de aço.

CAPÍTULO 1



Maya Gomes

Estou nervosa.

Não. Estou apavorada!

Desejo muito conseguir esse emprego, porque ele é a solução perfeita para os meus desesperadores problemas financeiros.

Estou a morando na Irlanda e fazendo intercâmbio, mas o sonho de melhorar o inglês e conhecer novas culturas, nos últimos dois meses, vem se tornando angustiante.

A minha agente de viagem, assim como as pessoas no grupo que vivenciavam a experiência, nos avisava para irmos com calma e gastarmos somente o necessário com coisas pessoais e comida. Mas é

muito difícil chegarmos aqui e vermos tantas coisas que não temos no Brasil, ou que são muito caras por lá, em um preço completamente acessível e não ficarmos impressionados.

Então, em alguns meses de curso, eu tinha gastado quase toda a minha reserva com coisas que nem ao menos lembrava, e agora me encontro em uma realidade crítica.

Preciso conseguir esse emprego de babá.

— Ei, Maya? — Vanessa, a minha colega de quarto desde que cheguei aqui e que se tornou uma boa amiga, faz com que largue a escova sobre a penteadeira e olhe para ela. — Só precisa manter a calma e lembrar do que te disse.

— Que todas as babás deixam a casa em menos de uma semana?

— Exceto eu… — ela sorri e mostra a perna que fora enfaixada há alguns dias.

Vanessa jura que seu acidente, causado por uma leve travessura da criança que ela cuidava há quase uma semana, e para a qual vou me candidatar a babá, foi apenas um acidente inesperado.

Não é o que provavelmente pensam todas as babás que passaram pela casa ou as que chegaram a cancelar a entrevista quando o cliente foi revelado.

— Como isso pode ser uma coisa boa, Vanessa?

— Uai, o menino precisa de uma babá urgentemente — ela murmura com seu encantador sotaque mineiro, impossível de não

detectar — e você precisa desesperadamente de um emprego. Problema resolvido.

O salário excelente, a possibilidade de morar em uma casa grande e bonita, sem precisar me preocupar com despesas como aluguel e comida, são mais do que atraentes.

— Eu acho que ele só faz tudo o que faz para chamar atenção. No fundo, é só um menino que precisa de um pouco de carinho, Maya.

Na realidade, não é a fama de endiabrado da criança que realmente está me deixando vacilante. O problema está em mim.

— Mas se eles… — Respiro fundo, fechando os olhos. — Olha, amiga. Se acharem que não sou apta para o trabalho?

— Quantas vezes te olharam antes e julgaram isso? Que nunca daria conta?

— Para ser sincera? Na maior parte delas.

E não me refiro apenas aos empregos que tive, mas na escola e até mesmo entre algumas pessoas da minha família.

— E o que você fez?

— Mostrei o oposto, claro. E hoje estou aqui.

E mostraria quantas vezes fossem necessárias. Nenhum tipo de preconceito conseguia me parar. Já perdi muito na vida e luto com todas as forças para que mais nada seja tirado de mim.

— Então, isso é tudo que precisa ter na cabeça, uai. Acreditar aqui. — Ela une as mãos no peito. — E ter fé em Deus. Além disso, o senhor

Ray não teve qualquer objeção quando te indiquei para a entrevista.

— Talvez por que eles só estejam desesperados?

— Pode ser. Não entendo nada do que aquele polonês fala, para ser sincera.

É impossível não cair na risada. Vanessa vive se metendo em confusão por não entender metade do que o gerente da agência diz a ela. O que a salva é que ela tem passaporte europeu, devido a sua descendência portuguesa, ou já estaria com as malas prontas de volta ao Brasil.

— Em todo caso, essa é sua grande chance, amiga— conclui Vanessa.

Ela tem razão, ter autopiedade nunca me ajudou em nada.

— Você está certa, Vanessa. As minhas inseguranças não podem ser maiores que os meus sonhos.

Sempre lutei contra elas, e cada dia mais deixava um pouquinho delas para trás.

— Sei que irá conseguir, Maya — ela incentiva mais uma vez. — A parte ruim é que sentirei a sua falta e as das nossas risadas à noite.

Cheguei aqui com um pouco mais de conhecimento da língua, devido aos cursos que meus pais, quando vivos, insistiram que eu fizesse, das músicas que gosto de ouvir e das séries que assisto. Mas Vanessa, como muitos brasileiros em busca de um sonho, veio completamente crua, com a cara e a coragem.

— Eu venho visitar você, e quando voltar a andar nos veremos na escola — digo e respiro fundo ao conferir a hora em meu celular. — Agora preciso ir.

— Boa sorte, Maya.

— Obrigada, Van. — Sopro um beijo para ela, da porta. — E obrigada por me indicar.

Da casa onde moro até Cork Kent, a estação, demoro vinte minutos debaixo de uma chuva fina e com vento. Aqui chove muito, e agora sei bem como a Bela, da saga Crepúsculo, se sentia falando de Forks.

Pego o 226 com destino à Kinsale e de lá o 253, que me levará até Ballinspittle. Depois de alguns minutos de caminhada estarei na Garreststown Strand, uma longa praia situada no norte de Cork, que é o meu destino final.

Todo o trajeto deve durar em torno de uma hora. De carro seriam uns quarenta e cinco minutos, mas eu não me importo. Gosto de ficar olhando as paisagens, que são lindíssimas, ou de me distrair na leitura de um bom romance.

O tempo passa mais rápido do que imaginei, e quando finalmente chego à imponente propriedade da família Turner, sinto minha fé e esperanças renovadas.

Sou recebida por um senhor vestindo um elegante uniforme escuro. Ele tenta disfarçar, mas percebo o olhar que me dá, meio curioso, meio

desconcertado. Já estou acostumada, normalmente essa é a reação que todos têm ao me verem pela primeira vez.

— Senhorita Gomes. Veio pelo emprego?

Aqui somos tratados pelo sobrenome. Às vezes me sinto como em um dos romances que leio. Senhor isso e Senhorita aquilo. É engraçado e, devo confessar, muito charmoso também.

— Sim, senhor…?

— Carter — ele se apresenta, fazendo um sinal para que lhe entregue o casaco, que pendura em um suporte, antes de se voltar para mim. — Vou conduzi-la até o local da entrevista.

Eu o sigo para o interior da residência. São tantos corredores, portas e salas, que futuramente penso que precisarei fazer um mapa para não me perder.

As casas em Cork, pelo menos a que moro e as que visitei de conhecidos, normalmente mais afastadas do centro, são relativamente grandes. De três a seis quartos, no mínimo dois, com suítes, sala, cozinha e banheiro social. Mas essa casa é nada menos que uma luxuosa e impressionante mansão de três andares. É quase como um palacete.

— A senhorita pode aguardar aqui — diz o senhor quando entramos em uma grande sala, onde há três paredes cobertas de belas estantes repletas de livros. — Deseja um chá, café?

— Apenas água, por favor.

Do jeito que estou ansiosa, sou capaz de derramar desastrosamente uma das bebidas quentes em cima de mim, manchando a blusa nova que tinha comprado especialmente para a entrevista, em uma das muitas promoções feitas na *Penneys*, uma loja de departamento que vendia de tudo por um preço impressionantemente baixo.

Pelo menos a água não mancharia nem causaria uma tragédia indesejada.

— Vai dar tudo certo, Maya — repito o que Vanessa e eu mesma venho me dizendo desde a confirmação da entrevista, enquanto caminho até uma das janelas que tem uma bela vista do lago — Só precisa prestar bastante atenção nas perguntas e ser o mais clara possível.

Na verdade, me sair bem durante a conversa não me preocupa tanto como qual seria a reação do secretário do senhor Turner ao me ver. Isso, sim, colocava cada uma das minhas esperanças em dúvida.

Só que não tenho tempo de continuar a me torturar sobre o assunto. O duplo rangido, indicando que a porta foi aberta e novamente fechada, avisam-me que o momento da verdade chegou.

— Gomes? — O timbre forte, como um raio cruzando o céu em dia de tempestade, me faz virar, assustada.

Oh. Meu. Deus!

Eu acho os homens europeus, em sua maioria, bonitos e bastante elegantes. Mas não esse homem. Ele é mais. Ele é mais em tudo. Dos olhos intensos e mais profundos que já vi em alguém, à boca bem

esculpida e ao queixo quadrado, acompanhado de um rosto marcante e perfeito.

Ele é alto, bem mais alto que o meu um metro e sessenta e oito. Acho que ele deve ter em torno de um e oitenta. Tudo nele parece completamente alinhado e no lugar. O terno cinza, feito sob medida, e a calça bem ajustada em seu corpo o tornam perigosamente ainda mais atraente.

Tudo o que eu consigo pensar, enquanto o avalio, sem culpa, é como seu peito é largo e eu simplesmente sumiria nele. Isso caso tivesse a oportunidade, que obviamente nunca teria, de abrigar meu rosto nele por um instante.

Não tenho nada contra o seu cargo de secretário de um dos empresários mais ricos do país, mas esse homem, absurdamente lindo e sexy, deveria estar estrelando campanhas de perfumes ou em comerciais de TV.

— É a senhorita Maya Gomes? — A forma impaciente com que repete a pergunta faz com que eu me recupere rapidamente do transe do qual me vi refém.

— Sim… — balbucio e começo a andar, sentindo minhas pernas vergonhosamente bambas enquanto caminho em sua direção. — Eu sou a Maya.

Estico a mão em um cumprimento educado e analiso, rapidamente, as mãos dele. Dedos longos, elegantes, de unhas bem cuidadas. Há uma

piadinha que minhas amigas faziam no Brasil, que homens de mãos grandes tem o p…

— É o senhor Byrne? — pigarreio, afastando pensamentos indecorosos de minha mente fantasiosa.

Espero que o meu inglês esteja soando compreensível o bastante. Tenho um bom vocabulário, os meses que tenho vivido aqui estão ajudando bastante, mas diante de um homem de presença tão intimidadora como ele, penso que nem em português eu saberia falar direito.

— Brent — ele diz em seguida, e eu acrescento “surpresa” à minha expressão angustiada.

Brent Turner?

O bilionário irlandês Brent Turner e pai do menino para o qual estou me candidatando a babá?

Ok. Acho que não preciso apenas dos votos de sorte que minha amiga Vanessa desejou. Eu preciso mesmo é de ajuda divina e de um grande milagre, concluo, mordendo o lábio, nervosa.

Ele me olha, estudando atentamente o meu rosto. A cicatriz que tenho a alguns centímetros do canto do olho e que segue até o pescoço me incomoda mais do que o olhar avaliativo que ele me dá.

O que faz mesmo sua boca retorcer em uma quase imperceptível reação de desagrado é a avaliação que segue mais abaixo.

— O infeliz do Gavin só pode estar testando a minha paciência… — Os dentes trincam quando retorna a falar comigo, e o rosto revela mais do que um olhar cético e desaprovador. — Ou isso é algum tipo de brincadeira, senhorita Gomes?

Oh, não. Droga. A reação é muito pior do que temi.

O olhar do senhor Turner, ao me encarar, congela o meu sangue. Sua expressão é tão dura como aço.

CAPÍTULO 2



Brent Turner

Tenho um latejar constante e irritante em minha cabeça, como um aviso incômodo de que estou sem dormir. Desde a noite anterior, para ser mais exato, quando saí de Dublin e dirigi por mais de quatro horas até aqui.

Isso porque o meu secretário, que dificilmente ficou doente durante todos os quase quinze anos que trabalha comigo, completa quase uma semana enfiado dentro de casa, sendo paparicado por uma mãe protetora e controladora demais para alguém da idade dele. E,

definitivamente, esse não é o melhor momento para Gavin, o meu braço direito, se ausentar de suas funções.

Não quando acabo de comprar a Tynness, uma grande marca de cerveja do país, tornando o grupo Reed a maior empresa de bebidas da Irlanda e, em breve, a maior do mundo, se a distribuição e vendas globais continuarem crescendo, como vem acontecendo desde que assumi a administração dos negócios.

Mas tem alguém que não está nada feliz com essa bem-sucedida transação de negócios que fez as ações da empresa dispararem na bolsa de valores. A principal fábrica de produção da Tynness vem sofrendo ataques e tentativas de sabotagem, sendo que o último deixou cerca de dez funcionários feridos e um entre a vida e a morte.

A polícia não tem qualquer informação ou pista que os leve a algum suspeito. Eu fiz com que os meus advogados pressionassem mais as autoridades, mas a minha presença na capital é extremamente necessária.

Presença que foi interrompida para vir a Garreststown resolver um pequeno problema familiar, do qual tomei conhecimento apenas esta manhã, pelo meu secretário, que estava acontecendo há alguns meses.

— Gavin? — Pressiono os meus dedos nos ossos nasais e faço o possível para manter o controle. — Por que entrevistar uma babá é algo tão complicado para você?

Ele já cumprira tarefas muito mais complicadas, como conseguir o autógrafo de um autor infantil de sucesso mundial para o filho de um sheik, com quem eu estava fechando negócios, apenas dois dias antes da reunião. Foi a primeira vez que um dos meus jatinhos fora usado para transportar algo tão simples como um livro. Ou quando conseguiu o ingresso de um show esgotado, para que eu levasse uma atriz famosa de Hollywood que estava de passagem pelo país, a um encontro.

Só havia um motivo para ter mantido Gavin trabalhando há tanto tempo ao meu lado: ele é eficiente. Menos para encontrar uma babá.

— Depois que a srta. Wood deixou o trabalho para se casar e morar na França, infelizmente nenhuma outra contratada tem conseguido permanecer na vaga.

Não faço ideia de quem seja a mulher em questão, talvez a tenha visto uma ou duas vezes de longe com o menino, nas raras ocasiões que vim aqui. Para qualquer necessidade ou detalhe relacionado à criança, Gavin tem carta branca para lidar como bem quisesse, desde que eu fique bem longe do problema, o que não acontece agora.

— Eu posso imaginar — murmuro, olhando para a minha mão ainda cheia de cola, vítima de uma traquinagem do grande pestinha. — Esse garoto não tem controle? O que você fez todos esses anos, Gavin?

Coloquei uma fortuna nas mãos dele para que pudesse dar ao garoto os melhores professores, instrutores e escolas, mas pelo o que eu via, ele criava um pequeno delinquente na residência.

— Exatamente o que me pediu para fazer, senhor. Cuidar do assunto da melhor maneira que eu conseguisse — ele diz isso calmamente, antes de soltar um ruidoso espirro. — Não tenho filhos e não sei exatamente como se deve lidar com uma criança.

Bem, nesse quesito não posso julgá-lo. Também não sei, e cada vez menos me interessa saber. Qualquer chama de desejo de ser pai, que tenha nascido em mim, havia morrido no mesmo dia que Lenora.

— Então por que simplesmente não o enviou a um colégio interno? Há excelentes na Escócia.

Eu mesmo fui educado em um deles, dos primeiros anos infantis até os meus quatorze anos, quando meu pai finalmente decidira me buscar e começar a me treinar para comandar os negócios da família.

— Achei um pouco… — Ele pigarreia, e não sei se é devido à sua enfermidade ou a qualquer tipo de sentimentalismo. Sinceramente,

espero que seja a primeira opção. — Achei um pouco cruel, senhor. Ele já não tem mãe.

Oh, Deus. Descubro, a essas alturas, que meu secretário tem um lado emocional aflorado.

— Gavin, você precisa vir até aqui…

— Desculpe, senhor Turner. — Reconheço a voz da mãe de Gavin assim que ela me interrompe e assume o controle da ligação. — O doutor disse que meu menino precisa de mais alguns dias de cama e repouso. Falar com o senhor de trabalho não é descanso.

Enquanto ela fala, ouço o gemido de Gavin ao fundo, dando por certa sua demissão. E realmente é isso que eu deveria fazer. Já dispensei ótimos profissionais por faltas menores. Mas Gavin está ao meu lado há muitos anos. A nossa relação é mais do que profissional, embora nenhum dos dois admita isso.

Somos amigos?

Eu não tenho muitos. Aliás, acho que realmente não tenho nenhum. Parceiros de jogos de tênis ou golfe? Talvez dois ou três. Mas amigos de verdade, a quem eu possa confidenciar problemas e dividir momentos especiais? Em todas essas ocasiões, só o Gavin me vem à mente.

— O senhor me desculpe, mas tenho que desligar — diz a mulher com voz de general, e a ligação é encerrada enquanto olho,

incrédulo, para o aparelho, sem acreditar.

Ninguém, exatamente ninguém, nunca ousara encerrar uma ligação na minha cara.

— Desculpe, senhor Turner. — O telefone toca novamente quando estou no banheiro, tentando tirar a cola da mão. — A minha mãe, ela… Não adianta explicar agora. Espero a minha carta de demissão em breve.

— Você não será demitido, Gavin.

A surpresa da minha resposta o deixa completamente mudo.

Talvez eu esteja ficando velho e começando a amolecer, penso ao encarar o meu rosto de olhar duro no espelho.

Não. A sorte de Gavin é que, no momento, já tenho problemas demais para ainda ter de procurar um secretário tão eficiente quanto ele, que nunca tinha falhado durante todos os anos que trabalhamos juntos.

— Obrigado, senhor. Hum… Eu retornei para avisar que a nova candidata à vaga deve chegar às nove, para a entrevista.

Viro o meu pulso, conferindo o horário no relógio de ouro, e vejo que isso acontecerá em menos de dez minutos.

— E, senhor? Será que poderia ser um pouco menos…

— Impaciente? — concluo por ele.

— Um pouco menos… você.

— Ser eu mesmo, representa algum tipo de perigo?

— Bem... O senhor quando quer, sabe ser bastante intimidante.

Sei que tenho o poder de atemorizar as pessoas. Não é apenas um dom natural, mas algo para o qual fui bem treinado.

— É a primeira candidata em duas semanas.

Pelo que fiquei sabendo, a fama de ser um garoto bem complicado de lidar tinha chegado a todas as agências de emprego, fazendo a maior parte das candidatas fugirem e as excessivamente corajosas abandonarem a função, depois de poucos dias de trabalho. A que teve mais chances de ficar com a vaga sofreu uma queda, causada por uma das artes feitas pelo garoto, que só não me rendeu um belo processo trabalhista, porque contribuí com uma generosa indenização.

— Eu acho que precisará…

Gavin não chega a concluir o pensamento. Sua mãe retorna ao local onde ele está e novamente a ligação é encerrada.

Sei que a ligação dele com a mãe é bem diferente da que eu tive com os meus pais, mas como um homem daquele porte pode ser dominado por uma senhorinha?

Bom, não tenho tempo para ficar pensando nesse lado patético da vida de Gavin. O quanto antes fizer a entrevista com essa babá e deixar a criança aos cuidados dela, vou poder retornar a Dublin e aos

problemas que acontecem lá, que requerem mais da minha atenção do que uma criança mimada.

Seco as mãos e abro uma das portas do gabinete, em busca de uma aspirina.

O latejar apenas aumentou durante minha conversa com Gavin. A travessura do menino, que deixou minha mão cheia de cola, só contribuiu para piorar o meu humor. Além de todo cansaço de uma noite não dormida, esse acúmulo de circunstâncias não faz de mim a melhor companhia nesta manhã.

Mas tentarei seguir o conselho de Gavin e ser, pelo menos durante a entrevista, um pouco… Como ele diria, um pouco menos eu.

Uma batida na porta e a entrada de meu mordomo, após a minha permissão, são o aviso para o meu próximo passo.

Entrevistar a babá.

CAPÍTULO 3



Maya Gomes

Ainda estou tentando me refazer do choque que é a presença marcante do Sr. Turner, enquanto ele continua a me encarar sem muita paciência.

O que posso fazer?

Ele é o tipo de homem que faz nossas pernas bambearem apenas com um único olhar.

— Então, senhorita Gomes? — Ele volta a insistir na pergunta, mas seus olhos estão desconfortavelmente focados em meu braço direito,

onde a falta da mão amputada é visível. — É capaz de me responder, ou precisaremos de um tradutor aqui?

O acidente que me deixou assim, sem uma das mãos e com uma cicatriz que vai do meu rosto ao pescoço, aconteceu quando eu tinha quatorze anos.

Lembro bem daquele dia. Era um sábado de carnaval. Em uma das festas agitadas acontecendo na cidade ou em alguma das comemorações barulhentas, regressávamos da igreja. A gente vinha cantando um dos louvores que ouvimos durante o culto, quando um carro, conduzido por um motorista bêbado e seus amigos fanfarrões, surgiu na contramão, em um cruzamento próximo à nossa casa. O meu pai, tentando evitar um acidente maior, jogou a direção para o lado oposto, mas infelizmente não conseguiu evitar que o nosso carro se chocasse contra um poste.

O motorista do outro carro apenas colidiu com um muro de uma residência. Ele e seus amigos alcoolizados tiveram apenas ferimentos leves. Os meus pais sofreram uma morte súbita quando a lataria esmagou o corpo deles. Eu fiquei alguns dias entre a vida e a morte, e quando finalmente acordei no hospital, soube que nada poderia ter sido feito pela minha mão, que precisou ser amputada.

Foi difícil me recuperar desses dois traumas. A dor de perder os meus pais e de não ter mais uma das mãos. Quanto às sequelas do acidente, a cada dia aprendo a lidar mais com elas. Já os meus pais, deixaram um vazio que nunca será preenchido.

Nem mesmo no velório e enterro deles eu pude estar presente.

Eu sei bem o que o senhor Turner está pensando. Durante todos os anos que precisei me adaptar a essa nova realidade, seja retornando para a escola, me candidatando a uma vaga de emprego, ou quando achavam que eu seria incapaz das tarefas mais simples, precisei enfrentar e mostrar a todos que podia.

Tenho dificuldades e preciso me esforçar mais do que a maioria das pessoas?

Sim. Mas isso também é o que me dá mais garra para aceitar com coragem qualquer desafio que surge.

— Senhor, eu não sei a que tipo de brincadeira possa estar se referindo. — Empino o queixo e o encaro com coragem.

Ele pode ser o senhor perfeito, com tudo em seu devido lugar, mas eu sou alguém que deve ser vista além da deficiência física.

— Ouça, senhorita… — Seu maxilar fica visivelmente mais rígido.

Droga. Eu deveria estar achando-o cruel, frio e preconceituoso, mas o que penso mesmo é como a carranca invocada o deixa ainda mais bonito.

— Não quero ser…

— Preconceituoso? — digo por ele.

— Indelicado — ele me corrige, seu olhar duro e desafiador buscando o meu. — Não sei se explicaram bem qual seria o trabalho.

— Ser a babá do seu filho.

Não sei por que, mas acho que algo no que falo o deixa ainda mais nervoso. Deve ser essa minha mania de falar por cima das pessoas. Tento mudar esse hábito, mas nasci com uma metralhadora na boca.

— Desculpe, senhor. — Eu me recomponho, colocando-me de volta na posição de entrevistada, desesperada por um emprego, e fico em silêncio.

— Não apenas isso. Eu não sei se disseram — diz, levando as mãos aos bolsos e dando passos curtos pela sala —, mas a criança é um tanto difícil.

Ergo a mão e o meu indicador, como uma criança na sala de aula pedindo permissão para falar.

— Sim?

— O senhor já trabalhou na área de recreação infantil, do shopping, em plena época de Natal?

Assim que faço a pergunta, vejo o quanto ela foi estúpida. É claro que um homem importante e do porte dele não gastaria seu precioso tempo em atividades como essa.

— Felizmente, não, senhorita Gomes. — A forma como ele diz e me encara, principalmente, expressa bem como essa ideia o deixa horrorizado.

— Claro que não — digo baixinho. Apenas meros mortais enfrentariam batalhas como essa. — Pois eu, sim. Por duas vezes. O

senhor não sabe o inferno que é. Não que eu reclame do trabalho ou dos meus empregadores. Eles eram ótimos.

Mentira, mas todos nós sabemos que uma das leis de quem procura emprego é nunca falar mal do empregador anterior.

— Eu gostava muito do trabalho. — Estou rindo internamente, acho que poderia ser atriz. — Lidava com mais de uma criança ao mesmo tempo. Todas felizes e cheias de energia. Eu sei que se me der uma chance, posso cuidar muito bem do seu filho. Sabe, não vai ser um problema…

Mostro a ele o meu braço. Não sei se é pena ou outro sentimento que faz seu rosto se retorcer.

Não deixo que isso e a pequena pontada que sinto no peito me domine.

Sou maior do que tudo isso. Maior do que a forma como as pessoas me veem.

— Ele é uma criança bem difícil — insiste o senhor Turner. — Outras babás, hum…

— Normais? — Levanto o queixo de forma corajosa.

— Em situações menos desfavoráveis — replica ele, tentando soar diplomático —, não aguentaram a função.

— Mas eu não sou elas. Só preciso de uma chance. — Olho em volta, e espero que jogar a minha última carta não me leve a ser expulsa a pontapés. — E pelo que sei, também não vejo outras candidatas.

Noto-o retorcer o canto da boca, provavelmente irritado, por eu ter razão ao menos quanto a essa observação.

Observo-o enquanto pondera, caminha até a mesa de carvalho e se senta na borda. Vejo-o tirar uma das mãos do bolso e levar ao queixo quadrado, que lhe dá um ar ainda másculo.

Os minutos de silêncio me deixam ainda mais angustiada, e todas as minhas esperanças de conseguir o emprego começam a morrer conforme o tempo passa.

— Muito bem. — A voz vibrante soando na sala me faz estacar no lugar e encará-lo, assustada. — Gosto de pessoas corajosas, que enfrentam os seus obstáculos e vão atrás de desafios. Eu lhe darei uma chance, senhorita Gomes.

Quero pular de felicidade. Na verdade, quero pular de alegria nele, mas sei que nenhuma dessas ações são profissionais nem serão apreciadas pelo Sr. Turner.

— Passarei essas duas semanas aqui, e se me provar que realmente sabe lidar com a criança — disse —, então o emprego será seu.

Ele não diz com o meu filho nem mesmo o nome do menino. Acho isso bastante estranho, mas acabo decidindo que deve ser coisa de gringo.

— Obrigada, senhor Turner. — Estico a mão para ele, que desta vez a envolve com a sua. Sua mão é macia, quente e faz um choque

correr por todo o meu corpo. — Prometo que não irá se arrepender.

Não sei se ele sentiu a mesma energia que eu, mas rapidamente interrompeu nosso contato.

— Espero que não, senhorita Gomes. E não falo apenas do emprego.

Ainda abalada pelo breve contato de pele que me deixou atordoada, encaro seu rosto sem compreender sua observação.

— Como disse?

— O trabalho. Sabe que precisa dormir aqui, não é mesmo?

Assinto. Minha boca está seca e a língua parece grudada no céu da boca, de tão nervosa que ainda me encontro.

— E pode se mudar ainda hoje?

— Sim, senhor.

— Ótimo. O motorista ficará disponível para levá-la e ajudar a trazer as suas coisas — diz ele, erguendo-se da mesa e indo em direção à porta. — Quando chegar, Carter, o mordomo, mostrará seus aposentos.

— Obrigada, senhor — balbucio antes de ele fechar a porta.

Assim que ele sai, apoio minhas costas contra a estante de livros. Meu coração bate no peito como uma britadeira e minhas bochechas parecem ter sido mergulhadas em óleo fervente.

Eu me preocupei erroneamente se saberia lidar com o menino com fama de terrível e complicado, contudo, agora a minha preocupação maior

é como agir, ou melhor, não reagir ao homem atraente e intenso que é o seu pai.

Que Deus me ajude!

CAPÍTULO 4



Brent Turner

A primeira coisa que faço, depois de olhar pela janela do meu quarto a jovem sorridente ser conduzida ao carro pelo motorista, é ligar para o meu assistente pessoal.

— Que porra é essa que você está fazendo? — berro ao telefone assim que ele me atende.

Não tenho costume de me descontrolar, mas diante de toda a situação, desde que entrei na biblioteca e coloquei os olhos na garota, manter a calma vem sendo algo difícil de conseguir.

— No momento, atendendo o telefone, senhor Turner.

A voz da mãe de Gavin surge no outro lado da linha, e eu solto um gemido de frustração enquanto encaro uma das cortinas.

Oh, que droga!

— E o senhor tem uma boca muita suja, mocinho. Sua mãe deve sentir vergonha disso.

Bom, se ela tivesse ficado comigo tempo suficiente para me conhecer, talvez sentisse.

— Escute, senhora Byrne — começo com toda calma e paciência, duas qualidades que não tenho —, será que eu posso ter uma palavrinha com o Gavin?

— Muito bem. — Ela suspira como se fosse a única a estar sendo testada. — Eu vou explicar novamente ao senhor por que não pode.

Que ótimo, já não bastava iniciar o dia com as traquinagens de um garotinho de sete anos e ficar sem o meu braço direito por tempo indeterminado, sou obrigado a ouvir lições de moral de uma senhora que parece doce, mas tem uma voz firme.

Eu só posso ter feito algum tipo de pacto com o espírito de Hitler, enquanto ainda dormia, para merecer isso. Em todos os meus anos alimentando a fama de cretino e frio, nunca precisei lidar com uma senhorinha tão imune ao meu jeito ranzinza.

Posso até ser um imbecil na maior parte do tempo, como alguns dizem, contudo, jamais faltaria com respeito a uma pessoa mais velha.

Não importa que eu seja o chefe e ela apenas a mãe zelosa de um funcionário que está esgotando todos os meus limites.

Desde que parei de chorar por ralar os joelhos, ninguém, exatamente ninguém, ousava me tratar como uma criança e ditar o que devo fazer, exceto a mãe de Gavin agora.

Depois de um longo sermão sobre como um chefe opressor e desalmado, além de sem Jesus no coração, pode prejudicar o desenvolvimento de um excelente funcionário como Gavin, a ligação é encerrada.

Encaro o telefone sem realmente acreditar nos três minutos de conversa. Será que a senhora Walsh tem ideia de que sou um dos homens mais poderosos do país e que bastaria uma ligação para que seu filho ficasse fora do mercado de trabalho por tempo indeterminado?

Mas não tenho tempo de ficar meditando sobre senhoras temperamentais. Está mais do que claro que, no momento, não posso contar com a ajuda de Gavin e serei obrigado a resolver a questão relacionada ao garoto e à babá sozinho.

— Maya Gomes. — Deixo o nome passar por entre os meus lábios, e não gosto nada da sensação que me causa.

Quando fecho os olhos, a sua imagem rapidamente surge em minha cabeça.

Os seus olhos claros, em um minuto acuados por minha presença, no outro enfrentando-me com determinação e valentia. O rosto oval,

sustentando um nariz delicadamente arrebitado e uma boca generosa, de lábios carnudos, difícil de ignorar. Nem mesmo a cicatriz, em um dos lados do seu rosto, conseguia diminuir a beleza marcante e os traços delicados de boneca.

A segunda coisa importante a ser notada é como ela é pequena, pelo menos se comparada aos meus 1,80 metros. Mas o que falta em tamanho, sobra em curvas generosas, que nem mesmo as roupas simples e discretas foram capazes de esconder. Tenho um olhar bem analítico com o que me interessa.

Não que a babá deva me interessar além do aspecto profissional. Já estou lidando com problemas e confusões suficientes, como fazer a única coisa que não desejei durante esses últimos anos. Estar no mesmo ambiente que a criança.

— Onde ele está, Carter? — pergunto ao mordomo assim que saio do quarto infantil que está vazio e silencioso.

— No estábulo, senhor. Deseja que eu mande buscá-lo?

O estábulo também era meu lugar preferido quando criança. Não tenho muito jeito com as pessoas e sempre preferi os animais. De certa forma, acho que entendo o garoto. Também amava a calma que o lugar me trazia, e fui feliz aqui até o meu pai decidir me trancar em um colégio interno só para garotos.

— Pode deixar, Carter. Eu irei até lá.

Chego ao estábulo e encontro o menino na última baia. Está alisando o focinho de uma das éguas premiadas. Ele cochicha algo para o animal, que relincha, fazendo-o sorrir, mas quando ele sente a minha presença, fica mudo e retraído.

— Olá, garoto.

Acho que é a primeira vez que dirijo a palavra a ele.

Não, não é verdade, houve duas vezes que ele invadiu o meu escritório da casa, quando devia ter uns quatro ou cinco anos. Fiquei tão surpreso em vê-lo parado na porta, com os seus olhos azuis arregalados em minha direção e gaguejando se eu era mesmo o seu pai, que tudo que consegui fazer foi fechar a porta e exigir que Gavin lidasse com o incômodo.

Depois disso, posso contar nos dedos as raras vezes que voltei a essa casa.

— O meu nome é Quinn. — Seu tom de voz é baixo, mas a forma que seu queixo se ergue e a braveza que brilha em seus olhos demonstram o quanto ele é corajoso.

— Sei disso. — Retiro uma das mãos do bolso e afago o focinho de um dos cavalos da baia ao meu lado.

Também não sou bom com crianças. Ao menos fui uma criança boa. Só que essa criança, em especial, me faz encarar as minhas partes mais sombrias. Do vacilo de ter acreditado em Lenora aos fantasmas do passado, que há muito tempo pensei ter deixado para trás.

— Vai me mandar embora?

A pergunta me pega de surpresa. Não que já não tivesse sugerido a Gavin quando ele tentava me relatar alguma confusão que Quinn provocara, mas por reconhecer o mesmo olhar aterrorizado que dei ao meu pai na idade dele, ao saber que perderia o meu lar.

— Por que você acha isso?

Ele dá de ombros, voltando sua atenção aos cavalos, a mão pequena alisando o pelo lustroso do animal com cuidado. Quinn está tentando decidir até que ponto pode confiar em mim.

— O tio Gavin disse isso na última vez que veio aqui — murmura ele. — Que eu deveria ser bom com as babás, ou seria mandado para longe.

Cuidar das necessidades do menino foi uma tarefa que dei ao meu assistente, quando Quinn ainda era um bebê. O que eu não sabia é que ele mantinha um contato tão próximo com o menino.

— Por que você não é bom com as babás?

— Por que você não é bom com as pessoas? — ele rebate, e seus pequenos olhos furiosos voltam a focar em mim. — Talvez eu seja como você. Um homem mau.

Já fui chamado de coisas bem mais pesadas na vida, rótulos que normalmente me fazem rir. Não sou o tipo de pessoa que dá importância ao que o restante da humanidade pensa ou julga, mas esse garoto, que

de alguma forma me lembra a mim mesmo, arisco e receoso da vida, consegue me atingir em algum nível.

— Você é só um menino. E não quero que seja parecido comigo.

Nem uma cópia minha quando criança, nem uma do adulto em que me transformei.

Mantive-me afastado dele justamente para que não visse em mim um modelo a ser seguido. Assim como fiz com o meu pai, primeiro tentando chamar sua atenção, bancando a criança rebelde, e depois buscando imitá-lo para ver se nascia nele ao menos um pouco de admiração e orgulho.

— Você não gosta de mim. — Acho que o balbuciar tímido é mais uma confidência ao cavalo do que a mim.

— Não. Eu só não…

— Me ama — ele conclui com um olhar triste.

Não tenho como contestar esse fato, por mais cruel que pareça. Não o odeio, mas também não o amo. Passei esses anos todo convivendo com a certeza de que não conseguiria amar.

— De qualquer forma, ainda está sob a minha responsabilidade. Sabe o que é isso?

— Gavin disse que só poderia ter um cachorrinho quando pudesse cuidar dele. É tipo isso, esse negócio de *reponsabilidade*?

— Responsabilidade. Mais ou menos isso.

— Dar carinho e atenção também não é responsabilidade? — Pergunta capciosa.

Deveria ser, mas em relação a ele, pelo menos, abdiquei disso há bastante tempo.

— Meu dever é que tenha uma boa educação e um lar seguro, Quinn. O seu é se portar como um garoto educado. Quando for adulto, poderá ir embora e fazer o que quiser.

Isso é tudo o que posso oferecer. Aprendi que não ter lembranças é melhor do que tentar esquecê-las.

— A nova babá chegará essa noite — aviso com o olhar firme. — É uma garota boa e exijo que seja amigável com ela, entendeu?

Quinn me encara com a mesma determinação que vejo em mim. Suas mãos vão para trás, no que acredito ser um sinal de respeito.

— Você entendeu?

— Sim, senhor. — Um grande sorriso vai surgindo em seu rosto, que poderia ser comparado ao de um anjinho, mas o brilho travesso que vejo em seus olhos me faz desconfiar que ele é exatamente o oposto. — Eu vou ser muito amigável com ela.

Avalio a declaração, nada menos que suspeita, quando ele passa como um pequeno furacão ao meu lado. Certo. Lidar com uma criaturinha indomável de apenas um metro e vinte talvez não fosse uma aventura complicada apenas para a babá.

O receio em relação à desvantagem física da senhorita Gomes volta para mim com ainda mais força. Por mais que ela tenha afirmado ter todas as condições necessárias para lidar com um garoto difícil de sete anos e que, por razões que ainda não sei explicar, eu tenha decidido dar uma oportunidade a ela, tenho a sensação de que é uma ideia completamente absurda. Principalmente porque, com a chance oferecida a ela, dei a minha palavra de que acompanharia de perto o avanço dos dois.

O que significa muito mais tempo com Quinn.

E um tempo mais do que necessário com a babá.

CAPÍTULO 5



Maya Gomes

Eu ainda não posso acreditar que consegui o emprego. Essa será a grande oportunidade da minha vida. Além de toda economia com despesas que farei nos próximos meses, também vou conseguir juntar algum dinheiro a mais, e quem sabe poder investir em algum negócio próprio quando eu tiver que voltar ao Brasil.

Mas, no momento, preciso ser mais realista e me concentrar no agora, que é voltar à casa do senhor Turner e provar que sou capaz, sim, de dar conta do trabalho.

— Ainda não acredito que foi o senhor Turner que entrevistou você, Maya. Ele é realmente tão gato quanto na foto que pesquisei na internet?

— Vanessa me pergunta pela terceira vez, mesmo após eu já ter contado toda a história enquanto arrumava a minha mala. — Garota, *cê* é muito sortuda.

— Tão bonito quanto assustador.

— Assustador? — Seus olhos arregalam de uma forma engraçada. Vanessa é daquele tipo de pessoa cujas expressões faciais falam por ela. — *Cadiquê*?[1]

Sento-me sobre a mala e reflito por alguns segundos a respeito da pergunta dela. De como me senti quando Brent Turner entrou na biblioteca, deixando-me completamente sem reação por causa de todo poder e magnetismo que exala.

— Sei lá, ele me intimida. — Fecho os olhos, tentando me recordar de cada detalhe. — O jeito que olha, que fala e…

Ai! Um dolorido beliscão em meu braço me faz acordar e olhar furiosa para ela.

— *Disgrama*, Maya! *Cê* não tá pensando em se apaixonar por ele, né?

Como se me apaixonar pelo meu chefe fosse uma questão de opção.

— Não! — Meu grito cheio de indignação deveria ter o intuito de convencer tanto minha amiga quanto a mim.

Mas pelo jeito que Vanessa me encara, acho que falhei nas duas tentativas.

— Maya, tem que manter esse seu lindo coraçãozinho romântico bem longe de fantasias. Homens como ele não olham para garotas como…

— Eu?

— Como nós, Maya. Apenas garotas simples, que tiveram uma vida simples. Isso não tem nada a ver com…

Ela não termina a frase, mas o olhar que dá para minha cicatriz e mão amputada é suficiente para eu entender.

Eu não gosto de ficar me menosprezando, lutei muito para me aceitar e nunca me deixar afetar com qualquer tipo de preconceito relacionado à minha deficiência física, mas não posso fingir que, para algumas pessoas, como os garotos da escola ou os rapazes que conheci depois dela, o preconceito não existia.

Então eu realmente entendo a preocupação de Vanessa. Homens como o senhor Turner, ricos, poderosos e que têm o mundo aos seus pés, preferem desfilar com modelos lindas, glamorosas e que os deixam ainda mais exuberantes posando para fotos ao lado deles. Garotas completamente diferentes de mim e de Vanessa.

— Serão apenas duas semanas, Nessa. — Tento tranquilizar ela e ao meu coração.

Preciso ter em mente que um homem rico e bonito, como o senhor Turner, é tão inalcançável como as estrelas e a lua.

Se bem que, tecnicamente, a lua não é tão inalcançável assim, pois o homem já esteve nela.

Não, Maya!

Ele não é o primeiro homem lindo que vejo, mas é o primeiro que me deixa impressionada de uma forma que não consigo explicar.

Não! Definitivamente, não.

— O meu coração está completamente fora de perigo, Vanessa. A única coisa que quero; não, que eu preciso, é mostrar ao senhor Turner que posso dar conta do seu filho e me manter longe dele o máximo possível.

A forma que Vanessa me encara deixa-me completamente desconfortável, e isso me faz querer fugir de seu olhar avaliativo e crítico. Alegando não querer deixar o pobre motorista esperando por mais tempo, encurto a despedida emocional e saio do quarto rapidamente.

— Senhorita Gomes. — O mordomo abre a porta assim chego.

Eu fico imaginando se ele fica observando pela janela todos os carros e pessoas que se aproximam ou é apenas uma coincidência.

— Olá, senhor Carter. Poderia me chamar apenas de Maya? — indago, abrindo o meu maior e melhor sorriso, recebendo de volta apenas um olhar indiferente.

— Pelo protocolo, eu prefiro não.

É um belo balde de água fria. Mas não me deixo desanimar por isso. Pelo que sei, o senhor Carter é inglês, e eles têm um ar mais sério

do que os irlandeses, que normalmente são bem calorosos. Bem, excluindo o meu chefe. Esse deve ter nascido no Alasca.

— Se estiver tudo em ordem, gostaria de mostrar os seus aposentos — continua ele, dando uma rápida olhada para minha mala rosa. — Blakely levará sua mala em instantes.

Assinto e começo a segui-lo na direção que ele toma. Primeiro passamos pelo grande hall de entrada e vamos direto para uma das escadas – percebo que há duas – que nos leva ao segundo e terceiro andares.

A casa, se é que posso chamar assim, parece com um daqueles pequenos castelos que se vê em filmes. Chegamos ao segundo andar e, desta vez com mais calma, começo a prestar atenção no máximo de detalhes que vejo.

Nunca imaginei um dia pisar, tampouco morar, em um lugar tão grande, luxuoso e bonito como esse. A cada passo que damos, noto o bom gosto e o valor elevado na decoração. Desde os quadros nas paredes, as esculturas decorando os corredores, os tapetes persas em tons de azul marinho, as cortinas pesadas cobrindo amplas janelas e a calmante luz difusa vindo dos lindos lustres pendendo do teto.

— Aqui, senhorita. — O senhor Carter para em frente a uma bonita porta de madeira e a mantém aberta para mim.

Ainda do corredor, consigo dar uma bisbilhotada no quarto, e meu queixo caído confirma minha cara de choque.

— Desculpe, senhor Carter, mas tem certeza de que não é um engano?

Ele me encara por um instante, sem entender, e quando percebe que continuo receosa em entrar no quarto, faz isso em meu lugar, esperando que o siga.

— O aposento do jovem Quinn fica ao lado do seu. — Sigo-o para dentro, temendo esbarrar em qualquer móvel ou peça delicada decorando o ambiente. — Aquela é a porta de comunicação. O senhor Turner deseja que fique próxima ao menino.

Eu esperei receber um quarto de empregada, talvez um pouco melhor do que o que eu dividia com Vanessa na casa em Blackpool, mas nunca algo tão bonito e elegante.

— Se estiver disposta, uma empregada virá para mostrar o restante da casa e fazer um tour pela propriedade — diz o mordomo em seu tom peculiarmente formal, com o qual já estou começando a me acostumar. — Depois disso, terá o restante do dia livre para arrumar suas coisas. Suas atividades iniciam amanhã, a partir das sete horas. Deve acordar o menino para ir à escola, descer para o café da manhã, que é servido às sete e meia, e depois colocá-lo no carro.

Carter segue me atualizando de todos os meus afazeres. Eu tento prestar atenção em cada detalhe importante, enquanto meus olhos impressionados continuam a admirar o quarto.

Assim que ele finaliza suas orientações, começa a deixar o quarto com discrição.

— Ah, senhor Carter? — chamo-o antes que desapareça silenciosamente das minhas vistas. — Quando verei o pequeno Quinn?

— Amanhã cedo o senhor Turner fará as apresentações. Por favor, não se atrase, senhorita.

Concordo com a cabeça e o observo até fechar a porta. Assim que me vejo sozinha, não consigo evitar soltar um gritinho animado antes saltar na cama com dossel. As cores aqui variam do branco ao creme e até tem uma charmosa mesinha para chá em frente à janela, que é para onde me dirijo, feliz.

Não é apenas a casa por dentro que é esplendorosa. A vista que tenho do meu quarto, mostrando a ala norte da propriedade, é de cair o queixo. Já me vejo nos dias de folga com um bom livro e uma xícara de chá, apreciando a paisagem deslumbrante. Se fosse uma pessoa dotada de talentos artísticos, poderia pintar um quadro. Mas eu gosto de fotografia e tenho certeza de que poderei tirar belas fotos que levarei como recordação.

As minhas malas chegam alguns minutos depois. Junto com o motorista surge uma mulher jovem, com cerca de trinta anos. Ela se chama Abby, é bem simpática e, ao contrário do senhor Carter, não se importa de usarmos nossos primeiros nomes.

Abby me mostra, explicando de forma resumida, cada cômodo da casa. Eu acho que deve ter uns trinta cômodos. Parei de contar quando passamos de quinze.

Aqui tem tudo o que se tem direito: quadra de tênis, piscina, que não sei se algum momento é realmente usada, um bem cuidado jardim, longos hectares de gramados e o lugar que me deixou mais apaixonada: um estábulo encantador.

Amo animais. No Brasil, na casa dos meus tios, tínhamos dois gatos e três cachorros. Aqui, ter animais é um processo bem complicado, por normalmente dividirmos a casa com outras pessoas, então sinto muita falta dos bichinhos.

— Eu trabalho até às cinco. Se precisar de algo, basta me procurar — oferece Abby assim que me deixa novamente em meu quarto.

Agradeço a ela e fico feliz pela oportunidade de, quem sabe, fazer uma nova amiga. Aqui as pessoas, apesar de cordiais, são mais reservadas em questões de relacionamento. Um colega de trabalho não se torna necessariamente seu amigo, por mais que o trabalho exija uma interação constante.

De volta ao quarto de contos de fadas, resolvo desfazer as malas e até me sinto constrangida em guardar as minhas roupas simples e práticas de trinta euros no formoso e antigo guarda-roupa, que acredito ter mais de cem anos.

Com todas as minhas coisas bem organizadas e meus objetos de higiene em uma bolsa menor, decido explorar o banheiro.

Uma das curiosidades nas casas aqui é a pia. Geralmente tem duas torneiras, uma para água quente e outra para água fria. O que definitivamente para mim sempre é um grande problema. Tenho que optar por uma das duas, e a água sempre está fria demais ou quente pelando a mão. Apesar de essa ser uma residência antiga, fico grandemente aliviada ao ver que essa parte foi modernizada e basta apenas regular a temperatura que sai da torneira.

Outra curiosidade é que o interruptor de luz fica do lado de fora. Isso estranhamente continua igual, mas pelo menos aqui, diferente da outra casa, há uma janela no banheiro.

Já estou em meu pijama quentinho, quando uma empregada, a mando do senhor Carter, me traz o jantar no quarto. A partir do dia seguinte, café da manhã, jantar e algumas vezes almoços serão feitos com o Quinn.

A comida está bem gostosa. Me serviram algum tipo de peixe delicioso grelhado, ervilhas cozidas e batatas assadas. Os irlandeses comem muita batata, é como o nosso arroz com feijão. Isso porque, no tempo da guerra, houve muita fome e escassez de comida. As pessoas passavam fome e até mesmo os animais sofreram com isso. Plantar e colher batatas deu a muitas famílias pobres algo para colocar à mesa.

São apenas oito horas, mas a noite está bem escura. Estamos no inverno, e aqui os dias escurecem mais cedo. Como ainda não tenho sono, escolho um livro de uma autora de romances brasileira chamada Josi Ferreira. A história é bastante interessante, mas a agitação do dia e a euforia de mudar para um lugar novo, com um novo trabalho, acabam por ganhar a luta, e eu acabo dormindo com o *Kindle* repousando em meu peito.

CAPÍTULO 6



Brent Turner

Estou me revirando na cama por mais de uma hora. As notícias que recebi de Dublin, essa noite, não foram nada agradáveis. E não me refiro apenas à lentidão da polícia quanto às investigações acerca da última tentativa de sabotagem na fábrica. A informação que recebi é que um vírus, inicialmente identificado na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, quatro meses atrás, está rapidamente se espalhando pelo mundo, preocupando populações e governantes.

Alguns casos já foram identificados em vários dos meus funcionários de praticamente todas as empresas em operação. Alguns

estão sendo hospitalizados devido à gravidade da doença e outros estão em quarentena, para evitar novas contaminações.

A rápida pesquisa que consegui fazer, a respeito desse vírus, esclarecia que ele causava infecção respiratória aguda, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Nos casos mais graves, podia evoluir para insuficiência renal. Entre os grupos de risco, para desenvolver a forma grave da doença, estavam os idosos.

Nosso primeiro-ministro, diante de toda gravidade da situação, tomou a mesma medida que muitos países pela Europa, já em crise, vinham adotando e que nós temíamos desde que a notícia sobre os primeiros casos do vírus surgiu. Entraremos em *lockdown,* que é uma versã*o* mais rígida do distanciamento social.

Será restringida a circulação da população em lugares públicos, permitida apenas, e de forma limitada, para questões essenciais, como ir à farmácias**,** supermercados ou hospitais. Viagens não essenciais a distâncias maiores de cinco quilômetros também estão proibidas. Por enquanto, isso me leva a permanecer aqui por tempo indeterminado.

O descumprimento dessa regra pode acarretar multas. Dependendo do governo local, até mesmo prisão. Não é exatamente isso que me preocupa, mas sim manter a segurança de todos os funcionários da casa.

Não sabemos quase nada sobre essa variante do vírus, e é tudo muito novo, incerto e ninguém consegue dizer como essa crise afetará o

mundo e sua economia. Pela primeira vez em muito tempo, vejo-me diante de algo que não posso controlar ou prever. Algo que exige medidas rápidas e um plano anticrise urgente.

Amanhã será um dia cheio. Reuniões por chamadas de vídeo com os meus principais executivos, telefonemas com agentes do governo e um pequeno problema envolvendo um garotinho e sua babá.

Sinceramente, diante de toda essa catástrofe mundial em percurso, penso que os dois deveriam ser a menor das minhas preocupações. Contudo, por que a jovem babá e a conversa que tive com Quinn, no estábulo, não saíam da minha cabeça?

Reviro-me para o outro lado da cama. Meus pensamentos retornam à Maya. Apesar de bonita, não posso negar, a babá não possui as características que geralmente busco em uma mulher. E não no aspecto físico. Sua deficiência e cicatriz não diminuem em nada a beleza do seu rosto angelical, nem do corpo atraente que as roupas simples e discretas não conseguiram esconder.

Sim, fisicamente eu não pensaria duas vezes em levá-la para a cama. Só que Maya tem um ar de fragilidade e desperta em mim anseios de ampará-la em meus braços, afastando todos os perigos do mundo, que não sei de onde vêm. O que a torna perigosa e ao mesmo tempo um doce desafio que tenho completa certeza de que preciso ignorar.

Não transo com mulheres que estão em minha folha de pagamento. E as que fodo têm total conhecimento de que é apenas sexo e nada mais.

— Droga! — Afasto a coberta e busco o meu robe. — Isso não está dando certo.

Sobre a babá, Quinn e toda essa confusão em que fui metido. E o pior de tudo é que ainda não poderei contar com Gavin. Preciso de algo que me ajude a dormir, o que não faço desde o dia anterior, quando pisei novamente nessa casa.

Saio do quarto, ando pelos corredores silenciosos na penumbra e recordo de quando era menino e sentia medo de monstros.

"Não seja covarde. Um homem de verdade não teme nada." Ainda posso relembrar com suficiente clareza as palavras duras de meu pai, quando me flagrava escondido em algum canto, temendo trovões, tempestades e figuras aterrorizantes que as sombras criavam nas paredes.

Olho para o bar, mas desisto do drinque.

Tomo uma taça de vinho em um jantar de negócios ou romântico, bebo uma ou duas taças de um bom champanhe durante algum evento importante que precise marcar presença, mas não faço de beber um hábito, não como o meu velho Turner, que tornou isso sua maior maldição.

Decido então apenas pegar uma garrafa de água na cozinha e iniciar o trabalho, caso minha mente continue a se recusar a fazer uma pausa.

Quando chego à cozinha, no entanto, sou paralisado por uma pequena surpresa. Pelo visto, não sou o único essa noite a enfrentar

problemas de insônia.

Inferno!

Eu não deveria estar aqui.

Ela não deveria estar aqui.

O mais inteligente é que eu me afaste discretamente, sem que ela consiga me notar.

Não posso. Meus pés e corpo seguem uma vontade diferente da que está sendo ordenada pela minha cabeça.

Eles me levam para Maya.

CAPÍTULO 7



Maya Gomes

Apesar da cama aconchegante e de estar bem cansada, costumo ter um sono muito leve, por isso, quando um ruído estranho ecoa pelo quarto no meio da noite, acordo assustada.

Preciso confessar algo: eu tenho um completo pavor de fantasmas e almas penadas. Já ouvi muitas histórias de casas assombradas. Com o coração na boca, acendo o abajur e olho, apavorada, por todo o quarto.

Não vejo sinal de pessoa viva e nem morta, graças aos céus. Vejo que deixei uma parte da janela aberta, que não devo ter fechado devidamente quando fiquei admirando a vista lá de fora.

Ainda desconfiada, olho para todos os lados antes de correr sobre o carpete e ir até a janela. Somente após alguns minutos de várias tentativas atrapalhadas, consigo manter as duas partes devidamente fechadas.

Antes de retornar à cama, esbarro o pé em um atiçador da lareira que estava ao lado da porta do banheiro, esparramado no chão. Imagino que deva ter sido o vento que derrubou e que foi esse barulho que me fez acordar.

— Ok. — Soltando um risinho nervoso, volto para a cama, me sentindo uma boba. — Essa não é a Residência Hill.

Aqui não tem fantasmas. Essa conclusão me faz chegar a uma promessa, a de que preciso parar de ver filmes de terror, pois fico morrendo de medo quando estou sozinha.

De volta às minhas aconchegantes e quentinhas cobertas, tento pegar no sono. É um pouco mais complicado desta vez. Minha mente vaga para aquela manhã. Para a minha estranha e íntima entrevista com o senhor Turner na biblioteca. Para ele, especificamente, e seus olhos escuros e profundos. Como sua presença impactante me deixara inegavelmente marcada.

Pare com isso, Maya! Repreendo-me, afastando as cobertas pesadas do meu corpo.

Ficar pensando nos olhos penetrantes do lindo e atraente senhor Turner, com certeza, não vai me ajudar a dormir, mas talvez uma caneca

de leite quente com mel surtisse efeito.

Busco minhas pantufas de pelúcia em formato de ursinho. Jogo por cima da minha camisola branca o robe rosa que tinha deixado sobre a poltrona, deslizando-o por meu corpo. Não é seda de verdade, mas o tecido é tão macio e delicado que não faz qualquer diferença para mim.

A porta pesada faz um pequeno ruído quando tento abri-la e procuro ser o mais cuidadosa possível para não acordar mais ninguém na mansão.

Encontrar a cozinha é uma aventura tanto assustadora como divertida. Me perdi algumas vezes entre corredores e portas parecidas. Quando finalmente a encontro, fico admirada por essa ser mais uma parte da residência que foi reformada para proporcionar praticidade e conforto. Essa casa tem uma divisão interessante e charmosa entre um passado clássico, com toda estrutura vitoriana, os objetos de arte e móveis centenários, e modernidade, com todos os aparelhos de última geração que facilitam a vida.

Preciso abrir umas três portas do imenso armário branco para encontrar copos e xícaras. Escolho uma caneca muito fofa com detalhes em rosa. Tenho preferência por essa cor desde menina e preciso me vigiar muito para não acabar me tornando uma cópia da Penélope Charmosa.

As geladeiras de inox, que são duas, têm uma grande variedade de alimentos. Verduras, frutas, frios, sucos, alguns tipos de tortas e doces

que me deixam com água na boca. Em especial uma torta de morango com chantili que faz os meus olhos revirarem.

Como uma criança travessa sabendo da travessura que faz, olho para os dois lados da cozinha, verificando se há algum adulto à espreita com um chinelo nas mãos.

— Um pedacinho. Bem aqui do cantinho… — murmuro com a boca salivando, tentando me convencer, enquanto abro uma das gavetas da pia para pegar uma faca. — Assim, não vai fazer tanta diferença.

Acho que não tem problema algum pegar apenas um pedacinho da torta com cara deliciosa. O senhor Carter avisou que Quinn precisa ter uma alimentação saudável, mas que eu tenho liberdade para comer o que me desse vontade.

— Parece russo…

Ai, meu Deus!

A voz firme e forte faz com que eu salte no lugar, e a travessa com a torta, que eu equilibrava precariamente entre a prateleira da geladeira e o meu estômago, desastrosamente vai toda para o chão, espalhando morangos e chantili pelo piso branco e reluzente.

— Senhor Turner? — Levo a mão ao peito antes de encará-lo.

Na entrada da cozinha, em um robe preto e pantufas do mesmo tom, está o meu lindo e intimidante chefe. Como um anjo negro caçando almas pecadoras para lançar ao inferno.

— O seu português? Foi isso que falou, não é? Faz lembrar o russo — diz ele enquanto caminha em minha direção. — Assustei você?

Já me falaram isso antes. Muita gente diz que para pessoas que não falam línguas latinas e línguas eslavas, é bem comum confundir o nosso idioma com o russo.

— Hum… não. Quer dizer, eu estava… Bem… — solto um sorriso nervoso. — Assaltando a sua geladeira?

Ele me encara, um pouco confuso. Preciso me recordar que aqui os ditados e expressões que usamos no Brasil, na maior parte das vezes, têm sentido literal para eles.

Atrapalhada e nervosa com sua proximidade, tento explicar o que realmente quis dizer. Aqui tudo precisa ser dito claramente.

— Bom… — Ele pigarreia e me encara com atenção. Acho que vejo uma pequena curvinha surgir no canto de seus lábios, mas ela some tão rápido como a impressão que tive. — Pode *assaltar* a geladeira quando quiser. Agora esta é sua casa.

— Obrigada, senhor Turner.

— Brent — ele me corrige. Seus expressivos e intensos olhos escuros agora estão focados em meu rosto.

Penso que o motivo desse interesse seja a minha cicatriz e abaixo minha cabeça, esperando que parte do meu cabelo solto a cubra.

Sinto dedos firmes tocando meu queixo, e ele me faz erguer o rosto novamente. A forma como me olha é tão intensa que faz calafrios

percorrem todo meu corpo, e não são provocados pelo frio.

Apenas Brent, Maya.

Oh, não!

Oh, não!

Oh, não!

Sim, a musiquinha engraçada do meme rapidamente me vem à cabeça, só que não de forma cômica, mas completamente trágica.

Vamos lá. De um lado, tenho um mordomo pomposo com quem quis engrenar uma descontraída relação profissional, exigindo um tratamento completamente formal entre nós, e do outro, o meu chefe, um bilionário rico, poderoso, extremamente lindo e atraente, permitindo que nos tratemos de forma mais casual.

— Senhor Turner… — gaguejo, sentindo-me ainda mais idiota ao seu lado do que o normal.

O que há nesse homem que me deixa tão abalada?

Excluindo o fato de que ele é lindo.

E tem um carisma impressionante.

E uma postura austera que me deixa intimidada.

— Brent — repete, e seu polegar acaricia o meu queixo, provocando um pequeno tremor que me faz vacilar. — Acho que consegue me chamar assim se tentar, Maya.

O meu chefe, o homem de quem devo ficar a muitos metros de distância, está mesmo flertando comigo?

Comigo? Maya? Uma garota simples, do interior de São Paulo, estaria mesmo despertando algum interesse de um dos homens mais poderosos do mundo?

Quando seus dedos descem suavemente em direção ao meu pescoço, deixando um rastro de fogo, chego à desnorteante conclusão de que sim.

Há um clima rolando entre nós. Faíscas suficientes para aquecer cada canto desta casa, mas aquela pequena e quase inexistente luz de razão me faz recuar.

Para o senhor Turner, deve ser normal separar sentimentos de uma noite de prazer, mas não para mim. Sou romântica, e jurei a mim mesma que só daria esse grande passo com um homem que me olhasse com os mesmos olhares apaixonados que meu pai dava à minha mãe.

Não que eu sonhe em me casar virgem ou essas coisas, mas desejo que seja especial.

Só me entregarei quando sentir ter encontrado a pessoa certa. E depois do meu acidente e de suas sequelas físicas, não houve uma chuva de pretendentes caindo em meu colo. Os poucos rapazes que se interessaram, ou para quem tentei entregar o meu coração, não o fizeram disparar o bastante para que eu desse esse grande passo. Não como Brent Turner fazia agora.

Mas somos tão diferentes como água e vinho. E até as pessoas mais tolas como eu sabem que o lado mais frágil é o que sempre sai

machucado.

— Eu… — Agacho-me, fugindo de seu toque atordoante. — Preciso arrumar essa bagunça, ou o senhor Carter ficará furioso.

Começo a limpar aquele desperdício de torta.

Estou nervosa, meu coração parece saltar em minha boca. Apenas a presença marcante de Brent me deixa tonta e perdida, sem saber o que fazer. Tento ser rápida para poder retornar logo à segurança do meu quarto, mas recolher toda a bagunça com uma única mão é complicado.

— *Buíochas le Diae!* — Ouço-o blasfemar algo que acredito que seja gaélico. Depois ele se junta a mim no chão. Nossas mãos trabalham juntas, fazendo a pequena bagunça que causei, levada pelo susto, começar a desaparecer rapidamente.

Estou terminando de passar o lenço umedecido no chão, quando o senhor Turner, quer dizer, Brent, solta um "*fuck!*" que me faz encolher, alarmada.

Ele me faz ficar de pé e segura a minha mão.

— Você se cortou. — Estou tão hipnotizada pela maneira que seus lábios se movimentam e pelo vibrato de sua voz, que levo alguns segundos para compreender o que está me dizendo. — Precisamos cuidar disso.

O corte não é grande, e eu nem tinha percebido. Contudo, pela forma que Brent reage, me levando às pressas até a pia, o ferimento é gravíssimo.

Tento manter a concentração na água fria, lavando a pequena mancha de sangue em minha pele, mas o toque dos dedos dele causam calor em partes minhas que não deveria.

— Dói? — A pergunta me faz encará-lo e me deparo com um olhar realmente preocupado.

Talvez seja a minha condição física que desperte nele esse instinto protetor. Prefiro pensar assim do que dar margem a pensamentos fantasiosos.

— Apenas ardendo um pouco.

O que eu digo, ou a forma que falo, o faz soltar uma respiração pesada, e quando volto a acompanhar seu olhar, vejo que sua atenção está no decote da minha camisola que o robe, agora aberto, deixa à mostra.

Santo Deus, que olhar!

É como se Brent estivesse me devorando sem ao menos precisar me tocar. E isso me causa sensações que nunca senti antes.

Um calor sobe por todo o meu corpo, como se dentro de mim explodisse um vulcão.

— Maya… — sussurra meu nome.

Seu polegar passeia por entre os meus lábios, e eu, institivamente, abro a boca, esperando pelo beijo que não deveria, mas não consigo evitar desejar.

Fecho os olhos.

Espero.

Ouço sua respiração tão pesada quanto a minha.

Aguardo. A ponta da minha língua passa, ansiosa, pelos meus lábios.

Sua aproximação faz com que o seu perfume amadeirado me embriague mais.

Anseio pelo beijo.

— Boa noite, Maya.

Abro os olhos. Vejo as costas de Brent quando ele se afasta de mim, até desaparecer na escuridão que dá para o corredor.

O meu coração já não está mais com batidas aceleradas. De repente, ele fica pequenino em meu peito. É melhor assim, a razão me diz.

Desisto do leite quente e devolvo a caneca ao armário.

A volta para o meu quarto é menos assustadora.

Talvez espíritos horripilantes sejam a menor das minhas preocupações, quando há alguém como Brent Turner, feito de muita carne e osso, em um corpo feito para o pecado, sendo bem mais perigoso do que qualquer alma penada vinda do outro mundo.

Vai ser uma noite longa.

CAPÍTULO 8



Brent Turner

O som dos pássaros cantando nas árvores próximas à minha janela me desperta. O dia mal está clareando quando salto da cama e sigo para o banheiro. Impressionantemente, depois dos meus momentos com Maya na cozinha, consegui dormir. Claro que depois de ficar alguns minutos refletindo sobre o que aconteceu.

Céus!

Eu estive bem perto de beijar a babá do Quinn, mas isso não é o que me deixa mais preocupado. Se eu tivesse permitido que isso acontecesse, nosso único destino seria a cama, isso se tivéssemos chegado a uma.

A babá é uma zona completamente proibida, ressalto a mim mesmo.

Nada de olhares interessados. Nada de pensamentos indecorosos e muito menos de deixar que meu corpo reaja de forma sexual sempre que a Maya estiver perto de mim.

A ideia é tentar manter distância, acompanhando de longe, o máximo possível, sua interação com o garoto e decretando no fim se ela conseguiria, ou não, passar pelo período de teste. Porém, a nova situação colocada diante de nós, que também está sendo enfrentada pelo mundo, virou as nossas vidas de cabeça para baixo.

E não posso deixar que nada me faça esquecer, ou duvidar, do que precisei aprender para ser o homem que sou hoje. Em primeiro lugar, a razão. Em segundo, a praticidade. As emoções devem ser deixadas de lado. Sempre.

Aprender a ser frio e a ignorar qualquer sentimentalismo foi o que me manteve firme até aqui. Quando o meu pai finalmente conseguiu me ensinar isso, todas as mágoas e sofrimentos que guardava foram embora.

É exatamente isso que Quinn precisa aprender. Não da mesma forma dura que aprendi, mas enxergando a realidade da vida. O nosso distanciamento foi necessário para que ele lute, até mesmo comigo, quando chegar a hora, e não deixe que laços emocionais o enfraqueçam.

Após o banho, retorno ao quarto. Decido ignorar o terno de três peças que Carter deixara separado no dia anterior e vou em busca de

roupas menos formais.

Jeans, camiseta e tênis. São tão raras as ocasiões que me visto assim, que até chego a me sentir uma pessoa diferente nessas vestimentas. Mesmo em meus momentos de maior descontração, opto por camisas e calça social.

— Senhor Turner? — Carter surge no quarto depois que eu autorizo sua entrada.

Se Carter estranha o que estou vestindo, ignora muito bem com sua expressão sempre séria e profissional. Acho que essa deve ser uma característica indispensável, vindo de bons e treinados mordomos ingleses.

— Todos estão sendo enviados para o grande salão?

Assim como eu, centenas de empregadores devem estar dando os mesmos avisos e orientação ao seu staff. É necessário recuar.

— Sim, senhor. Inclusive o jovem Turner já foi avisado de que também deve ir para lá.

Como será que Quinn e milhares de crianças conseguiriam lidar com um momento tão crítico?

Isso me faz recordar de quando ouvia meu avô Turner, em seus poucos momentos de sanidade, contar de todas as dificuldades que ele enfrentou durante a guerra. Talvez seja exagerado fazer tal comparação, mas desde a última guerra mundial que não vemos o mundo tão afetado

por um único motivo. Pessoas estão morrendo e dessa vez não são tiros e bombas ceifando vidas.

— Estarei lá em alguns minutos, Carter.

Assim que ele se retira silenciosamente, eu termino de me arrumar, checo os e-mails mais importantes, dou as orientações necessárias e ordeno que minha secretária, na sede da empresa, confirme algumas reuniões por videochamada.

O vaivém pela casa é um pouco mais agitado do que o normal. Habitualmente, os funcionários procuram passar invisíveis enquanto executam suas tarefas. Hoje, todos estão amedrontados e em alerta.

Quando entro no grande salão, que geralmente é usado para festas, o que não acontece mais desde antes de meu pai falecer, o burburinho silencia.

Rostos ansiosos, preocupados ou carregados de medo se fixam em mim. Eles querem respostas, mas infelizmente não posso esclarecer muitas de suas dúvidas.

— Todos já estão aqui? — indago em um tom alto o suficiente para que apenas o mordomo me escute.

— O jovem Turner está chegando agora, senhor.

Olho para a porta de onde vim e vejo o menino sendo trazido por uma das empregadas. Ela é antiga, acho que seu nome é Emmy ou Abby.

Olho novamente para o grupo de pessoas, quase trinta ao todo. Eu não imaginava que a mansão Turner empregasse tantas pessoas, das

que cuidam de toda a manutenção da casa, aos funcionários dos estábulos e aos motoristas.

Onde está a Maya?

— Cadê a babá? — sondo Carter.

Não a vejo em parte alguma. O plano original era que eu a apresentasse a Quinn alguns minutos antes do café da manhã, mas tudo precisou ser mudado.

— Bom, senhor… — Pela primeira vez, vejo Carter gaguejar.

Ele sabe que não sou muito tolerante com qualquer tipo de falha profissional, e atrasos são faltas graves.

— Então, é…

— Estou aqui! — O grito urgente só não me causou mais estarrecimento do que o choque ao ver a babá entrar no salão. — Desculpe, senhor Turner, mas já estou aqui.

Se as pessoas já estavam respeitosamente em silêncio, devido à minha presença, com o surgimento de Maya ficaram completamente mudas.

Olho para ela e não consigo assimilar o que vejo.

Há apenas uma pessoa, ou um projeto de pessoa, para ser mais exato, tendo alguma reação à chegada intempestiva e surpreendente de Maya.

O pequeno Quinn.

Sua gargalhada contribui para que todos fiquemos ainda mais chocados com o que vemos.

QUE MERDA É ESSA?!

CAPÍTULO 9



Maya Gomes

Exatamente às seis da manhã, o alarme do telefone toca. Sou uma daquelas pessoas que precisa de um pouco mais de tempo dando aquela enrolada na cama antes de me decidir sair dela.

O fato de não precisar levantar correndo para o trabalho, já que estou nele, é uma grande vantagem para permanecer mais alguns minutos enfiada em minhas cobertas macias. No horário limite para não me atrasar, eu me recordo do conselho do senhor Carter e pulo apressadamente da cama.

Não me falaram nada sobre uniforme, mas deixei arrumada sobre uma cadeira, na noite anterior, a roupa que achei adequada para o

primeiro dia. Após conferir se tudo está certo, sigo rapidamente para o banheiro.

Graças aos anjos que me guardam, não passo por todo sofrimento de tirar a roupa e congelar de frio antes de chegar ao chuveiro. Diferente do meu senhorio da casa anterior, que mantinha o aquecedor ligado apenas algumas horas durante a noite, aqui cada canto é agradavelmente aquecido, inclusive o banheiro.

O chuveiro tem um sistema automático que o desliga sozinho após uns trinta segundos. Pensando no meio ambiente, isso é maravilhoso, mas para uma pessoa que tem apenas uma das mãos para conseguir se lavar, complica um pouco. Estou cheia de sabonete líquido no corpo e com a espuma do shampoo caindo pelo rosto e olhos, que tento manter fechados, enquanto faço malabarismo usando o antebraço que não possui uma mão, tentando manter o fluxo da água sobre mim. Devido a isso, levo o dobro do tempo para conseguir usar o condicionador e mais do que necessário para me lavar.

Quando a água cai sobre o meu corpo pela última vez, passo a mão nos cabelos, pressionando os dedos sobre eles, tirando o excesso de água. Então sinto os fios um pouco diferentes. Meio grossos e emaranhados.

Olho para o chão, e a cor que vejo escoando pelo ralo não é normal. Por um instante, fico paralisada, enquanto passo os dedos, de forma angustiada, nas mechas grudentas.

— Meu Deus! — Deixo o box e corro até a espelheira.

Jesus, tenha misericórdia! O meu cabelo inteiro está em um tom horrendo de verde. Volto para o box e aciono a água novamente. Esfrego os cabelos com força e pressa. Escorre ainda mais o suco verde, e eu fico um bom tempo embaixo da água, até ver apenas a água escorrer transparente pelo chão.

O meu alívio dura muito pouco. Voltando para frente do espelho, confirmo que, apesar de mais claro – e ainda não sei avaliar se isso é bom ou ainda pior – o tom de verde segue invencível em meus cabelos, fazendo-me parecer um papagaio esquisito.

— Maya?

As batidas na porta e o chamado nervoso de Abby me colocam em um estado de pânico ainda maior.

— Maya? Você está aí?

Coloco rapidamente o robe de banho e, com o insistente caldo verde pingando, manchando o tecido branquinho, corro para a porta do quarto.

— Desculpe, Maya — ela começa a dizer, mas ao olhar para os meus cabelos, sua boca abre em estado de choque. — Minha nossa, Maya. Humm… É… Bom, é que…

Ela desvia o olhar. Não sei se para recuperar-se da surpresa ou se está avaliando os meus gostos suspeitos em relação à estética. O problema não está em pintar o cabelo de rosa, azul ou qualquer cor mais

exótica, mas nesse tom de verde, em específico, e claramente pelo fato de a tinta não ter sido aplicada de forma correta. Parece que uma criança de cinco anos tinha decidido brincar de cabeleireiro comigo, e o resultado da traquinagem é desastroso.

Criança? Traquinagem?

Rapidamente um garotinho me vem à cabeça.

Quinn.

Não gosto de acusar ou julgar as pessoas injustamente, mas só há uma explicação lógica para isso. O fedelho tinha me pregado uma boa peça.

Mas como ele entrou em meu quarto?

— Maya, você precisa se apressar e descer. O senhor Turner pediu que todos os funcionários se reunissem no salão já faz alguns minutos.

Puta merda!

Não tenho tempo para continuar a tentar me livrar da tinta em meus cabelos. O senhor Carter foi muito claro ao dizer que eu não deveria me atrasar.

— Em cinco minutos eu desço, Abby. Segura as pontas para mim com o Carter?

— Querida — murmura, me encarando com certo ar de piedade —, o rabugento do mordomo não é o problema. Vá, se apresse.

Assim que ela sai, pressiono como posso a toalha em volta da minha cabeça, secando os cabelos da melhor forma possível. Eu gostaria

de ter tempo de usar um secador, mas já me sinto encrencada o bastante.

Como o senhor Turner irá me encarar com seriedade, se nem consigo manter os cabelos de forma decente?

Sempre uso top no lugar de sutiã, é mais fácil conseguir colocar. Quando vou colocar a calcinha, me atrapalho e caio sobre a cama.

Apenas uma mãozinha aqui, ironizo comigo mesma, soprando os cabelos caindo em meus olhos.

Em vez da calça jeans e do suéter que tinha escolhido para usar no dia anterior, acabo pegando um vestido com mangas três quartos no closet. É mais fácil.

— A touca!

As minhas roupas ainda não estão completamente organizadas. Então, após quase dois minutos tentando procurar a touca, na esperança de que ela me ajudasse a esconder esse grande desastre, desisto. Coloco as sapatilhas, e no segundo seguinte estou correndo pelo corredor.

Faço o possível para tentar encontrar o caminho até o andar de baixo. Hoje está um pouco mais fácil de reconhecer as coisas e a casa já não parece tão gigantesca.

Ainda assim, não faço a menor ideia de onde fica o tal salão da reunião, mas ao ver um grupo de pessoas indo apressadas em uma mesma direção, resolvo segui-las. Elas entram alguns instantes antes de mim, e paro em frente à grande porta branca de vidros bonitos, para recuperar o fôlego.

Há muitas pessoas no local, mas quem realmente me interessa encontra-se do outro lado, em postura de comando. Ao lado do senhor Turner – que está ainda mais lindo que o normal em suas roupas casuais – está o mordomo, sussurrando algo para ele, enquanto meu chefe parece procurar alguém específico na pequena multidão.

— Estou aqui! — falo mais alto do que tive intenção, chamando a atenção do meu chefe e de todas as pessoas à minha volta. Os olhares surpreendidos de cada rosto que vejo me deixam ainda mais nervosa. — Desculpe, senhor Turner, mas já estou aqui.

O meu chefe, bom… esse me encara com a expressão completamente incrédula e perplexa.

— Mas o que… — ele começa a balbuciar, mas uma risada, quebrando o silêncio que se instaurou no lugar, faz todos olharem na mesma direção.

O menino, Quinn, está se acabando de rir, achando muito engraçado o estado lamentável dos meus cabelos e da forma que me apresento.

Se eu tinha alguma dúvida de que esse pestinha teve alguma coisa a ver com tudo isso, não resta mais nenhuma.

— Quinn! — A voz de Turner soa no salão como se fosse um trovão, fazendo o garoto se calar e todos voltarmos a atenção para o chefe.

O garoto encabulado segue em direção ao pai de cabeça baixa e mãos escondidas nos bolsos da calça. O senhor Turner sussurra algo ao menino. Percebo entre eles uma rápida troca de olhares. Claro que o adulto sai vencedor da disputa silenciosa, e Quinn apenas se coloca ao lado do pai, com a expressão mais triste que já vi em uma criança.

Nesse momento, percebo duas coisas, digamos, notáveis. Enquanto Brent tem cabelos escuros e olhos verdes, o garotinho é completamente ruivo, de olhos azuis muito claros. A cor dos seus cabelos é uma característica bem forte dos irlandeses. Possivelmente o menino tenha herdado a genética da mãe.

O segundo ponto a perceber é o que Vanessa já tinha alertado antes, dizendo que, na verdade, Quinn sofria de um desespero tocante de tentar chamar a atenção do pai. O senhor Turner era mais do que um homem ocupado passando a maior parte do tempo longe da família. Há algo mais nessa história que eu pretendo descobrir.

Não é certo que pais e filhos sejam tão distantes. Perdi os meus pais, e só eu sei como faria de tudo para poder ter a chance de abraçá-los de novo.

— Senhorita Gomes! — O senhor Turner me chama, e pelo seu olhar impaciente, não era a primeira vez. — Gostaria de vir até aqui?

Minha bochecha queima ao sentir novamente a atenção de todos em cima de mim. Quando começo a caminhar, me sinto Moisés atravessando o mar vermelho. O grupo vai se dividindo, dando-me espaço

para passar. Não sei do que eles têm mais curiosidade: do meu cabelo com o tom berrante de verde e mal pintado ou do meu braço sem a mão.

Nesse momento, eu meio que me sinto como Quinn, andando de cabeça baixa. Pelo menos as pessoas não soltam risinhos ou qualquer murmúrio em forma de cochichos. O silêncio é constrangedor e aterrorizante.

Quando chego onde o senhor Turner está, rapidamente começo a me dirigir para o lado do mordomo, que diferente dos demais, não esboça qualquer emoção.

Será que ele realmente é humano ou apenas um robô?

— Maya? — Brent me chama, fazendo com que eu erga a cabeça em sua direção, e quando nossos olhos se conectam, um tipo de estremecimento me atravessa. — Ao meu lado.

Meu Senhor!

Quando me coloco ao lado de Brent e sinto seu perfume gostoso e toda a energia que ele emana, fico completamente inebriada. Parece que vejo algo mais em seu olhar. Um tipo de chama. Ao mesmo tempo, eles me afirmam que não há nada a temer. Que estou segura com ele.

Ok, Maya, controle-se!

Você é a babá da criança e não há nada de mais que o pai peça que fique ao seu lado. Só que essa explicação não consegue me convencer. Mas, com o intuito de evitar ser motivo de mais

constrangimento, faço o possível para me controlar e não permitir que Brent Turner mexa comigo mais do que já tem feito.

Ele não é para você, Maya!

Tenho que gravar isso em minha mente.

Brent Turner é apenas o meu chefe.

— Muito bem. — Seu olhar marcante se desconecta do meu e logo sua atenção está voltada para os outros funcionários. — Acho que a maioria já tem conhecimento do que acontece no país e no resto do mundo.

Um burburinho se espalha, e acho que sou a única pessoa que não tem ideia do que o senhor Turner está falando. Então ele começa a falar sobre um vírus que está se espalhando pela Irlanda e pelo mundo. Fala dos riscos que todos nós corremos e que, a partir de hoje, apenas os funcionários realmente essenciais, como um motorista, duas funcionárias de serviços domésticos, a cozinheira e o mordomo, continuarão a prestar os seus serviços, acrescidos de bônus por permanecerem no trabalho. O restante está dispensado, mas ele manterá o pagamento de todos.

Não sei se fico mais preocupada com a situação caótica que, de repente, cai sobre as nossas cabeças ou em ser dispensada. Agora que vamos entrar em quarentena, Turner com certeza irá preferir cuidar das necessidades de Quinn ele mesmo.

As pessoas vão saindo um pouco mais tranquilas, sabendo que seus empregos estarão assegurados e os salários também. Eu começo a

me mover para a saída, quando sinto dedos macios segurando o meu braço, fazendo-me parar.

— Podemos conversar na biblioteca, Maya?

Meu peito se aperta e sinto as lágrimas virem aos meus olhos. Não sei por que estou agindo assim. Certo, a revelação sobre a quarentena me deixou abalada, mas parece que a maior parte do meu desespero vem do fato de que vou precisar deixar essa casa.

Deixar Brent e o menino Quinn, que achei que poderia, de alguma forma, ajudar.

— Sim, senhor.

Ele também chama o Quinn que, antes de segui-lo, me encara com seus lindos olhos azuis desconfiados.

Quando entramos na biblioteca e Turner se dirige à mesa de mogno, lembro-me do nosso primeiro encontro. Aqui foi o começo de tudo, e parece que também será o fim.

— Sei que essa situação pode parecer assustadora para você, Maya. — Ele começa a dizer, enquanto indica uma cadeira para que eu me sente. — Longe de casa, da família, em meio a um perigo que não entendemos ainda.

Realmente, eu ainda nem sei como reagir a todas essas informações assustadoras que ele despejou. Eu tinha escutado um burburinho aqui e ali a respeito desse vírus, mas nunca achei que se

tornaria algo tão sério que abalaria o mundo inteiro. Parece que estamos em guerra e o inimigo é invisível.

A vida vai ter que mudar. Nada de abraços e contatos mais carinhosos, sempre manter as mãos limpas, e álcool em gel será algo indispensável na bolsa. Uso de máscara constante, sem contar o isolamento social.

— Eu entendo se quiser deixar o emprego ou retornar ao seu…

Deixar o meu emprego?

— Não estou sendo demitida?

Ele me encara com quase o mesmo espanto de quando surgi intempestivamente no salão reservado para a reunião.

— Demitir você? — A pergunta segue a mesma linha de espanto. — Acho que preciso de você mais do que nunca, Maya.

— Então eu não quero ir embora, senhor. Ainda gostaria de ficar aqui e cuidar do Quinn.

A minha resposta parece não deixar o garotinho nada animado, mas basta um olhar de Brent para que ele volte a ficar em postura obediente. O menino pode ser travesso, meu cabelo prova isso, mas ele se porta com educação na frente de adultos.

Eu consigo entender a frustração de Quinn. Para ele, essa pandemia é a sua grande oportunidade de tentar conquistar a atenção exclusiva de Brent. Mas minha presença não coloca essa tentativa de aproximação em risco. Não vou me intrometer entre eles, caso seja isso

que o menino esteja imaginando. Pelo contrário, desejo encontrar formas para que eles se unam ainda mais.

— Bem… eu preciso fazer uma pergunta. — Brent me analisa com cuidado, mas é quase impossível não notar que seus olhos vão em direção ao meu braço sem mão. — Há algo mais. Eu quero dizer…

Ele parece nervoso. Acho que é a primeira vez que vejo o tão seguro Brent Turner meio que pisando em ovos.

— Você está no grupo de risco?

— Tenho a saúde perfeita, senhor Turner. — Também olho para o meu braço antes de voltar a falar. — Isso foi acidente. Já faz muito tempo.

— Fico feliz em saber disso. Quero dizer, sobre a questão de não ser do grupo de risco, não sobre…

Um sorriso, que tento controlar, começa a nascer no canto dos meus lábios. É bom saber que Brent Turner, tão confiante, seguro de si e de tudo à sua volta, aquele que com apenas um olhar frio consegue nos fazer congelar, também é capaz de ficar constrangido.

— Tudo bem, senhor Turner.

Ficamos nos olhando. É meio difícil conseguir explicar o tipo de energia que trocamos apenas nesse olhar. Sorrio para ele e, fantasticamente, recebo um sorriso de volta.

Talvez tenha durado segundos, ou uma eternidade, como sinto que durou, mas o contato é quebrado quando Quinn deixa algo cair da estante, chamando a atenção de nós dois.

— Ok. Agora é hora de resolver outro assunto. — O olhar duro que ele dá a Quinn rapidamente me coloca em posição de querer colocar o menino nos braços e protegê-lo.

Ele sabe. Assim como eu, Brent sabe que o desastre em meus cabelos não tem nada a ver com falta de qualquer habilidade estética.

— Você tem algumas coisas a explicar, não é, garoto?

CAPÍTULO 10



Brent Turner

A minha primeira reação ao ver Maya entrando no salão, com o cabelo verde e esbaforida, foi de choque, assim como a de todas as pessoas presentes, vendo o quão estranha era a nova babá. Depois, um instinto que não sei explicar exatamente de onde vinha, me impulsionou a trazê-la para perto e deixar claro a todos que a garota estabanada e um pouco maluquinha estava sob a minha proteção.

O que vindo de mim é um completo absurdo. Nunca agi assim com ninguém, nem mesmo com Quinn. Isso não é bom. Maya é apenas a babá e quando tudo isso acabar e ela se provar capaz de lidar com o garoto

sozinha, pretendo voltar ao meu mundo de negócios e sem ligações emocionais em Dublin.

Mas, por enquanto, há um problema mais urgente a resolver. O envolvimento de Quinn com o novo estilo de cabelo de Maya. Sei que todos os dedos do moleque estão envolvidos no caso. Sua risada e falta de surpresa ao vê-la entrar foram todos os sinais que eu precisava.

— Então, Quinn, pode abrir a boca. — Encaro o garotinho de olhar assustado e ao mesmo tempo desafiador. — Qual o seu envolvimento nisso?

Ele lembra o meu eu do passado, tentando agradar o meu pai. Só que ao contrário do menino, eu fazia de tudo para tentar agradá-lo, conseguindo um resultado completamente oposto.

— Nisso o quê, senhor?

— O cabelo de Maya. Como fez isso e por quê?

Quinn nos encara com um falso ar inocente. Eu cairia nessa tentativa de parecer inofensivo, se não tivesse chegado até mim, através de relatórios enviados por Gavin, uma boa parte de tudo o que esse pequeno pestinha já tinha aprontado com as babás.

— Eu não fiz nada. — Ele desvia o olhar para Maya e um vislumbre de sorriso surge no canto de seus lábios. — Acho que talvez a senhorita só goste de verde.

Respiro fundo, tentando manter a calma. Se fosse um dos meus funcionários sendo pego mentindo, ele lamentaria ter ousado me tratar

como um idiota. Mas não posso dar ao menino o mesmo destino e tratamento que daria aos meus subordinados.

— Chega, Quinn! — Encaro-o, bastante sério. — Eu não fico feliz com crianças desobedientes, mas eu repudio as mentirosas. Conte a verdade agora, antes que venha a se arrepender.

— Eu já disse que não fiz nada.

— É mentira!

Soco a mesa, e tanto ele como Maya saltam no lugar ao se depararem com o tamanho da minha fúria.

— Senhor Turner, se ele diz que não fez, então não deve ter feito nada. Talvez seja algum problema no shampoo. Eu sabia que não devia ter trocado de marca.

Ótimo. Pelo visto temos um pequeno encrenqueiro, mentiroso, e uma jovem com espírito de salvadora tentando lhe dar cobertura.

— Não se meta, Maya. Mais do que desprezar mentirosos, não tolero seus cúmplices. — Caminho até Quinn e seguro firmemente seus ombros, obrigando-o a olhar para mim. — Diga a verdade. Como fez isso com a senhorita Gomes e por quê?

Há medo em seu olhar, mas Quinn insiste em ficar em silêncio.

Enxergo a sua culpa como também vejo que ele não admitirá nada.

— Certo. Você não vai dizer nada. — Olho para a babá, que morde a boca, acatando minha ordem para que ficasse quieta, com muito esforço, pelo visto. — Tudo bem, Quinn. A parir deste momento, você está

de castigo. Só sairá do quarto para as refeições. Não tem sobremesas, brinquedos ou visitas ao estábulo. Deve ir imediatamente para lá. Ficará até que decida contar a verdade e pedir desculpas à senhorita Gomes.

— Senhor Turner? — Maya me chama, angustiada, mas deixo bem claro, através de meu olhar e expressão endurecida, que não vou aceitar qualquer intervenção da parte dela.

Vendo o quanto estou possesso, ela faz como Quinn, e seu olhar se direciona ao chão.

— É tudo o que o senhor quer, não é? — A voz de Quinn não passa de um sussurro, mas a mágoa que carrega é suficiente para atrair novamente a minha atenção para ele. Seus lábios tremem, mas ele ainda me encara com bravura. — Me mandar para longe, como o Gavin disse. Aí nunca mais vai precisar me ver. Talvez quisesse que eu tivesse morrido como a minha mãe.

As palavras dele me pegam desprevenido.

Isso não é verdade.

Por mais distanciamento que tenha colocado entre nós, algo como isso jamais passara por minha cabeça. Quinn era apenas um bebezinho quando tudo aconteceu e nunca teria desejado algo tão cruel para uma criança, tão inofensiva e sem culpa dos pecados dos pais.

Ficar longe dele, na época e então, foi para mantê-lo protegido de mim.

— Quinn — sussurro seu nome. Penso que talvez devesse esclarecer esse pequeno equívoco, mas o garoto sai correndo da sala com as lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Frustrado e me sentindo como uma das piores criaturas, vou até a janela, focando minha visão no bonito lago da propriedade.

— Senhor Turner? — Ouço o chamado baixinho de Maya atrás de mim. Ela parece um pequeno ratinho temendo se aproximar. — Brent?

Sua mão pequena e delicada toca o meu ombro. Viro a cabeça, olhando para os dedos delicados. Eles transmitem um calor que vai irradiando por todo o meu corpo, causando algo mais.

O que há na inusitada babá, que desperta em mim sensações que nunca tive por outra mulher, com tanta rapidez e intensidade?

O que há nela que me cativa tanto e avisa que eu mantenha distância ao mesmo tempo?

— Você sabe que ele está mentindo, Maya. — Viro-me para ela, e seus olhos cheios de compreensão e ternura causam em mim tanto impacto quanto seu toque. Acho que mais. — Quinn precisa aprender que para cada ação existe uma consequência.

— Mas eu não ligo. — Ela me encara, determinada. De alguma forma, vejo que há total sinceridade no que fala. — Crianças fazem traquinagem às vezes. E a cor não ficou tão ruim assim, não acha?

A tentativa dela é de me descontrair, fazer relaxar, mas ainda me encontro em grande estado de tensão.

— Você poderia ter se machucado, Maya.

Como a babá anterior, que no momento está impossibilitada de andar. Ao que sei, ela também decidira proteger Quinn da culpa do ocorrido, alegando ser um acidente. O menino precisa aprender que há limites. Até mesmo eu, que não permito ter minhas ações e desejos contrariados, sei que o mundo não gira em volta de mim. Quinn pode aprender comigo, em vez de ter que aprender mais dolorosamente com a vida.

— É isso que o aborrece? A possibilidade que eu me machuque?

O espanto na pergunta dela também provoca o meu. Embora não seja apenas por isso, preciso admitir que imaginá-la sofrendo uma tragédia ainda maior, causada pela traquinagem de Quinn, me colocou em pânico.

Droga. Novamente essa garota arrancando de mim sentimentos que não posso sentir, nem por ela nem por ninguém. Quando não há sentimentos, não existem decepções.

— Como seu chefe, preciso me preocupar com sua segurança — respondo rapidamente e com mais entonação do que seria necessário.

Mentiroso!

É o que grita minha consciência.

Exatamente como Quinn, e por motivos obviamente diferentes, estou escondendo a verdade.

— Não tem por que se preocupar comigo. — Ela abre um sorriso, e nem mesmo a cicatriz no canto do rosto consegue diminuir a beleza que Maya tem. — Sei me cuidar. Já sobrevivi a coisas muito piores. Eu acho que Quinn precisa apenas descobrir que estou aqui por ele, e não contra ele.

Talvez Maya esteja certa. Todos estamos com os nervos aflorados, mas o que Quinn fez não foi o correto, e enquanto não admitir o erro, e pelo menos pedir desculpas, o castigo continua em pé.

— Não vou mudar de ideia, Maya. Ou Quinn assume o seu erro e pede desculpas a você, ou ficará no quarto.

— Por quanto tempo?

— A vida toda, se for preciso.

— Senhor Turner!

Temos um impasse. Maya se deixa levar pelo coração, enquanto em mim a razão é o que impera.

— Quinn é só um menino confuso — ela balbucia em um fio de voz.

Dou um passo, ficando mais próximo a ela. Nossas respirações acariciam nossos rostos. Mesmo com esse cabelo verde horroroso, Maya me atordoa mais do que qualquer mulher que tenha ousado me enfrentar como ela faz.

Isso me intriga.

Provoca um certo desafio.

Ela parece frágil e ao mesmo tempo muito forte.

E como é bonita.

Um pouco menina, um pouco mulher. Qualquer homem inteligente sabe que a mistura dos dois pode ser explosiva.

— E você é apenas a babá — digo em um tom duro.

Minhas palavras a atingem. Era o meu propósito. Quando quero, sei ser bem sacana.

Mas então vejo os seus olhos mudarem de indignação para algo bem parecido com tristeza e vergonha. Não sei como explicar, mas não fico feliz em ver a mágoa cobrir o seu rosto bonito.

Droga!

— Maya… — balbucio, minhas mãos prendem sua cintura enquanto os meus olhos ficam presos tanto em sua beleza como na perturbação que minha observação ácida lhe causou.

A sua mão delicada e trêmula toca o meu peito, mas ela não me afasta. Seu toque me queima e esse calor se espalha por cada pedaço de mim.

Temos os rostos muito próximos agora e eu só consigo pensar no quanto seus lábios parecem macios e se seriam tão doces como eu imaginava.

Eu só preciso me aproximar um pouco mais e…

— Senhor? — A voz ecoa atrás de mim e me faz acordar da grande loucura que estava prestes a fazer. — Perdão, o senhor pediu que o avisasse quando recebesse uma ligação do senhor Parker.

Maya se afasta como um gatinho sendo pego no pulo. Não gosto da sensação que tenho quando a vejo se afastar de mim.

— Diga a ele que retorno em breve, Carter — ordeno sem ao menos me virar para ele.

Ainda estou concentrado em Maya, que agora tem o olhar voltado para chão.

Estamos sozinhos novamente, mas o clima é diferente agora. Ambos nos encontramos tensos.

— Maya.

Vejo-a endireitar os ombros e erguer o queixo. O gesto me atinge em cheio e o meu coração, que antes estivera endurecido, perde uma camada de gelo.

— Tem razão, senhor Turner — o sussurro mal desliza por entre seus lábios franzidos. — Eu sou apenas a babá.

Não é!

Quer dizer, é. Mas não apenas isso.

Mas que inferno!

— Com licença, senhor. — Seu perfume delicado e doce como ela me atinge como um soco no estômago quando ela passa rapidamente ao meu lado. — Eu vou ver como o Quinn está.

Parte de mim sabe que devo deixá-la ir e o faço. Estou desafiando o perigo, andando nesse campo minado, e uma hora a bomba vai explodir.

Por outro lado, caminhar descalço na brasa nunca me pareceu tão tentador.

CAPÍTULO 11



Maya Gomes

A menos que eu esteja ficando muito maluca, tive novamente a real impressão de que o senhor Turner iria me beijar. Brent Turner, um dos empresários mais importantes e ricos do país, esteve prestes a beijar a tímida e estabanada babá do seu filho.

Eu só posso estar mesmo presa em um sonho muito maluco, pois nem em minhas maiores fantasias teria imaginado isso.

Mentirosa!

É o que a minha mente traiçoeira vem me dizer.

Eu, assim como qualquer mulher do planeta, sonharia com um beijo de Brent. Eu desejei isso, mesmo quando o confundi com o seu assistente

que deveria ter feito a minha entrevista de emprego.

A verdade é que, desde que meus olhinhos sonhadores caíram sobre esse deus grego em forma de homem, não consigo pensar em mais nada que não seja ele. No toque de suas mãos em minha pele. Na forma que seus olhos parecem desvendar a minha alma e todas as sensações que despertam em mim.

Brent me faz sentir o que nenhum outro homem fez desde que me entendo por gente. Eu quero descobrir até onde essa atração pode nos levar.

Mas isso é errado. Ele é meu chefe e, apesar de todo o desafio que o trabalho representa, eu quero ficar aqui. Quero tentar conquistar o pequeno Quinn e viver todas as experiências possíveis na Irlanda, país que me acolheu com tanto carinho.

Por isso tenho de manter em mente que qualquer envolvimento com o senhor Turner é errado. Eu tenho mais a perder do que ele. Aliás, eu tenho tudo a perder. Não apenas o emprego nesse lugar maravilhoso, como também o meu coração. E não posso perder mais nada. Não sei se conseguiria superar.

Sou mais forte que qualquer sonho tolo, digo a mim mesma, antes de respirar fundo e me afastar da porta onde fiquei escorada após deixar a biblioteca e o meu chefe com ar interrogativo.

Para fugir dele, disse que iria atrás de Quinn, mas antes disso, preciso encontrar o senhor Carter e pedir um pequeno favor.

Ainda estou um pouco confusa em relação à pandemia. Pelo que Brent falou, os únicos lugares que ficarão abertos serão mercados e farmácias, além de hospitais e postos de polícia, para casos emergenciais.

— Senhor Carter? — Encontro-o na cozinha, conferindo algum tipo de lista com Abby.

— Senhorita.

Acho engraçado ser tratada assim, mas como não quero parecer indelicada, mantenho uma expressão quase tão neutra como a do mordomo.

— Gostaria de pedir um favor. Com tudo isso que está acontecendo e essa coisa de quarentena, gostaria de saber se, quando forem fazer as compras para casa, poderiam incluir algumas coisas para mim. — Enquanto ele me encara, fico me perguntando se ele treina esse tipo de expressão e por quanto tempo faz isso. — Claro que vou pagar por tudo.

— Estamos fazendo a lista exatamente neste momento, senhorita — avisa, entregando-me uma folha em branco e uma caneta, que previamente higieniza com álcool. — Coloque tudo o que for precisar.

Eu peço duas; não, três caixas de tinta, por garantia, na cor castanho natural. Algumas máscaras de tratamento, um novo shampoo e, como não sei por quanto tempo vamos ficar nesse isolamento, com muita vergonha, acrescento a marca de absorvente que uso.

— Obrigada, senhor Carter — entrego a lista para ele, que já de luvas, passa para Abby.

Espero que eu não enlouqueça com todas essas regras da nossa nova realidade.

Antes de seguir para o quarto de Quinn, faço uma nova parada, desta vez em meu quarto, para pegar o meu celular. Assim que tiver um tempo, quero ligar para casa e saber como as pessoas estão lidando com essa questão por lá. Pelo que eu me lembro, tivemos até carnaval, e o vírus já estava dominando o mundo. Preocupo-me com os meus tios, primos e amigos. Não sei se nosso país e seus cidadãos estão preparados para lidar com algo tão impactante e assustador. Espero que todos fiquem bem e a salvo.

Enquanto caminho até a porta que liga o meu quarto ao de Quinn, passo pelo espelho oval de corpo inteiro. A visão dos meus cabelos verdes, parecendo palha, me causa um grande arrepio. É, realmente foi uma grande fantasia acreditar que Brent, o homem que já conheceu as mulheres mais lindas do mundo, tenha se sentido atraído por mim nessa versão completamente assustadora.

Mas chega de ficar me lamentando. Há um garotinho triste e perdido nessa casa, precisando de ajuda. Respiro fundo, dou uma leve batida na porta e, após esperar por quase um minuto sem resposta, entro no quarto dele.

Quinn está jogado na cama, de bruços. Não sei se está dormindo ou acordado, então me aproximo com passos silenciosos.

O leve movimento de seus ombros indica que ele pegou no sono, e seu rosto ainda tem marcas das lágrimas que chorou até dormir. Meu coração dá uma grande apertada dentro do peito.

Claro que, inicialmente, fiquei chateada por ver meus cabelos coloridos, mas não aborrecida o suficiente para assistir com prazer ao sofrimento da criança.

Eu lembro de quando acordei no hospital, sem uma das mãos, descobrindo que meus pais estavam mortos e que eles não estariam presentes para me ajudar e apoiar em todo processo de adaptação.

No início fiquei muito triste, depois, um pouco revoltada. Com muita paciência e carinho, os meus tios me ajudaram a me reerguer. A meu ver, as traquinagens de Quinn são um pedido de ajuda. Ele só quer um pouco mais da atenção do pai. Se Brent conseguir ver isso, a vida dos dois ficará mais fácil e mais feliz.

— Pobre menininho — murmuro em português, enquanto passo os dedos em sua testa, afastando as mechas ruivas. — Vai ficar tudo bem. A Maya vai ajudar você. Eu prometo.

Enquanto Quinn permanece dormindo, aproveito para dar um jeito melhor no cabelo, com a grata ajuda de Abby, que me procura antes de ir fazer as compras. Decidimos deixá-lo trançado, de forma que as mechas

pintadas de verde não pareçam tão ruins, e ela sugere que eu coloque uma touca bonita, para dar um charme a mais.

Também entro em contato com a minha família. Ainda não há previsão de *lockdown* no Brasil, mas as autoridades responsáveis estão estudando a possibilidade. Algumas pessoas estão bem contrárias a isso, incluindo governantes. Eu não entendo nada sobre política, mas acho que, se todos os potentes e importantes países do mundo veem isso como uma medida necessária, é o que deve ser feito.

Temo que nosso país chegue no mesmo caso que a Itália. Pela pesquisa rápida que fiz, a situação lá é extremamente triste e desesperadora. Há tantas mortes, que as pessoas nem estão conseguindo enterrar seus entes queridos.

O que está acontecendo é muito triste.

— Tenha cuidado, Maya. Caso se sinta em perigo, volte para casa, minha filha.

— Vou ficar bem, tia Edna. Fique confiante e vocês todos se cuidem.

Nossas despedidas ao telefone sempre são emocionais, mas agora, os motivos de angústia e preocupação, tanto dela quanto meus, são outros.

Coloco o telefone no colo, enquanto seco as lágrimas que não fui capaz de segurar. Ficar longe de casa, da família, dos animais de estimação e longe do nosso país em uma situação normal não é algo fácil.

Às vezes a saudade é gigantesca, mas em um momento tenso como este, os sentimentos ficam à flor da pele.

— Dói?

A pergunta me pega de surpresa, e quando olho para o garotinho sentando-se na cama, noto seu olhar curioso em direção ao meu braço. Sei que ele se refere à minha mão amputada, e sua curiosidade é normal, principalmente sendo uma criança.

— Agora, não mais.

— E antes, doeu?

— Um pouquinho.

Na verdade, depois da operação que tive de fazer, e mesmo com os remédios fortíssimos que tomei pós-cirurgia, senti dores terríveis, mas nenhuma foi pior do que a do luto. Essa, acho que nunca conseguirá cicatrizar.

Deve ser pelo fato de que, diferente da maioria das pessoas, não consegui me despedir deles. Acordei e apenas soube que eles partiram.

— Então, por que você está chorando?

— Tenho um pouco de saudade de casa.

— Você poderia voltar para a sua casa. O Carter pode pedir para o motorista te levar.

Não fico chateada com a sugestão de Quinn. Sei que ele não me quer aqui, como também sei que o problema não é realmente comigo. Poderia ser qualquer outra babá, e o sentimento dele seria igual. Ele acha

que ficar comigo o manterá ainda mais afastado de Brent. O que não é totalmente mentira, pelo que soube.

— Infelizmente não é possível, querido. A minha casa fica no Brasil, você conhece?

— Do Neymar?

A sua pergunta me surpreende. Os irlandeses gostam muito de esportes, mas aqui há três esportes mais praticados e nenhum deles é o nosso futebol.

Aqui jogam o futebol gaélico, que é o futebol irlandês, sendo o esporte mais popular e jogado na Irlanda. Composto por times de quinze jogadores em um gramado retangular com traves em forma de “H” fixadas nas extremidades do campo. O principal objetivo do jogo é marcar gols, conduzindo a bola com chutes e socos. O time com maior pontuação ganha a partida, que geralmente tem duração de sessenta minutos, divididos em dois tempos de trinta.

Depois, temos o *hurling*, que é um jogo nacional irlandês, de origem celta, e é parecido com o hóquei. Também é jogado com duas equipes, formadas por quinze jogadores cada uma. Com uma bola pequena, do tamanho da bola de tênis, o principal objetivo é introduzi-la, com o auxílio de bastões, nas traves com redes. O jogo é contabilizado através de gols e pontos. O gol é aceito quando a bola ultrapassa a linha sob a trave da baliza. Cada partida tem duração total de sessenta minutos.

E, finalizando, temos o rugby**,** disputado por duas equipes também de quinze jogadores. No rugby é utilizada uma bola oval, que pode ser manipulada com as mãos e também com os pés, para chutes e lançamentos. É um esporte onde existe muito contato físico entre os jogadores. O objetivo é avançar no campo para marcar pontos e os jogadores podem passar a bola, desde que seja para um jogador que esteja atrás dele. A duração dos jogos é de quatorze minutos em dois tempos de sete minutos, e a final tem a duração de 20 minutos, com dois tempos de dez minutos. A Irlanda tem uma das principais seleções de rugby do mundo.

— Você gosta de futebol?

Eu lembro de fazer a pergunta usando a palavra *soccer* e não *football*, que soa igual a como dizemos no Brasil. Há uma grande diferença entre as duas aqui. Para eles, futebol é o estilo americano, que também é jogado com as mãos, com estilo e regras completamente diferentes.

— Tem um garoto na minha sala que fez um trabalho sobre isso. Mas eu nunca joguei.

Muitas crianças no Brasil gostam do Neymar e provavelmente esse colega de sala do Quinn deve ser filho de brasileiros.

— Posso te ensinar, se quiser.

Vejo o brilho de interesse em seu rosto, mas logo passa e ele faz uma carranca para mim.

— Eu não quero, obrigado. Parece bobo.

Não, não é. E não apenas porque futebol é o esporte mais amado pelos brasileiros que eu defendo. O problema de Quinn é comigo, em querer me chatear. Pensei que estivéssemos avançando em nossa conversa, mas percebo que não.

— Tudo bem. Agora está quase no horário do almoço. Mas o que gostaria de fazer no restante do dia?

Ele me encara por alguns segundos. Seu jeito de fazer isso lembra muito Brent. *Um mini intimidador*, penso de forma humorada.

— Você não entende a nossa língua ou é boba? — A rispidez está presente, tanto em suas palavras como na forma que me encara, mas não me deixo abalar. — O meu pai disse que não posso sair daqui.

— Entendo bem o que diz e não sou boba. — Apesar de responder com paciência, procuro verbalizar a minha voz com firmeza e autoridade. — Sei que não me quer aqui, mas não vou aceitar que seja rude comigo, Quinn.

— Você vai correr e contar para o meu pai? — Seu queixo se ergue em um claro sinal de desafio.

— Não. Eu fiz isso sobre o meu cabelo?

Desta vez eu que o pego de surpresa.

— Não vou dizer obrigado. — Ele me estuda de um jeito bastante engraçado. — Acho que você está pensando alguma coisa.

— A minha mãe dizia que o problema de uma pessoa maldosa é achar que todas as pessoas pensam igual.

Não que acredito que Quinn seja um garotinho completamente malvado, mas suas ações levadas o fazem encarar a minha bondade com desconfiança.

— O que isso quer dizer?

— Você vai entender no momento certo. Agora, se for malcriado comigo, vou te colocar no cantinho do pensamento até que reflita melhor sobre o que disse ou fez.

— É tipo o porão? — Sua pergunta vem acompanhada de um olhar assustado e arregalado.

— Por Deus, não!

Alguma babá já tinha feito isso com ele?

Sinceramente, por mais levado que seja, prefiro acreditar que não.

— Então, dentro do armário ou no banheiro escuro?

— Não, Quinn. É… — Olho em volta do quarto, vejo o closet, a mesa com cadeira para as tarefas, brinquedos, alguns organizados e outros espalhados pelo carpete, a janela e a penteadeira. — Exatamente aqui.

Pego a cadeira e a arrasto até uma parede lisa.

O cantinho do pensamento era algo utilizado por minha mãe quando eu fazia traquinagem ou dizia coisas que não devia. Fui uma

garota bem-comportada quando criança, mas as poucas vezes que acabei indo para o cantinho me marcaram bastante.

Quinn divide o olhar entre o seu possível lugar de castigo, no futuro, e mim. Um sorrisinho travesso começa a surgir no canto de seus lábios. Com certeza, em seu entendimento infantil o meu castigo não parece ser tão duro como os de Brent, por exemplo.

Pobre criança.

Seguro a minha própria risada.

Uma batida na porta interrompe nosso duelo silencioso. É Abby, avisando que o almoço está sendo servido na sala de jantar e que podemos descer.

Quinn sai correndo na frente. A casa é tão grande, que preciso perguntar a empregada, que vejo saindo de um dos cômodos, para onde devo me dirigir. No início, tenho certa dificuldade em entendê-la, o inglês *irish* é bem complicado de entender, e com as pessoas usando máscara se torna um desafio maior. Peço que ela repita as orientações um pouco mais devagar, e enquanto ela vai falando, faço um mapa mental.

Depois de passar por algumas portas e dobrar dois corredores, chego a uma bonita porta dupla de vidro. O mordomo surge antes que eu toque na maçaneta. Ainda na porta, ele mostra o álcool em gel que traz em uma bandeja. Depois que faço minha higienização corretamente, ele se afasta, dando espaço para que eu passe.

Dou três passos decididos até estacar alguns metros diante da mesa retangular.

Meus olhos parecem não acreditar no que veem.

Oh, não!

CAPÍTULO 12



Brent Turner

Preciso fazer um grande esforço para esconder o divertimento que a surpresa de Maya, ao me encontrar à mesa, me causa. Também estou tão desconcertado quanto ela, por ter decidido me juntar aos dois para o almoço no último momento.

Na verdade, eu nunca tinha feito qualquer refeição com Quinn antes. E tenho motivos específicos, que não têm nada a ver com a babá – é o que repito para mim mesmo desde que deixei o escritório – para vir até aqui hoje.

— Tudo bem, Maya?

Ela parece um sapo abrindo e fechando a boca. Um sapinho gracioso, mas, ainda assim, engraçado. Tenho vontade de provocá-la para ver se suas bochechas conseguem ficar mais rosadas.

Tal pensamento faz com que me sinta um pouco perverso. Eu nunca liguei de ser um pouquinho malvado com as pessoas antes. Malvado, não, só extremamente exigente e intransigente. Mas era diferente com a Maya. Ainda mais assim, com o cabelo trançado e uma touca delicada que combinam perfeitamente com ela, fazendo-a parecer uma colegial. Não consigo manter o meu ar de durão.

— Sim. Tudo bem. Não sabia que o senhor estaria aqui.

Ela analisa todo o comprimento da mesa, acho que se perguntando se deveria se sentar mesmo ali. Indico uma cadeira ao lado de Quinn, que a deixará de frente a mim.

— Acomode-se, por favor. Não queremos deixar que a comida esfrie.

Maya se senta, e eu olho rapidamente para Quinn, que está educadamente em seu lugar. Dou um sinal a Carter de que a refeição já pode ser servida. Em um momento normal, teria no mínimo meia dúzia de pessoas entrando e saindo da sala de refeição, cuidando para que tudo transcorresse sem que eu nem me desse conta. Hoje temos o mordomo e uma das empregadas. Mais de setenta por cento dos meus funcionários da casa foram dispensados para que passassem esse período turbulento na segurança de seus lares.

Nós começamos a comer. Bom, Quinn e eu começamos a comer, mas Maya, de cabeça baixa e ombros encolhidos e tensos, apenas belisca algumas batatas e leva alguns punhados de ervilha à boca. O suculento bife que está em seu prato nem ao menos é tocado.

O choque da realidade me bate. Nós fazemos tantas coisas com naturalidade, que não nos damos conta do quanto pode ser difícil para outras pessoas, em situações similares a de Maya, executar tarefas tão simples como cortar um pedaço de carne.

Algo que nunca pensei que jamais vivenciaria acontece. O meu coração se enternece por ela. Também fico irritado comigo mesmo e com quem tenha preparado o cardápio, por não ter pensado em sua limitação.

— Maya? — Sinto o nó ficar maior em minha garganta quando ela ergue o olhar acanhado para mim. — Posso ajudar você?

O que quero realmente perguntar é por que ela não usa uma prótese mecânica, isso facilitaria muito sua vida. Então pondero o quanto elas podem ser caras e que talvez ela nunca tenha tido condições financeiras de providenciar uma.

Ela me encara, indecisa. O pouco tempo que a conheço, nas ousadas vezes que teve coragem de me enfrentar, tanto para conseguir o trabalho como para defender Quinn, me demonstraram como ela é corajosa e, na medida do possível, procura agir com independência e segurança.

— Apenas a cortar a carne, se me permitir. — Tento abrir um sorriso acolhedor, e ela acaba retribuindo timidamente. — Ou, se preferir, Carter pode trazer outra coisa.

Como peixe ou frango em tiras, que teria sido muito mais fácil para ela manusear com apenas uma mão.

— Obrigada, senhor Turner — ela balbucia, empurrando o prato até mim.

Corto pequenos pedaços de bife, como faria com uma criança, e para minha surpresa, me sinto contente em poder ajudar. Eu, um homem acostumado a enfrentar as mentes mais brilhantes, que obteve importantes conquistas nos negócios e até saindo em revistas e sites do ramo, encontro-me aqui, com um menino que passei boa parte de sua existência ignorando, cortando pedaços de carne para uma jovem que não consigo descrever como menos que encantadora. E estou tranquilo. Nunca me vi tão relaxado e calmo.

— Aqui, Maya. — Devolvo o prato a ela.

Voltamos a comer como se nada tivesse acontecido. E, de fato, apesar do acanhamento inicial de Maya, não foi nada demais para mim.

— O que está achando da Irlanda? — Inicio a conversa com um assunto que acho seguro para todos.

Pelo brilho em seus olhos, vejo que ela fica feliz com a minha pergunta.

— Ainda não conheci muitas coisas. O plano era viajar nas férias em junho, mas agora… — Eu a entendo. Com tudo o que está acontecendo no momento, o futuro é incerto. — Mas conheço um pouco de Cobh. E estive no início do ano em Wicklow, onde fiquei por um fim de semana. De lá fui até o Lago Guinness…

O nome verdadeiro do lago que Maya se refere é *Lough Tay*, nome inglês derivado do irlandês *Loch Té*, que significa '*lago do chá*', devido à sua semelhança com o forte chá irlandês. O apelido, "O Lago Guinness", vem dos antigos proprietários da terra. O lago faz parte da antiga propriedade de Arthur Guinness. Outra razão alegada para ele ser chamado assim, é que a família Guinness importou areia branca e a colocou sobre uma praia na margem norte do lago, para fazer com que parecesse um *pint*[2] de Guinness. É realmente um lugar muito bonito para se conhecer.

— Eu também fui à ponte do P.*S. Eu Te Amo*. Sabe, aquela do filme com Gerard Butler e Hilary Swank? Conhece?

Afirmo que sim com a cabeça, dando um sorriso. É uma ponte famosa, porque lá foi gravado esse filme romântico bastante conhecido mundialmente.

Faço um sinal para que ela continue a falar. Há alguns erros na pronúncia de algumas palavras e pequenos equívocos no uso de outras, mas nada que tire o mérito de estar aprendendo uma língua nova. Além disso, seu sotaque tem um charme difícil de ignorar e que identifica de

onde ela vem, por causa da presença do g e de outras letras que devem soar mudas.

— Eu adoro Kinsale, acho muito charmosa, e amei conhecer o Parque Nacional de Killarney. Aliás amei o Poet's Corner. Lá podemos trocar livros que terminamos de ler e por outro diferente. Isso é muito legal.

Conversamos sobre alguns detalhes interessantes do lugar. O Parque Nacional de Killarney contém muitas características de importância nacional e internacional, como os carvalhos nativos e os bosques de teixo, juntamente com uma abundância de árvores perenes, arbustos e uma profusão de briófitas e líquenes que prosperam no clima ameno de Killarney.

— Os cervos vermelhos nativos são os únicos na Irlanda, com presença no país desde a última Idade do Gelo — informo. — E o Parque Nacional de Killarney foi designado Reserva da Biosfera em 1981, pela UNESCO e…

A nossa conversa é interrompida por um barulho seco, e quando viramos em direção ao som, vejo a jarra de suco, tombada sobre a mesa, espalhando o líquido laranja pela toalha branca.

Quinn nos encara com o semblante bastante fechado. Claramente o menino não está nada feliz por não ter a devida atenção à mesa. Entendo-o em parte, pois sei como é ser ignorado, e na idade dele, lidar com esse tipo de sentimento é realmente confuso. Mas não é agindo

como um garotinho malcriado que ele conseguirá ser notado como quer. Eu nunca consegui, mesmo sem fazer metade das traquinagens dele.

— Foi sem querer — ele se justifica antes que o acuse.

— Tudo bem, Quinn. — Maya começa a se levantar, pegando um guardanapo da mesa. — Acidentes acontecem e…

— Sente-se, Maya! — digo com firmeza, voltando a atenção para o pequeno destruidor do outro lado. — Se o Quinn sujou, ele mesmo vai limpar.

— Mas… — Pelo seu olhar rebelde, vejo ele que está pronto para argumentar, mas o olhar que devolvo a ele, acompanhado de uma carranca capaz de assustar o mais corajoso dos meus funcionários, rapidamente o faz mudar de ideia.

Ele seca a mesa obedientemente, e quando termina, volta ao seu lugar em silêncio.

Não acho que Quinn seja um garotinho ruim. Ele precisa de alguém que lhe mostre os limites, aponte a diferença entre certo e errado, estabeleça onde terminam os direitos e iniciam os deveres, as obrigações. O garoto precisa de um pai.

Mas eu não posso ocupar esse papel. Os riscos de ser exatamente uma cópia do meu próprio pai destruiriam sua infância já marcada pela vida.

Quando todos parecem ter finalizado a refeição, Carter e a empregada começam a retirar os pratos.

— Então, Quinn. Você tem algo a nos dizer?

Não esqueci o que ele tinha feito à babá e ainda não mudei de ideia em relação ao castigo dele.

O menino olha para mim, depois para Maya, que só lhe dá olhares carinhosos, incentivando para que ele fosse sincero.

— Não, senhor — ele balbucia, abaixando a cabeça.

Fico desapontado.

— Mentira é algo que não tolero, Quinn.

Ele ergue a cabeça rapidamente, me dando um olhar assustado.

Sinto-me um pouco impostor ao afirmar isso. Embora em todas as outras áreas da minha vida eu seja acidamente verdadeiro, em relação ao garoto, oculto uma revelação importante.

— Eu já o perdoei, senhor Turner. — Como esperado, Maya vem ao socorro de Quinn.

— Mas eu não esqueci, Maya. E isso é uma pena, Quinn, porque hoje pedi que a cozinheira fizesse algo muito especial. — Faço um sinal a Carter, que entra carregando a travessa de sobremesa. — *Scones*.[3] É um dos seus doces preferidos, não é mesmo, Quinn?

O garoto divide o olhar esbugalhado entre mim e os bolinhos apetitosos que são colocados na mesa.

— Já provou, Maya? — indago, pegando um dos bolinhos fofinhos.

— Não, mas…

Seu olhar bravo para mim é um claro sinal de que ela sabe que faço isso para provocar Quinn. Peguei algumas informações com Gavin do que o menino mais gosta, não para usar contra ele, como o olhar acusador de Maya indica, mas a meu favor.

Não há como me vencer nisso. Ganhei guerras contra empresários do mais alto prestígio, e não será um garotinho a ganhar de mim.

— Senhor Turner? — É como se eu encarasse minha professora do ensino infantil.

Talvez eu esteja me rebaixando ao nível de Quinn. E isso é vergonhoso admitir, mas na guerra, e não importa qual delas ou seus motivos, vence quem tem as melhores armas.

— É uma delícia. Você deveria experimentar — eu continuo a dizer e passo uma generosa camada de geleia de frutas em uma das bandas do bolinho que foi dividido ao meio. — Hum… delicioso.

Fecho os olhos, saboreando a perfeita camada de creme e massa. Exagero um pouco na reação, observando furtivamente a expressão do menino. Ele está como um desses cachorrinhos, com os olhos pidões, quase se jogando em cima de um pedaço de carne.

A cena é, no mínimo, inusitada. De um lado, um garotinho sentindo como se seu mundo estivesse ruindo, do outro, a babá me encarando como se eu fosse o pior dos pais. Não que realmente não seja. Aliás, nunca estive nesse papel para Quinn.

De repente, o gosto adocicado da sobremesa começa a ficar amargo em minha boca.

Se fôssemos uma família, dessas reais ligadas pelo amor e todas as baboseiras que são prometidas, esse seria um momento de compartilharmos algo prazeroso.

— Quinn, ainda não tem nada a dizer?

Seu olhar e sua atenção ainda estão no doce açucarado em cima da mesa. Começo a sentir que sua teimosia “admirável”, mas irritante, está prestes a começar a desmoronar, quando seu semblante fecha.

— Não.

Ok, estou furioso, ou estive muito furioso, mas preciso admitir, o pequeno malcriado tem determinação.

Não sei como explicar, mas tenho a sensação de que saio perdendo de novo.

Pois bem, ele vai falar. Isso é uma promessa.

— E você, senhorita Gomes, não quer provar um?

— Não, obrigada.

Droga!

Maya deveria estar do meu lado. É ela que está com o cabelo pavorosamente verde, embora, avaliando bem, não fique tão ruim assim trançado. A verdade é que, nem mesmo vestida com um saco feito de juta ela ficaria feia.

— Carter? Pode retirar tudo.

O trabalho é feito em silêncio. De repente, estamos todos de mau humor. Quinn não quer ceder. Eu não vou desistir. E Maya decidira se debandar para o lado que acreditava ser o mais fraco. E esse lado, definitivamente, não é o meu.

Mas ainda tenho algumas cartas nas mangas, tanto para Quinn quanto para a babá atrevida, que deveria saber bem as consequências de provocar alguém como eu.

— Já conhece o estábulo, senhorita Gomes? — indago em um tom totalmente inofensivo.

— Ainda não, senhor Turner.

— Gosta de cavalos?

— Na verdade, nunca cheguei muito próximo de um.

— Temos uma excelente criação que vem da Inglaterra, diretamente da rainha — aviso, levantando-me da mesa. —Vá pegar um casaco e coloque uma bota. Vou mostrá-los a você.

Esse é só mais um meio de esfregar na cara de Quinn outra coisa que ele ama, mas que seu mau comportamento o fez perder. Não tem nenhuma ligação com Maya, e o tempo que seremos obrigados a passarmos juntos não terá qualquer relevância.

— Eu a-acho que… — Seu gaguejar indica que ela pensa exatamente o oposto de mim.

— É uma ordem, Maya. Vejo-a em frente à casa daqui a vinte minutos.

Não há com o que ela possa se preocupar. O que quase aconteceu na cozinha, nessa madrugada, depois na biblioteca, não irá se repetir. Ela é apenas a babá de Quinn, e eu, seu chefe. Somos e temos vidas completamente diferentes.

— E você, Quinn, volte ao seu quarto.

Ele me encara com o mesmo olhar acusador dessa manhã. Eu sou o carrasco, mas é a primeira vez que não me sinto tão à vontade em cumprir esse papel.

No fundo, ele é só uma criança perdida.

Como eu fui. Mas Quinn não deve se tornar o mesmo homem que eu me tornei.

Esse, sim, seria o meu maior erro com ele.

CAPÍTULO 13



Maya Gomes

O que Brent Turner tem de lindo e sedutor, tem de cabeça dura, o que pelo visto é uma característica que Quinn havia herdado dele. São dois teimosos puxando uma corda de aço.

Deveria ser um adulto e uma criança aprendendo algo com ele, mas vejo dois menininhos medindo forças. E assistir a essa desavença sem sentido me deixa angustiada.

Quem já perdeu os pais tão cedo, como eu, entende bem a importância dos laços familiares e de dar valor às pessoas que amamos enquanto ainda estão ao nosso lado. Eu fico triste de ver pai e filho tendo um relacionamento tão frio e distante.

Quero ajudá-los a se aproximarem mais, só que de um lado tenho Quinn, um garotinho machucado e arisco, que ainda não tem confiança em mim. Do outro, Brent, o homem que me confunde, atordoa e é o meu chefe inalcançável.

Entendo a causa de Brent, mas discordo dos meios que usa para corrigir Quinn. E me usar como peça para atingir o menino foi um golpe baixo. Mas ele é o meu chefe, e não tive opção, além de aceitar seu convite para conhecer o estábulo. Isso significa mais tempo juntos, e cada segundo a mais com o meu lindo e atraente empregador deixa mais frágil o meu coração tolo.

Antes de executar a tarefa que o senhor Turner me dá, pois ele deixou claro que o convite não passava de uma obrigação de trabalho, vou até o quarto de Quinn, afinal é pelo menino que estou aqui, embora o pai dele pareça pensar o contrário.

Encontro-o estirado de bruços sobre a cama, os braços cruzados e o rosto escondido neles. A cena é de cortar o coração, e vê-la me deixa mais apegada emocionalmente do que deveria. Sejam meninos ou homens, os Turner sabem bem como balançar o coração de uma garota.

— Sabe, Quinn — murmuro, caminhando a passos silenciosos e sento-me na ponta da cama —, eu estive pensando. Que tal caminharmos em volta do lago, mais tarde? Parece tão bonito daqui.

A Irlanda é conhecida por ser um país muito verde. Como é uma ilha, estamos cercados pelo mar e podemos ver água por todos os

lugares.

— Eu não posso! — Apesar da brusquidão nas palavras, ele acaba sentando-se na cama para me olhar. — Estou de castigo, não lembra?

Castigo que, a meu ver, já devia ter acabado. Eu já nem estou tão chateada. Além disso, a situação que vivemos agora não nos dá espaço para perdermos tempo com coisas tão tolas.

— Talvez eu consiga falar com o seu pai e…

— Ele não vai te ouvir, Maya. — Diferente de quando Quinn enfrenta Brent, com ar rebelde e corajoso, desta vez seus olhos me encaram tristes. — Ele me odeia.

— Claro que não! — pronuncio, chocada, e toco sua bochecha, onde uma lágrima desliza. — Seu pai não odeia você, Quinn. Nunca pense isso.

— Então por que ele nunca vem me ver? Nem me leva para ficar com ele na outra casa? Ele nunca liga e nem vem ao meu aniversário. As poucas vezes que veio aqui, me mandava ficar longe. — Ouvir a declaração sentida de Quinn e seu sofrimento ao confessar tudo isso me causa uma tristeza devastadora — Ele não gosta de mim, Maya, e vai me mandar para longe. O tio Gavin me disse.

Eu não consigo acreditar que Quinn esteja mentindo sobre sua relação tão fria e distante com o pai, mas também não quero aceitar que seja verdade. Não sem uma boa explicação.

Seria o senhor Turner ainda tão apaixonado pela esposa, que ver o filho, provavelmente muito parecido com ela, o machucava demais?

Nada vem à minha cabeça além disso. Ainda assim, não é justo com nenhum dos dois. Ambos perdem momentos únicos e preciosos juntos. Mais do que nunca, sei que preciso fazer alguma coisa.

— Você não vai a lugar nenhum, Quinn. E seu pai não te odeia.

— Como você sabe?

Eu não sei explicar, mas não vou aceitar que isso aconteça sem fazer nada.

— Apenas sinto, Quinn. Eu apenas sinto.



Minha conversa com Quinn deveria ter me esclarecido muitas coisas, mas apenas me deixou mais perdida e confusa. O que há entre Brent e Quinn que os mantém afastados?

— Você está atrasada, senhorita Gomes.

Pulo feito um gato assustado ao ouvir a voz de Brent, que aparece atravessando um arbusto. E o meu coração bate o dobro da velocidade quando o vejo em traje de montaria. De terno e gravata, camisa e calça jeans, o homem já fica perfeito, mas em calça justa de montaria e todo o resto combinando, inclusive casaca azul-marinho, ele está realmente de cair o queixo.

— Eu… Hum…

Não devo ter demorado mais do que quinze minutos no quarto de Quinn, depois corri até o meu para calçar as botas adequadas e pegar um casaco. Devo ter me atrasado dois ou três minutos apenas, mas pela cara que meu chefe faz, isso é mais do que uma falta grave, e se não estivéssemos em uma situação tão complicada, certamente seria motivo de demissão.

O senhor Turner não é o tipo de pessoa que espera pelos outros. Ele tem os desejos atendidos antes mesmo que chegue a pensar neles.

— Deixe as explicações para depois, se for capaz — ele diz em tom impaciente, e quando toca o meu braço, guiando-me pelo entorno da casa, meu corpo reage instantaneamente.

Eu posso resistir.

Preciso resistir.

Eu consigo.

É o que digo a mim mesma enquanto sou arrastada por ele a passos trôpegos.

Do meu braço, sua mão desliza até a minha cintura quando chegamos à entrada do estábulo.

Oh, meu Deus!

Eu não consigo resistir.

Nenhuma mulher no mundo conseguiria. Muito menos uma como eu, que não tem qualquer tipo de experiência para lidar com um homem

tão intenso e atraente como Brent Turner, tampouco juízo em não focar no perigo que ele representa para o meu desavisado coração, que como todo o resto de mim, perdeu essa batalha assim que coloquei os olhos em Brent. Agora só me resta esperar não sair muito machucada por estar sendo tão tola.

— A sua mão, Maya.

— O quê? — Encaro, confusa, seus dedos longos e bonitos estendidos para mim.

— Me dê a sua mão.

Faço o que ele me pede e minha mão trêmula é envolvida pela sua. Dois dedos deslizam suavemente por minha palma, e a reação que causam em mim é tão embriagadora que sinto que posso desmaiar. Mas é uma sensação boa, que faz certas partes do meu corpo, que não deveriam, esquentarem.

— Infelizmente, isso é necessário. — Desperto do meu transe vergonhoso, erótico e fantasioso quando ele borrifa um líquido frio em minha mão.

Álcool em gel é apenas uma medida de segurança. Quero abrir um buraco na terra e me esconder dentro dele.

Para mim, fazer qualquer coisa que envolva o uso das mãos é mais complicado do que para a maioria das pessoas. Nessa nova rotina, em que todos estamos despreparados e agindo fora do normal, é ainda mais difícil. Lavar as mãos, passar o álcool, colocar luvas, ajustar a máscara no

rosto. Infelizmente, eu preciso de auxílio para a maior parte dessas tarefas, como o senhor Turner percebeu.

Nem tem nada a ver com o desejo dele em te tocar, Maya! Repito para mim mesma, enquanto ele espalha o gel na minha mão, para parar de ficar sonhando com estrelas. Elas estão longe demais, e Brent Turner mais ainda.

Depois que fizemos tudo que era necessário para nossa segurança e dos demais, entramos no estábulo. Eu amo animais, e estar na presença dos cavalos, mesmo eles sendo enormes e majestosos, pouco a pouco vai me acalmando.

— Eles são lindos — comento, parando em frente a um deles na baia.

Estico a mão em direção ao seu focinho, mas acabo deixando-a suspensa no ar. Primeiro porque não sei se posso tocá-los sem que se irritem, e segundo, por receio que o senhor Turner não vá gostar.

Para minha surpresa, ele segura o meu pulso, e apenas esse contato é suficiente para meu corpo estremecer levemente.

— Pode tocar, Maya — ele sussurra, colocando-se atrás de mim e guiando minha mão até a cabeça do cavalo.

O pelo do animal é extremamente macio e seus músculos fortes demonstram como é bem tratado. De alguma forma, o cavalo me faz pensar em Brent. Dois garanhões que sabem como fazer suas presenças marcantes.

O que é isso, Maya?

Não é nada bom ter esse tipo de pensamento em relação ao meu chefe, até porque essas comparações poderiam me levar a outras e…

Nossa. Está calor aqui.

— Você já montou? — Tento me concentrar na pergunta que me faz, mas é muito difícil quando ele continua a segurar a minha mão e a guiar os meus dedos pela lustrosa pelagem do cavalo.

O movimento é lento e sensual, e me faz pensar em como seria se, em vez da do animal, nossos dedos deslizassem por minha pele nua.

— Hum… não… eu… eu nunca cheguei tão perto de um cavalo antes.

Estou nervosa e com a respiração descompassada. Ter seu peito roçando contra as minhas costas, sentir o perfume gostoso que ele exala, e a voz, praticamente sendo sussurrada em meu ouvido, me deixa fraca.

— Bom, gostaria de tentar?

Nesse momento, se ele sugerisse que saltasse do penhasco mais alto, eu diria: sim, senhor. Não consigo raciocinar com Brent tão próximo.

— Eu… — Viro em sua direção e mostro o meu braço. — Não posso, senhor Turner. Essa é uma das poucas coisas que não posso fazer.

Ele me encara com o seu olhar profundo que tanto me desarma. Sua mão se ergue e vem em direção ao meu rosto. Ele afasta a mecha que eu tinha deixado solta propositalmente para esconder a cicatriz. Ela

não abala Brent, como minha deficiência física também não parece impressioná-lo.

— Pois eu acho que você pode fazer tudo, Maya. Ninguém deve dizer o contrário, nem você mesma.

Suas palavras me tocam. Isso foi o que os médicos me disseram quando me informaram da minha nova realidade e o que comecei a dizer a mim mesma quando aceitei o que não poderia mudar.

Eu posso fazer tudo.

Sorrio, concordando, e ele sorri de volta. Com a ponta dos dedos, faz uma carícia delicada em meu rosto e nossos olhos se conectam por um tempo precioso. Ouso dizer que algo realmente mágico esteja acontecendo aqui. A forma que Brent me olha diz isso e faz o meu coração voltar a disparar.

— Mas… — Ele quebra a conexão entre os nossos olhos e se afasta, indo em direção a uma mesa larga e retangular, onde existem vários utensílios de montaria. — Iniciar é difícil até para uma pessoa sem os seus desafios. Por isso, iremos juntos.

— Juntos?

Nós dois no mesmo cavalo?

— Isso mesmo. Sou um excelente cavaleiro. — Ele se reaproxima, abrindo um sorriso divertido. — Não vou deixá-la cair, Maya.

Não é isso que me preocupa ou apavora, mas sim todas as imagens que assolam a minha mente. Eu, sentada atrás de Brent,

envolvendo o peito dele com os braços e apoiando meu rosto em suas costas, enquanto cavalgamos juntos feito um desses casais de filmes de amor.

Sei que não devo ter sonhos românticos com o meu chefe, mas ele não ajuda em nada para que fossem evitados.

— Não sei. Acho que o senhor tem muito o que fazer. — Um homem importante como ele deve ter uma agenda bem cheia. — Além disso, há o Quinn. Não posso deixá-lo sozinho por tanto tempo.

— Serão apenas alguns minutos e o Carter ficará de olho nele. E, sim, tenho muito o que fazer, mas nesse momento desejo montar, e você virá comigo.

Por quê? Por que agora?

Eu sou apenas a babá, não foi isso o que ele disse?

— Senhor Turner…

— Vai ser divertido, Maya. Confie em mim.

Confiar nele. Estranhamente, eu confio, mas é de mim que tenho medo.

Enquanto ele tira o mesmo cavalo que estivemos observando da baia para selá-lo, tento encontrar todas as formas de conseguir me esquivar do passeio. Não encontro nenhuma desculpa, e uma parte gigantesca dentro de mim quer apenas fechar os olhos e se entregar a essa aventura.

Ah, que Deus me ajude. Porque eu já não consigo ajudar a mim mesma.

Brent Turner, com seu olhar intenso e sorriso sedutor, é a minha completa perdição.

CAPÍTULO 14



Maya Gomes

Ainda acho a ideia de cavalgar com Brent bastante absurda, mas quando chegamos ao lado de fora e somos novamente recebidos pelo dia claro e bonito, meus receios esmorecem de vez.

— Vem aqui, Maya — ele me chama, estendendo a mão.

Minhas pernas estão um tanto vacilantes, mas eu consigo caminhar até junto dele. Quando as nossas mãos se tocam, um novo estremecimento me toma e sinto o calor irradiar por todo o meu corpo, chegando às minhas bochechas, que ficam vermelhas. Por sorte, ele ignora ou finge ignorar isso.

— Apoie a mão aqui. — A voz rouca, um pouco mais rouca do que de costume, percebo isso, chega aos meus ouvidos como a de um cantor de rock cantarolando exclusivamente para mim, e nem preciso explicar o efeito que tem. — E os pés desse jeito.

É como se ele falasse grego. As explicações de onde colocar a mão e o pé, de como devo pegar impulso para subir, são simples; fáceis, até. O problema é que não consigo me concentrar direito quando as mãos dele cercam a minha cintura e sinto seus dedos fazerem um carinho de leve em mim, por cima da blusa de lã, quando alguns se infiltram debaixo do casaco que uso.

— Tudo bem, Maya. — As mãos me prendem mais forte, e eu prendo a respiração. — Não precisa ter medo. É um cavalo bem treinado.

Definitivamente, medo é a última coisa que sinto.

— Está pronta?

Não consigo responder, então apenas maneio a cabeça, confirmando.

Foco a atenção no estribo, tentando recordar a forma que Brent instruiu de colocar corretamente o pé. Quando ele me impulsiona para cima, levo a outra perna para o outro lado e vergonhosamente me desequilibro, caindo de cara no pescoço do animal, que se remexe, incomodado.

Seguro as rédeas como se minha vida dependesse disso e, de fato, ao olhar a altura que estou do chão, ela realmente depende. Mas Brent

está atento a cada movimento desengonçado que faço e rapidamente me estabiliza, mantendo-me segura sobre o animal.

— Tudo bem. Eu vou subir agora e te deixar segura.

Quando ele disse que cavalgaríamos juntos, imaginei que ele ficaria à minha frente, mas Brent se posiciona atrás de mim. Sou eu que tenho os seus braços em volta da minha cintura e seu largo e musculoso peito batendo contra as minhas costas.

Ele me puxa mais para si, encaixando a minha bunda em…

Oh, meu senhor!

O calor volta a se espalhar por mim, e desta vez agradeço aos céus por ele não poder ver o constrangimento brilhando em meu rosto.

— Está pronta?

— Hum-hum. — Minha garganta seca permite que eu responda apenas isso.

Ele diz algo ao cavalo, mexe os joelhos, pés e as rédeas, fazendo o cavalo começar a trotar devagar.

Evito olhar para baixo e me atenho à nossa frente, como Brent sugeriu que eu fizesse. Acho que ele percebe o meu medo, porque me abraça mais forte, grudando ainda mais os nossos corpos.

Primeiro damos alguns galopes pela propriedade, e quando ele sente que vou ficando mais relaxada, vamos em direção a uma estrada de barro. Chegamos a um lindo campo onde o cavalo começa a galopar. Apesar da velocidade, a sensação de liberdade é tão boa, me sinto tão

segura com Brent me abraçando e me mantendo firme sobre o cavalo, que logo estou rindo e aproveitando cada segundo do passeio.

O caminho nos leva à praia. O cavalo trota bem próximo às ondas do mar, que vai apagando suas pegadas com o vai e vem da água espumosa.

Pareço uma criança encantada com cada detalhe que vê. Amo o mar, e cavalgar podendo desfrutar de uma praia tão bonita me deixa radiante.

Depois de alguns minutos, paramos perto de algumas rochas. Brent me ajuda a descer e amarra as rédeas do cavalo em uma delas. Ele pega um dos cantis que tinha fixado na sela e passa para mim. Depois dá a água do outro cantil ao cavalo.

Quando bebo o primeiro gole, percebo o quanto tenho sede. Eu gritei muito, feliz, em cada percurso divertido até aqui. Lembro de deixar um pouco de água para Brent. Ele leva o cantil à boca, bebendo com vontade. A forma como seu pomo de adão se move quando ele engole é absurdamente sexy. De todas as maneiras, ele é poderosamente atraente.

Envergonhada, desvio o olhar quando seus olhos voltam a buscar os meus.

— Vamos nos sentar um pouco aqui — sugere, indicando uma parte com areia.

As praias aqui, pelo menos as que consegui ir, têm mais pedras e rochas do que areia. Essa praia aqui lembra um pouco mais as nossas.

Nos primeiros minutos ficamos em silêncio, nos conectando com a natureza. Em toda essa calmaria e na paz que nos traz.

— Foi há muito tempo? O seu acidente? — Ele encara o meu braço que o casaco esconde, e eu acompanho seu olhar.

— Eu tinha quatorze anos. Parece que foi há muito, mas de algumas coisas me recordo como se fosse hoje.

O senhor Turner, não posso esquecer de tratá-lo assim até em pensamento, me dá um olhar de compreensão.

— Deve ter sido muito difícil para você e os seus pais.

— Eles morreram no acidente. — Dizer isso, mesmo depois de todos esses anos, ainda me deixa arrasada. — Quando acordei no hospital, eles já não estavam mais lá.

Não falo muito sobre os meus pais por aqui. Poucas pessoas têm coragem de perguntar algo sobre a minha mão, acho que temem serem indelicadas.

Depois de Vanessa, ele é a primeira pessoa com quem me abro. Às vezes é bom ter com quem compartilhar a parte difícil da vida.

Respondo todas as suas perguntas, e ele recebe a maior parte delas com choque e admiração.

— Mas você nunca pensou sobre… — Brent continua com o olhar o que seus lábios não são capazes de dizer. — Tentar uma prótese?

— A vida no meu país não é muito fácil, senhor Turner.

— Brent. Já disse que pode me chamar de Brent, Maya. — Ele sorri, um sorriso perfeito. — Não sou tão velho assim e nem preciso ter tanta formalidade com você.

Isso é interessante. Todos os outros empregados se dirigiam a ele como senhor, é no mínimo curioso receber essa abertura para um tratamento menos formal, quando até o mordomo exigiu formalidade de minha parte. Mas aceito o pedido. Em minha mente, já o vejo apenas como Brent.

— Mas você me contava sobre a prótese. Facilitaria muito a sua vida, não?

— Como eu disse, as coisas não são fáceis no meu país. As próteses, mesmo as mais simples, são caras. Os meus tios têm quatro filhos e receberam de paraquedas a sobrinha, que necessitava de vários cuidados — explico sem qualquer tipo de mágoa ou revolta. — Quando comecei a cuidar de mim mesma, preferi fazer o intercâmbio.

— Eu não entendo...

— A vida é curta, senhor… Brent — corrijo-me rapidamente com seu erguer de sobrancelhas. — Um dia você está feliz, cantando em um carro com seus pais. No outro, acorda para descobrir que eles partiram e que sua vida mudou para sempre.

Sim, eu poderia ter usado o valor que juntei para o intercâmbio para comprar uma prótese, facilitaria muito a minha vida, mas algo inexplicável

me chamava para este lugar. E, sinceramente, por mais que me achem maluca, eu não me arrependo.

Ainda posso trabalhar, economizar dinheiro para a prótese e abrir o meu próprio negócio, se decidir voltar ao meu país.

— Consigo me virar como posso, mas prometi que não vou perder mais nada na vida.

Digo isso e abraço os joelhos, olhando para o mar. Sinto a mão, depois o braço de Brent, em meu ombro. Sou levada em direção ao seu peito e ele me abraça. O que sinto agora não tem nada a ver com a atração sexual que ele me desperta.

Parece que estamos conectados de alguma forma, e o calor que sinto dessa vez vindo dele é gostoso e aconchegante, como se eu tivesse acabado de descobrir o meu verdadeiro lugar.

Nos braços do meu chefe.



O momento de retornarmos à casa chega. Não quero ir embora, e vejo no olhar de Brent que ele também não quer.

— Bem… — Ele se levanta e me ajuda a ficar de pé em frente a ele. — Acho que precisamos ir.

— Sim, precisamos — balbucio e fecho os olhos quando sua mão grande, macia e quente toca o meu rosto.

Nenhum de nós se movimenta. Posso ouvir a respiração dele juntar-se à minha.

— Maya — ele sussurra, fazendo-me abrir os olhos e mergulhar nas profundezas verdes que são os dele.

Ele está sério, mas noto as chamas ardendo em seu olhar, do mesmo fogo que incendeia dentro de mim. Com o polegar, acaricia o meu lábio, e esse carinho me faz estremecer em seus braços. Agarro com força sua casaca e vejo, pouco a pouco, seu rosto se aproximar do meu.

Brent Turner vai me beijar!

Desta vez eu sei que nada nem ninguém irá atrapalhar, e meu coração vem à boca, mas nada se compara a finalmente ter sua boca colada à minha. Ela se movimenta devagar, como se ele apenas estivesse provando os meus lábios, e quando estes se abrem para recebê-lo, sua língua invade a minha boca, roubando todo o meu fôlego.

É uma explosão de sensações e sentimentos.

Brent me puxa, gruda o meu corpo ao seu e o beijo se aprofunda mais. Nunca foi beijada desse jeito, com tanto sentimento e paixão. Um gemido rouco escapa de minha garganta, provocando um dele em resposta.

Sua mão prende mais forte a minha cintura, e seu quadril, onde posso perceber claramente sua excitação, começa a se esfregar contra o meu. Ele me embriaga e me deixa tonta. Brent não beija; ele faz amor com a boca.

Estou febril, quente, praticamente sem fôlego, e ele parece igual, ou pelo menos sua respiração e olhar cheio de angústia quando toca a testa na minha, deixam isso claro. A atração é mútua, forte, e nos pegou como um trem descarrilhado.

Eu ainda não consigo acreditar que realmente nos beijamos.

Mas, tão mágico como tudo aconteceu, rapidamente a fantasia começa a desmoronar. Ele se afasta lentamente.

— Maya. — Vejo-o passar as mãos nos cabelos.

Seu semblante está sério e duro.

As lágrimas vêm aos meus olhos e eu penso no que posso ter feito de errado, mas não chego a nenhuma conclusão.

— É melhor irmos embora — ele diz, indo em direção ao cavalo.

Sinto um aperto no peito. Quero chamá-lo e perguntar o que aconteceu, mas não faço isso. Apenas sigo em silêncio e, como da primeira vez, aceito sua ajuda novamente para montar.

O caminho de volta é angustiante, porque agora sei não apenas como é estar nos braços de Brent, mas também como é ser beijada por ele.

Quando chegamos à casa, em vez de irmos ao estábulo, Brent para o cavalo na porta da mansão. Ele me ajuda a descer, e sei que aqui é a nossa despedida.

O que devemos fazer?

Agir como se o beijo não tivesse acontecido?

Mesmo que nunca se repita, jamais poderei esquecer o quanto mexeu comigo.

— Obrigada pelo passeio, senhor Turner — digo rapidamente, dando as costas a ele, não querendo que note as minhas lágrimas tolas.

— Maya… — Ele tenta puxar o meu pulso, mas escolhe o braço errado, pegando apenas a manga vazia do casaco.

Viro em sua direção. Estou confusa, mas Brent também está. É como se estivesse brigando consigo mesmo, com sentimentos que não quer sentir.

— Eu… Maya… — Estamos próximos de novo.

A atração que sentimos, desde o primeiro momento que nos vimos, que agora sei, depois do explosivo beijo, não era apenas uma fantasia minha, nos atrai como dois ímãs.

Acho que não somos muito bons com as palavras, mas somos perfeitos usando a boca de outra forma.

— Droga — ele murmura, atraindo-me mais para si. — Vou me arrepender disso.

Eu não vou. Deveria, mas sinto que não posso.

Nossos rostos estão outra vez mais próximos, cada vez mais perto um do outro.

Seus dentes perfeitos surgem quando morde o lábio inferior, deixando-o ainda mais sexy. Porém, são os meus lábios que eu desejo que ele morda.

Estamos muito próximos. Então, um baque surdo nos faz saltar para longe um do outro, assustados. Olhamos para cima e vemos que parte de uma janela foi fechada com força, depois a outra. Era a janela do meu quarto, ou pelo menos do quarto depois do meu.

Quinn.

— Merda! — esbraveja Brent, baixinho, se afastando mais.

— Eu… eu cuido disso.

Ele assente. Acho que está tão aliviado para se ver livre desse problema quanto de mim.

De certa forma, consigo entender Quinn, mais ainda assim é angustiante desejar estar ao lado de Brent e vê-lo escapar por entre os dedos.

Não posso fazer quase nada quanto a isso, sou apenas a babá. Mas ao menos Quinn e o pai conseguirei unir. Isso é mais do que uma promessa.

Sigo para dentro da casa, e quando subo o último degrau olho para trás, mas não vejo mais Brent nem o cavalo.

O meu coração segue batendo descompassado no peito e os meus lábios ainda estão sensíveis e formigantes com o beijo quente que trocamos.

Tentei ser forte. Deus sabe como tentei.

Mas ninguém conseguiria resistir a Brent Turner.

CAPÍTULO 15



Brent Turner

Irritação é um sentimento constante em mim, mas o que me domina agora, o que vem se tornando presente desde que Maya Gomes entrou em minha vida, é o de frustração e desejo reprimido. Sim, um puro e intenso desejo por uma mulher completamente oposta a todas que já passaram pela minha cama.

E não digo apenas fisicamente. A amputação da mão e a cicatriz marcando seu rosto não afetam, pelo menos para mim, toda beleza que ela tem. A sua personalidade, uma mistura de fortaleza e delicadeza, me atrai como as flores atraem a abelha.

Quatorze anos. Ela só tinha quatorze anos quando tudo aconteceu. Não apenas passou por um acidente sério, que deixou graves sequelas, como também perdeu os pais. Eles não tinham desaparecido por livre e espontânea vontade, deixando a criança que ela era com a sensação de vazio e solidão, nem tinham decidido mandá-la para longe, ignorando todos os seus pedidos para que fosse amada. Seus pais carinhosos foram arrancados dela e, ainda assim, mesmo com tantos traumas a enfrentar, Maya conseguira continuar com seu coração puro.

Na mesma idade que a vida dela mudou, eu estava sendo treinado para me tornar um homem de negócios duro e implacável, com ensinamentos que também levei para o lado pessoal. Manter as pessoas distantes impedia qualquer decepção. O meu breve e vazio relacionamento com Lenora acabou reforçando essa ideia, fazendo com que me tornasse ainda mais frio.

Maya é o completo oposto de mim. Delicada, cheia de vida, com uma inocente crença de que o mundo pode ser um lugar melhor, e as pessoas também. Ela tem uma doce fragilidade que me faz querer protegê-la. E há muito tempo não penso em ninguém além de mim.

Essa pequena rachadura, querendo ganhar mais espaço em meu peito, é perigosa. Ela me faz baixar a guarda, e o beijo que trocamos foi uma demonstração clara e alarmante do que pode acontecer se minhas resistências ruírem.

Não é apenas um sexo casual com a babá e um repeteco em algum momento. Aquele beijo, a forma que parecemos nos conectar e como meu corpo reagiu ao se encaixar ao dela. Todas as sensações e sentimentos que vieram junto foram fortes demais para julgar um futuro envolvimento sexual como algo simples.

Maya me atrai muito mais do que ouso admitir. Só que ela está aqui pelo Quinn. Ambos já perderam muito. Pela primeira vez, o que eu quero não pode estar acima de tudo.

É melhor ficar longe de Maya, manter o seu coração seguro e o meu congelado em meu peito.

É hora de voltar a Dublin.



Às vezes, tenho a sensação de que estamos dentro de um vulcão prestes a explodir. Eu nunca vi essa cidade tão deserta e silenciosa como nessas quase três semanas. Ruas praticamente vazias, lojas com portas fechadas, restaurantes abertos apenas para retiradas. Os casos de contágio e mortes sobem a cada dia. E o mundo parece estar entrando em colapso.

Os negócios, apesar de tudo, não andam ruins. A venda de bebidas, como já esperávamos, elevou bastante, esvaziando consideravelmente uma boa parte dos nossos estoques. Mas com as fábricas fechadas e os funcionários cumprindo quarentena, foi preciso

pensar em uma nova logística e em novos meios de reposição que não colocassem ninguém em situação de risco.

— Senhor Turner? — Gavin entra na sala que transformamos em escritório, em minha casa em Dublin. — Ligação do xerife.

Com toda essa comoção acontecendo no país, as investigações e procura dos criminosos que atacaram uma de minhas fábricas ficaram ainda mais lentas. Eu espero que desta vez as autoridades tenham informações mais concretas.

— Xerife Cliff?

— Olá, senhor Turner, tenho boas e más notícias. Pegamos o autor do incêndio, contudo, ele apenas foi alguém contratado para o serviço.

— Quem foi?

— Harrison Preston é um nome conhecido?

Repito o nome que ele diz algumas vezes. Não me é estranho, e Gavin vem ao meu auxílio. Foi um executivo dispensado por conduta inadequada, após denúncias de algumas funcionárias que trabalhavam com ele.

Na época, o escândalo trouxe uma exposição negativa aos negócios que me deixou extremamente irritado.

— Então foi vingança. Quanto tempo de prisão ele pode pegar?

— Primeiro temos que encontrá-lo, senhor Turner. Ele não foi achado em sua residência.

Isso não é algo bom. Um homem com sede de vingança, tendo esse momento caótico para permanecer protegido, representa uma ameaça perigosa.

— Qualquer movimento estranho, nos reporte. Continuaremos as buscas. Eu peço que se mantenha alerta e em segurança, senhor Turner.

— Farei isso, xerife.

Não é comigo que me preocupo agora. Preston tentou me atingir através da minha fábrica, mas agora com ela vazia e vigiada pelas equipes de segurança, o seu alvo pode mudar.

— Gavin? Precisamos ir para Garreststown imediatamente.

Maya e Quinn poderiam estar em risco. Eu posso ter mantido distância dos dois por todo esse tempo, em um duro e angustiante afastamento, para ser honesto, mas nunca permitiria que alguém tentasse machucá-los.

Depois de algumas horas, estávamos na estrada com Gavin dirigindo, pois encontrava-me tenso demais para isso. Não apenas por parte de minha mente se preocupar com o maluco do Preston, mas também por saber que vou reencontrar Maya.

A garota não saiu da minha cabeça um único minuto desde que deixei Garreststown, naquela mesma tarde, após a conclusão de que se afastar era a decisão mais acertada.

Pelo menos, para mim não foi. O maldito beijo e o desejo de repeti-lo ficaram em minha cabeça, do acordar ao me recolher na cama. Seus

olhos cheios de luz, o som contagiante de sua risada e até mesmo a cara de zangada que fazia todas as vezes que me enfrentava, fosse para defender Quinn ou defender suas ideias, traziam um sorriso inesperado ao meu rosto.

Também pensei muito sobre o garoto. Principalmente depois da rápida viagem de Gavin a Garreststown e das atualizações a respeito das suas novas traquinagens contra a babá, que diferente das outras, revidava quando preciso ou antecipava cada ataque, fazendo-o cair na própria armadilha como castigo.

Maya sabe lidar com Quinn, mesmo que ele ainda seja arredio com ela, provando o que me dissera no dia da entrevista para a vaga de babá. Ela dá conta do trabalho e parece que não vai desistir.

Isso provoca em mim admiração, orgulho e algo mais que tenho me negado a admitir, mas posso dizer que é bem próximo à felicidade em saber que ela ainda está lá.

— Por que você está parando, Gavin? — indago, ansioso. Já estamos a alguns minutos da cidade e gostaria de chegar em casa antes de escurecer.

— É a polícia, senhor. Estão fazendo o monitoramento.

Apenas quem tem autorização de trabalho pode fazer viagens acima de vinte quilômetros.

Um dos homens da Garda[4] se aproxima e Gavin mostra a carta de permissão de viagem. Alguns minutos depois, somos liberados e voltamos

à nossa rota.

No início da estrada particular que leva à propriedade, já posso avistar a casa majestosa, mas é no lago que recai toda a minha atenção.

— Você pode parar aqui mesmo, Gavin — digo, abrindo a porta antes mesmo que ele parasse.

Ele me diz algo, mas assim que os meus pés tocam o chão, toda a minha atenção está nas duas pessoas a alguns metros de mim.

Os risos, as corridas em volta um do outro e os gritos animados que dão, destacam bem o momento de felicidade que estão compartilhando juntos.

É tocante de ver, ao mesmo tempo que me causa um sentimento que há bastante tempo me proibi sentir. O de me sentir excluído.

Mas, inconscientemente, direciono o motivo do sentimento amargo ou descontentamento, para dizer o mínimo, por ousarem tomar qualquer decisão importante sem a minha autorização.

— Vocês dois! — Minha voz troveja, trazendo a atenção assustada de ambos em minha direção. — Podem me dizer o que significa isso?

CAPÍTULO 16



Maya Gomes

Pensei que a minha conversa no quarto com Quinn, antes de sair para cavalgar com o pai dele, pouco a pouco iria nos aproximar mais. Eu não poderia estar mais enganada.

Acho que o fato de ter saído com Brent e do menino quase ter flagrado outro beijo entre nós azedou as coisas. E se isso não fosse o bastante, o pai dele ter partido para Dublin, ainda naquele dia, só o fez ficar mais aborrecido comigo.

E um Quinn zangado significava muitas artes e travessuras cometidas contra mim. Nas primeiras vezes, fui pega desprevenida e o fiz ficar meditando no cantinho da reflexão. Não que tenha ajudado alguma

coisa, porque tenho um coração de manteiga e sempre acabava liberando-o do castigo antes do tempo, quando o via com carinha de choro. Pura tática para me manipular. Sim, eu sei disso.

Mas o que posso fazer?

Não sei ser rígida demais com crianças nem com animais. Eles são absurdamente encantadores e fofinhos. No futuro, com o casamento e os filhos, com toda certeza não serei eu a ter o pulso mais firme.

Então, após uma cama cheia de mel e penas grudadas nos cabelos, insetos em minhas roupas, bexigas d'água que explodiam em cima da minha cabeça, entre outras travessuras previsíveis, passei a vigiá-lo silenciosamente e a virar o feitiço contra o feiticeiro.

Porque quando é na gente, dói.

É claro que não permitia nada perigoso e Quinn não era realmente um garoto malvado. Ele grita por atenção e o meu coração escuta com angústia e tristeza.

Com quase três semanas nesse campo de guerra, passamos a fazer mais brincadeiras um com o outro do que atacar e contra-atacar. E nossa aproximação deu um salto gigantesco quando, em uma das caminhadas autorizadas por Turner, através de Gavin, que finalmente conheci em uma visita que ele fez para verificar o andamento das coisas, encontramos, em meio às árvores, um cachorrinho assustado e perdido.

A ideia era ficarmos com ele até o dia seguinte, quando certamente o dono apareceria. Contudo, essa espera já dura quase cinco dias e, a

meu ver, é possível que ninguém venha procurar o cãozinho.

Isso me coloca em uma bela e grande enrascada. Primeiro, porque a cada dia que passa não é apenas Quinn que se apega ao animal. Meu coração, que está carente por bichinhos desde que cheguei aqui na Irlanda, fica um pouco mais derretido por Snow, o nome que Quinn deu ao cachorrinho assim que o achamos.

O segundo motivo é a parte mais complicada do problema. É que o Brent, já nem sei se ainda posso chamá-lo assim, não ficará nada feliz por mantermos o cachorro em sua casa sem permissão.

Mas para ver o sorriso de Quinn todos os dias e a felicidade que vejo estampada em seu rosto como agora, enquanto o cachorro late e grita em torno de nós, querendo pegar o graveto que atiramos de um ao outro, a bronca, ou até mesmo uma possível demissão, valerá a pena.

— Joga para mim, Maya! — Quinn grita, batendo as botas na margem do lago, tendo o cãozinho abanando o rabo e latindo em volta dele.

Ergo o graveto, calculando com um olho fechado e outro aberto, a mira certa. É um jogo divertido, que mantém Quinn e Snow bem cansados no final do dia.

Sem a escola, venho tentando mantê-lo entretido de todas as formas que consigo encontrar. A presença do cachorro ajuda em boa parte do tempo. Quinn tem ficado mais calmo e até permitido que eu me aproxime mais, sem desconfiança.

— Ok, meninos. Três, dois… um…

— Vocês dois! Podem me dizer o que significa isso?

Minha mão paralisa no ar alguns segundos antes de eu fazer o lançamento. A voz é alta e forte, como um raio cruzando o céu. Não há comparação melhor do que essa.

Quinn também fica em estado de choque, olhando para o homem que surgiu atrás de mim. A primeira reação dele é pegar o cachorrinho no colo. Eu deixo o graveto deslizar entre os meus dedos e, com joelhos trêmulos, me viro em direção a Brent.

— Senhor Turner — balbucio com a voz tão fraca como me sinto ao olhá-lo.

Eu não consegui passar um dia, uma hora, um único minuto que seja sem que meus pensamentos se voltassem para ele em algum momento. Em cada instante que passamos juntos, fosse na biblioteca, na cozinha, naquela primeira noite, durante o almoço, o passeio a cavalo e o nosso beijo.

Meu Deus! Brent é ainda mais lindo do que eu lembrava em meus sonhos com ele e nas poucas fotos suas que vejo pela casa.

— O que esse animal faz aqui?

Droga. Eu sabia que algum dia esse momento iria chegar, mas não preparei nenhum discurso em nossa defesa.

— Nós o achamos perdido, papai. — O jeito que Quinn fala e olha para ele tem tanta adoração, que meu coração chega a ficar pequenininho

no peito. — A gente pode ficar com ele?

Eu queria ter tido uma conversa em particular com Brent, não que ele fosse pego de surpresa. Mas, sinceramente, achei que depois de todos esses dias longe e sem ligações, nem mesmo uma mensagem perguntando como tudo estava, eu só teria a atenção do seu secretário, que também vejo se aproximar de onde estamos.

Gavin também é um homem bonito, de olhos e cabelos claros, além de um ar calmo e sorriso simpático. Ele é gentil comigo e sempre muito atencioso com Quinn. Era por alguém como ele que o meu coração deveria bater mais forte. Mas não, esse pedaço tolo pulsando dentro de mim escolheu cair nos encantos do homem mais complicado, intimidante, intenso e ranzinza do planeta.

— Não, não pode, Quinn.

— Mas por quê? Ele está perdido e nós queremos ficar com ele.

— Primeiro, não existe esse nós. Segundo, ainda está de castigo, embora a senhorita Gomes encontre maneiras de burlar isso. Terceiro, seu comportamento, principalmente com a babá nas últimas semanas, não lhe dá direito a presentes.

Ótimo, voltamos ao senhor e senhorita outra vez.

— Mas nós já estamos bem. — Seus olhos, sempre tão faceiros, desta vez estão tristes e me procuram, implorando ajuda. — Não é verdade, Maya?

— É, sim. Você tem sido um bom garoto.

Estendo minha mão para ele. Tanto Quinn como o cachorro inquieto em seu colo grudam em minha cintura.

Gavin sussurra algo ao chefe, enquanto eu aninho o menino em meu braço.

Tudo o que Brent pontuou tem uma base de verdade. Quinn realmente agira como um garoto levado desde que pisei nesta casa, e eu meio que dei uma burlada nas regras para que ele não ficasse o tempo todo trancado no quarto. Mas nada disso deveria ser tratado com tanta severidade.

— Podemos conversar um minuto, senhor Turner? — eu falo calmamente e não deixo sua carranca me intimidar. — Dentro da casa, por favor.

Ele até poderá manter a sua decisão de mandar o cachorro embora, mas antes preciso que me ouça.

— Muito bem. — Ele faz um sinal para que eu siga em direção à casa.

Os olhos de Gavin se comprimem, mostrando que mesmo de máscara ele me dá um dos seus sorrisos gentis.

Caminho, sentindo a presença marcante de Brent às minhas costas. Tento controlar o nervoso que ele sempre me causa, mas do qual nunca consegui ser completamente imune.

Chegamos à casa, e ele adianta dois passos, abrindo a porta para mim. Irritado ou não, seu jeito educado e galante prevalece mesmo que

seu semblante continue extremamente sério.

Vamos em direção à biblioteca. Eu me sento, mas ele continua em pé. Segue até a janela, onde vejo que observa Quinn, Gavin e o cachorro brincarem.

A cada tijolo do muro de Brent que consigo escalar, vejo cada vez mais que ele não é esse homem frio e duro, como ele faz questão de demonstrar. Posso até arriscar que seja um escudo de defesa. Uma forma de proteger seu coração de novas feridas.

— Senhor Turner — respiro fundo e calmamente —, sei que posso ter passado por cima de sua autoridade…

— Você acha? — Encaro-o receosa, não sei dizer se a pergunta irônica pende mais para a irritação que vejo em seu rosto fechado ou para o divertimento presente em seus olhos.

— Mas não foi minha intenção fazer isso — continuo com a voz firme, apesar de me sentir o oposto. — Como Quinn relatou, vimos o cachorrinho perdido. Acreditei que em um ou dois dias alguém viria procurá-lo, mas isso não aconteceu.

— Então decidiu que o garoto poderia ficar com ele.

— Não foi assim. Esperava vê-lo… — Na verdade, desejava muito que Brent voltasse para casa.

Para a casa dele, quero dizer.

— Ou que Gavin viesse por esses dias, então, pretendia relatar o ocorrido pessoalmente.

— Ainda assim, minha resposta poderia ter sido não. Isso não seria pior para o menino?

Por que ele sempre se refere a Quinn como o menino, o garoto ou pelo próprio nome?

Nunca filho ou meu filho, como todo pai faz.

— Com certeza seria e foi um erro não ter ponderado melhor sobre essa possibilidade quando permiti que o cachorrinho ficasse, mas…

— Esperava me convencer.

— Na verdade… — Levanto-me, indo em sua direção. — Queria que visse com os próprios olhos que tudo o que Quinn precisa é de um pouco de amor. De dar e receber carinho.

Ambos olhamos em direção ao lago. Quinn parece com qualquer criança da idade dele. Alegre, livre e cheio de energia para gastar com brincadeiras e com seu bichinho de estimação.

— Não o faz lembrar da infância? — Tomando coragem, ergo a mão, tocando o ombro dele. — Em como era bom ter um bichinho desses por perto.

Sinto-o se retrair, mas ele não se afasta nem me afasta, apesar disso.

— Nunca foi permitido que eu tivesse um cachorro, gato ou qualquer coisa parecida.

Sei que crianças que vivem em apartamentos muitas vezes são privadas dessas oportunidades, quando são alérgicos ou quando algum

dos pais não gosta de animais. Mas Brent cresceu nessa casa enorme com terreno amplo para que tanto ele quanto algum animalzinho brincassem. É triste saber que essa experiência lhe foi tão cruelmente negada.

— Mas eu tive os cavalos. Foram boas companhias, eu acho. Até ter que dizer adeus a eles também.

— Então acredito que sabe como Quinn se sente. Pode me punir, dispensando-me do trabalho, mas não tire isso dele.

Ele se vira, parando em frente a mim. Nossos rostos estão perigosamente próximos. Seu olhar é intenso, os olhos verdes possuem um tom mais escuro e profundo. É como olhar dentro de um lago e ser atraído pelas profundezas límpidas.

— Não posso fazer isso — ele sussurra, a boca a centímetros da minha, enquanto seus olhos fazem dos meus seus reféns.

— Mandar o cachorrinho embora? — indago, prendendo o ar em meu peito ao vê-lo se aproximar mais e suas mãos envolverem a minha cintura.

— Deixar você ir embora, Maya. — Seus lábios resvalam nos meus em uma carícia nada menos que atordoante. — Eu simplesmente não consigo.

Então sua boca cobre a minha. O beijo é explosivo e carregado de desejo. Tem gosto de saudade e de uma necessidade que apenas nossos lábios sedentos pelo outro são capazes de admitir.

Nossas línguas se enroscam, dançam uma batida de rock'n'roll, e nossas mãos precisam tocar e explorar um ao outro, acompanhando o ritmo. Nossos gemidos e respiração acelerada completam a harmonia.

Brent me empurra e me gira, prendendo-me entre seu corpo e a parede.

Nos beijamos de forma desesperada. Suas mãos agarram as minhas coxas e me fazem saltar em seu colo. Ele nos conduz até a mesa, onde derruba tudo o que há sobre ela, deitando-me na madeira dura.

Quando sua boca não está na minha, roubando o pouco fôlego que me resta, seus lábios estão em meu pescoço, fazendo-me contorcer e gemer em seus braços. Brent agarra os meus seios por cima da blusa de lã que me veste, e o toque firme me coloca ainda mais em combustão, voltando a gemer e murmurar em seus lábios quando ele volta a me beijar.

É quente. Louco. E quero isso mais do que qualquer coisa no mundo. Me entregar a ele de uma forma que nunca desejei me entregar a nenhum outro.

Finalmente descobrir como é ser amada. Esse grito ecoa em mim com toda força.

Então sua mão firme explora minha parte mais íntima e sensível.

— Brent! — O gemido, cheio de agonia e prazer, explode em meus lábios quando ele acaricia com os dedos o meu sexo molhado e me faz derreter ainda mais com seu toque.

Agarro sua calça, quando seus movimentos circulares e com leve pressão fazem as ondas de prazer aumentarem. Toco seu membro inchado sob a calça de linho, movendo minha mão devagar e com certa timidez.

— Maya… — Seus olhos buscam os meus.

Vejo que o desejo dele é tão latente e desesperado quanto o meu.

— Brent… — Seus dedos continuam a se movendo em círculos, em uma fricção prazerosa que me faz me contorcer ainda mais. — Eu…

Minha cabeça tomba para trás. Minha mente gira e eu me entrego completamente às vibrações de prazer que chegam como ondas, afogando-me.

Acho que meu coração parou de bater, ao contrário das batidas que soam como socos do outro lado da porta.

— Oh, meu Deus! — Entro em surto.

O que fizemos aqui, o que Brent fez comigo, é uma completa insanidade.

— Droga! — ele geme, frustrado, e se ajeita, pondo-se de pé. — Fique aqui.

Obedeço, tanto porque minhas pernas são incapazes de dar um único passo, como também porque estou envergonhada.

— O que você quer, Quinn? — Apesar da pergunta direta, percebo que Brent tentou colocar suavidade na voz ao se dirigir a ele.

— Eu vim dizer que… fui eu que coloquei a tinta no shampoo da senhorita Maya. Também estou arrependido e peço desculpas. — Apesar de não ver o menino, com o corpo de Brent bloqueando a visão tanto do lado de fora quanto de dentro, sinto sinceridade nas palavras de Quinn. — Foi uma coisa muito feia e não vou fazer mais nada parecido. Mas, por favor, papai, não manda o Snow embora. Prometo que vou ser comportado.

Fico tensa. A minha conversa com Brent não chegou a uma conclusão decisiva, quando vimos, já estávamos nos agarrando, e os motivos que nos trouxe até aqui, Quinn e o destino do cachorro, foram completamente esquecidos assim que começamos a nos beijar.

— Ele não vai embora, Quinn — Brent sentencia com um suspiro.

— De verdade? O Snow pode mesmo ficar?

— Se o dono dele não aparecer. Mas ainda precisamos esclarecer algumas regras. Se quer o cachorrinho, saiba que precisa ter responsabilidades.

— Eu vou ter, papai — ele diz em um grito completamente animado. Para minha felicidade e, ao que percebo, surpresa de Brent, Quinn o abraça, agarrando sua cintura. — Obrigado. Você é o melhor pai do mundo.

O rosto feliz de Quinn encontra o meu, emocionado. Por sorte, enquanto eles conversavam, eu ajeitei a minha roupa e nada inapropriado foi flagrado.

— Eu vou contar ao Gavin que o Snow pode ficar.

Ele sai correndo, incentivado por sua empolgação infantil, e Brent continua imóvel no mesmo lugar. Caminho até ele. Foi uma linda cena entre os dois, mas parece que o momento compartilhado afetou Brent muito mais.

— Brent. — Toco o seu ombro.

Ele me encara, mas parece que não me vê.

— Eu… eu… — balbucia perdido, mergulhando em alguma profundidade dentro de si que não consigo alcançar. — Desculpe, eu preciso ir.

Vejo-o sair apressadamente e, com passos ainda mais rápidos, desaparecer no final do corredor.

Dentro de mim há uma confusão de sentimentos. Estou feliz pelo Quinn, confusa com a reação de Brent e ainda abalada pelo momento sublime que compartilhamos.

Estou completamente perdida, concluo, apoiando a cabeça contra a porta fria.

Se com apenas essa troca de carícias foi essa bomba explosiva, como ficaríamos se deixássemos esse desejo latente seguir até o fim?

CAPÍTULO 17



Brent Turner

Eu preciso respirar, ter um pouco de espaço e tentar colocar meus pensamentos em ordem.

Sempre achei que controle era algo que eu poderia ter na ponta dos dedos. Mascarar minhas reais emoções com expressões frias ou neutras ajudam a mantê-las em um campo seguro, o da indiferença.

Tudo estava exatamente onde eu queria, como eu queria. Até a chegada dela. A simples garota contratada para ser a babá da criança com quem passei quase sete anos evitando contato, fingindo que não existia. E por mais cruel que pudesse parecer, foi para o próprio bem do menino.

Mas então Maya chegou como uma brisa de verão, tímida, mas com personalidade suficiente para me fazer senti-la. Fazendo-me olhar para dentro de mim e encarar o meu lado mais escuro.

Não há mais controle com relação a ela nem a Quinn, o que me faz refletir se a decisão tomada naquele dia foi realmente certa.

Esse questionamento esteve comigo em cada dia que passei longe desta casa, nas duas últimas semanas. Em cada segundo que, longe dos dois, na companhia apenas de meus pensamentos sombrios e de um silêncio solitário, tentei compreender a mim mesmo.

Estou obsessivamente atraído pela babá de ar inocente e balançado com a fervorosa tentativa de aproximação de Quinn. Os dois, de maneiras diferentes, me têm sob navalhas. E todo controle que achei possuir está ruindo como um castelo de areia.

— Tudo bem, senhor Turner? — Gavin se aproxima discretamente quando estou avançando em direção ao estábulo.

Bem?

Nada estava bem. Parecia que meu mundo estava sendo engolido por um furacão.

— Você sabe cavalgar, Gavin?

Não sei exatamente por que faço essa pergunta. Normalmente, quando me encontro em um estado de ânimo como esse, prefiro ficar sozinho com os meus pensamentos.

Outro detalhe que Maya e o menino estão modificando em mim.

Isso não é bom. Não pode ser bom. Aprendi muito cedo que baixar a guarda apenas dá espaço para mágoas e decepções.

— Pratiquei um pouco de hipismo quando jovem, senhor.

Meneio a cabeça, achando curiosa a sua resposta. Gavin não deve ter mais do que trinta e dois ou trinta e três anos, mas consigo entendê-lo. Quando chegou aqui era apenas um rapazote saindo da faculdade, buscando oportunidades, e eu o vi como alguém que poderia moldar para se adaptar ao meu gênio e necessidades exigentes. Já são alguns anos trabalhando juntos, que nos fazem sentir um pouco mais velhos do que realmente somos. Temos muita bagagem e histórias para contar.

— Muito bem, escolha um cavalo e vamos dar uma volta.

Nos preparamos e montamos em silêncio. Eu saio a galope e Gavin vem trotando logo atrás de mim. Sigo pelo mesmo caminho que fiz com Maya naquele dia, parando apenas alguns metros além de onde ficamos.

Deixo o cavalo livre, ele não vai a lugar algum sem comando, e passo a andar próximo às ondas quebrando na areia. Em nenhum momento Gavin tenta puxar conversa. Ele sabe que vou falar apenas quando sentir desejo de fazer isso.

— Como foram todos esses anos, Gavin?

Talvez fosse o tempo que trabalhamos juntos nos dando esse tipo de ligação, ou possivelmente eu fosse um livro mais fácil de ler do que sempre acreditei ser, mas Gavin sabe ao que eu estou me referindo.

— Bons. Eu fiz o melhor possível, como o senhor me orientou. As melhores babás, pelo menos até o último ano. Roupas, comida, brinquedos, a melhor escola. Uma visita por mês, pelo menos para saber como andavam as coisas. Algumas ligações…

— Muito mais do que eu fiz — acrescento em um tom amargo.

Mais do que eu devia ter feito.

— O senhor pagou por tudo isso.

Não é suficiente. Não foi suficiente para mim no passado e não é o bastante agora para Quinn. Ele não pode engolir mais a história de que estou viajando ou ocupado demais com o trabalho para passar um tempo em sua companhia.

— Tentei poupá-lo de tudo, Gavin. Achei que era o correto a fazer.

Não cometer com Quinn os mesmos erros que meu pai cometeu comigo.

— Como Quinn pode sentir falta do que nunca teve?

Diferente de mim, que lidei com indiferença e crueldade de perto.

— Você é o pai dele — respondeu Gavin. — Distante ou não, isso é tudo o que Quinn sabe. Penso que há alguns laços, que mesmo que desejemos, não podem ser desfeitos.

De fato, começo a compreender isso melhor agora. A questão é, eu poderia ou conseguiria agir diferente do meu falecido pai?

Essa reflexão me acompanha por um tempo, enquanto caminho observando a calmaria do mar.

Retornamos às nossas montarias. Ainda há algo importante fervilhando na minha mente.

— E a senhorita Gomes? — indago, passando os dedos ao longo do pelo lustroso do cavalo. — O que acha dela?

— Maya? — A intimidade que detecto em sua voz não me deixa feliz.

— Conhece alguma outra senhorita Gomes?

Gavin não se incomoda com minha grosseria ou, se fica chateado, aprendeu com o tempo a disfarçar muito bem.

— Ela é gentil. Divertida. Paciente com Quinn. — É impossível não detectar a admiração por Maya em cada palavra que Gavin diz. — E acho que soube lidar muito bem com o menino.

Tantos elogios me fazem questionar se há algum interesse romântico dele para com a encantadora babá.

— E você conseguiu notar tudo isso em apenas uma visita, Gavin? — Não era para eu soar amargo, mas foi o que aconteceu.

— Bem, passei um fim de semana inteiro com eles. Foi bastante interessante, senhor.

Não gosto disso. Pensar em Maya e meu secretário tendo um longo fim de semana divertido juntos fazia com que as veias das minhas têmporas começassem a pulsar. Não gosto desse novo sentimento que sinto.

Maya e Gavin?

A meu ver, o casal é completamente disfuncional e não combina em nada. Maya precisa de outro tipo de homem, não do pacato e prestativo Gavin.

— Chega por hoje — anuncio com a voz dura enquanto me posiciono sobre a sela. — Já ouvi o suficiente.

Saio em disparada, deixando para trás um Gavin com ar confuso. Não que eu me sentisse muito diferente.

Tudo isso é culpa da linda garota de olhar prateado e com rosto de anjo.



Já faz uma semana que estou de volta à casa de Garreststown Strand. Durante esse tempo, mantive-me o mais ocupado possível com o trabalho, evitando qualquer interação familiar. Diferente dos demais, que compartilhavam refeições, passeios pela propriedade, idas à praia e brincadeiras na sala de lazer depois do entardecer, enquanto a lareira permanecia acesa, mantendo o ambiente aquecido.

Era impossível ignorar que essas atividades acontecem todos os dias. As conversas, os risos pela casa, os momentos que passava pelos cômodos e os flagrava juntos. Quinn, Gavin, Maya e, claro que não podemos esquecer, a bola de pelo branca chamada Snow. Eles juntos

fazem essa grande propriedade parecer o que há muito tempo não é: um verdadeiro lar.

Nesses dias, tenho vivido em uma guerra interna entre a pessoa que fui nesses últimos anos e a que abafei dentro de mim quando era apenas um menino. Esta última quer se unir a eles, às brincadeiras, às gargalhadas, à suavidade da vida. O homem que me tornei se recusa a recuar.

Cheguei até mesmo a ter duas discussões com Gavin ao voltarmos de alguns passeios a cavalo, lembrando-o dos motivos que devem me manter distante de Quinn. Embora meu secretário não entenda, ele sabe até onde pode ir comigo.

Tudo está errado. Esfrego os meus olhos cansados ao chegar a essa conclusão.

O certo seria que eu me redimisse com Maya em relação à forma que nos deixamos levar na biblioteca e que permitisse apenas um relacionamento profissional entre nós.

Mas cada vez que cruzo com ela, que nos olhamos, mesmo que de longe, ou que nos chocamos distraídos pelos corredores, sei que é questão de tempo e oportunidade até o desejo voltar a explodir.

— Inferno! — Fecho o *laptop*, desistindo de conferir a planilha enviada pelo escritório em Dublin.

Manter a concentração no trabalho ou usá-lo como desculpa para continuar fugindo fica cada dia mais difícil.

Frustrado, passo os dedos pelos cabelos e caminho até a janela. No amplo gramado se desenrola uma cena que me prende. Quinn, Snow, Gavin e Maya juntos. Eles têm uma bola, que chutam e tentam tomar um do outro, enquanto o cachorrinho corre empolgado entre eles.

Apesar do vidro fechado, consigo imaginar o som dos risos, dos gritos animados e, mesmo a certa distância, vejo o sorriso feliz em cada um daqueles rostos.

É uma cena que já presenciei antes e que também preferi ignorar, voltando ao meu isolamento. Desta vez é como se me sentisse preso e não houvesse maneira de fugir.

Continuo a assistir. Acredito que Quinn grita por Maya, pela forma que sacode os braços em sua direção. Ela ajusta a bola, calculando a direção do chute, mas não vê Snow se aproximar por trás, trombando contra ela e fazendo-a perder o equilíbrio.

Toco no vidro ao mesmo tempo que Gavin se aproxima, alguns segundos antes que ela vá ao chão. Seus braços a envolvem pela cintura e ele a ergue novamente, ficando de frente para ela. Eles se olham e trocam risadas.

Seria uma bela cena de filme se, para mim, não fosse um completo pesadelo.

Quando ordenei que Gavin ficasse de olho em Quinn e em Maya, atento a qualquer aproximação que Preston pudesse fazer, não imaginei

que ele se aproximaria ainda mais da babá. Muito menos no quanto isso me deixaria incomodado e aborrecido.

Muito aborrecido.

Eu a desejo. Desejo-a desde o dia que a encontrei na biblioteca para a entrevista. E não posso mais negar isso.

Preciso tê-la!

CAPÍTULO 18



Maya Gomes

Não sou a melhor jogadora de futebol, nem ao menos gasto meu tempo assistindo uma partida pela TV, salvo na Copa do Mundo, que praticamente pausa todo o Brasil, mas achei que seria uma ótima atividade física para Quinn.

— Ei! Maya? — Observo o menino com um largo sorriso no rosto, sacudindo as mãos em minha direção. — Passa a bola para mim!

Inicialmente seríamos eu, Quinn e Snow em uma partida divertida. Então Gavin pediu para se juntar a nós. Ele estava sempre por perto e participando de todas as atividades, principalmente as que fazíamos fora da mansão. Nas primeiras vezes, achei que fora uma ordem dada por

Brent, ainda temendo que eu não soubesse lidar com o seu filho sozinha, ainda mais agora com o cachorrinho, mas Gavin não parecia em nenhum momento com alguém preso por conta de uma obrigação de trabalho. Nós três; na verdade, nós quatro, pois não posso esquecer que Snow é um membro sempre presente do nosso grupo, nos divertimos bastante.

Só faltava uma coisa para esses dias se tornarem perfeitos: a presença de Brent. Ele tem nos evitado, mas eu o vejo nos observando de longe, e o seu desejo de se unir a nós é quase tão forte quanto os motivos que, no final, levam-no a se afastar, fechando portas e janelas.

Não conversamos mais depois do que aconteceu na biblioteca. Ele não se junta a nós em nenhuma das refeições, e sempre que nos esbarramos pelos corredores ou em qualquer ambiente da casa, podemos ver o desejo pulsando um no outro, mas acabamos nos afastando com um cumprimento educado.

Toda essa tensão e atração reprimidas me fazem revirar na cama por muitas horas, todas as noites. Desejo Brent com todas as minhas forças e não posso tê-lo.

— Maya, aqui!

Como estamos em três, nosso time está dividido da seguinte maneira: Quinn e eu, Gavin e o cachorrinho.

Eu paro a bola no meu pé, posiciono-a de forma que possa dar um chute certeiro na direção dele, mas quando vou fazer isso, sinto algo bater forte contra minha canela, desequilibrando-me. O susto, acompanhado do

golpe inesperado, me levaria diretamente ao chão, se um par de mãos fortes e firmes não tivessem me amparado.

— Peguei você — diz Gavin, abrindo um belo sorriso para mim.

Ele é um homem bonito e encantador. O tipo de cara simpático, educado e com aquele tipo de charme que deixaria qualquer mulher encantada. Um homem perfeito para se apaixonar.

Só que não é por ele que meu coração bate mais forte.

Nem mesmo quando me prende mais forte ao seu corpo, ajudando-me a levantar, e os nossos olhos se conectam por alguns segundos.

— Obrigada, Gavin. — Eu sorrio em agradecimento. — Esportes não são muito a minha praia.

E minha falta de habilidade esportiva já era algo presente em mim muito antes do acidente. O que pude usar como desculpa durante muito tempo, para fugir das aulas de educação física sem qualquer culpa na consciência.

— Eu acho que… — Ele começa a dizer, mas uma voz inesperada o interrompe.

— O time está completo ou ainda há espaço para mais um jogador?

Com Gavin ainda com a mão em minha cintura, tento me virar em direção à voz de barítono.

Brent está aqui.

Mais lindo do que nunca em roupas casuais, jeans e camiseta escura. Também é impossível deixar de notar em seu rosto uma expressão descontente, contrastando com a oferta amigável.

Acompanho o olhar que ele nos dá e vejo que seus olhos estão fixos nas mãos de Gavin em mim.

— Você quer jogar futebol com a gente, papai? — A voz animada de Quinn, por um instante, chama a atenção de Brent. — Maya está ensinando a gente.

Aproveito a breve interação entre eles para, de forma discreta, eu espero, me afastar de Gavin. Quando olho para ele, sua expressão é tão gentil como de costume, e isso me causa alívio. Gosto de Gavin como um novo e querido amigo. Não acho que ele deva ter qualquer interesse em mim, como os olhos acusadores de Brent gritam ao nos avaliar, mas se existisse, não gostaria de magoá-lo.

— Nós podemos reorganizar o time — Gavin sugere, empolgado. — Quinn e você contra Maya e eu.

Cara de quem chupou limão azedo. Essa é uma expressão que usamos no Brasil para descrever quando alguém faz uma cara nada agradável. Eu posso dizer julgando a que Brent faz, olhando para Gavin, que com toda certeza ele tinha chupado um saco inteirinho.

— Eu e Maya. Você e Quinn. — Brent reorganiza as duplas, vindo em minha direção. — Afinal, vocês já sabem as regras e ela terá que me ensinar.

Eu não acho que seus motivos sejam realmente esses. Principalmente quando Brent se posiciona ao meu lado e, como Gavin tinha feito anteriormente, apoia a mão em minha cintura de uma forma muito mais possessiva, encarando de forma desafiadora quem considera seu adversário.

É apenas no jogo ou ele queria dar um aviso maior com esse gesto?

Não viaja, Maya!.

O distanciamento de Brent deixou bem claro que o que aconteceu entre nós, apesar de intenso, não irá se repetir.

— Certo — Gavin sussurra e vai em direção a Quinn.

Eu continuo paralisada no lugar. É o efeito que Brent Turner causa em mim.

Então suas mãos prendem mais forte a minha cintura e lentamente me fazem virar para ele.

— Agora sou todo seu, Maya.

Todo meu?

Essa declaração, instantaneamente, me leva a ter pensamentos perigosos, que rapidamente fazem as minhas bochechas queimarem.

— Então, quais são as suas regras, Maya? — murmura Brent. Seu rosto está tão próximo ao meu que posso sentir sua respiração, suave como uma carícia.

— É… precisa rolar a bola… então…

Senhor, por que ele tem que me olhar desse jeito, como se me despisse com os olhos?

Como um lobo malvado salivando para devorar o cordeirinho.

— Daí é só chutar a bola em direção às latinhas… bom… depois… é, depois…

Eu sou uma pessoa capaz de pensar, mas não na presença marcante e desnorteante de Brent Turner.

— Chutar no gol. — Ele toca o meu rosto com a ponta dos dedos e afasta as mechas que deixei soltas para cobrirem a cicatriz, prendendo-as atrás de minha orelha. Há tanta delicadeza na forma que faz isso que não me importo em manter essa parte da face escondida. — Vence quem marcar mais.

Obviamente existem outras regras, mas se antes eu já não conseguia lembrar delas, agora é totalmente impossível.

— Chutar e vencer — ele murmura, enquanto sua mão envolve minha nuca e me causa um estremecimento. — Sei muito sobre vencer. Mas minha especialidade é buscar o que quero.

Ah, meu Deus!

A menos que eu estivesse louca, e a essas alturas duvidar de minha sanidade não é um absurdo tão grande, acho que há mais do que um duplo sentido nas palavras que ele diz. É como se me desse um aviso, e essa promessa me deixa eufórica.

— Então vamos começar — Brent murmura, se afastando, mas desta vez sei que se refere ao jogo.

Em quase todo o primeiro minuto de partida eu continuo parada no lugar, dizendo ao meu cérebro que deveria me mover. Aos poucos, a própria animação da partida, de Quinn e do cachorrinho latindo à nossa volta, obriga-me a dar alguns passos e logo estamos todos disputando a bola.

Para quem disse que vencer era sua especialidade, Brent não vai muito bem. O certo seria que tivéssemos mais contato com os nossos adversários, em busca de tomar a bola, mas em toda oportunidade Brent está ao meu lado, tocando-me, mantendo os braços ao meu redor ou impedindo Gavin de se aproximar.

Estamos perdendo de quatro a um para os garotos. Isso porque o único gol que marcamos foi conquistado por mim, enquanto Brent e Gavin se distraíram em um início de discussão, deixando o campo livre.

— Ok, pessoal — chamo-os quase sem fôlego, depois que o alarme do meu telefone soa. — Chega por hoje. Hora de nos arrumarmos para o jantar.

Quinn, apesar dos protestos iniciais por ver sua tarde divertida acabar, está feliz. Ele comemora com Gavin a vitória da dupla, e eu os encaro com um grande sorriso.

— Maya?

Olho para Brent e tenho um misto de sentimentos.

Gratidão, por ele ter finalmente reservado algumas horas do dia para passar com Quinn. Pelos olhos brilhando de felicidade e pelo sorriso contagioso do garotinho, tenho certeza de que foi um dia especial para ele. Felicidade, por ter podido compartilhar esse momento com eles. E, tão importante como os sentimentos anteriores, essa atração causada pelo desejo, que me impulsiona cada vez mais.

— Podemos conversar um minuto?

— Só um minuto, por favor.

Vou até Quinn, peço que ele vá na frente e siga direto para o banho. Ele tenta protestar, mas sou irredutível. Obrigo-o a tomar banho todos os dias, o que ele não gosta muito. Aqui, esse hábito é um tanto diferente do brasileiro. Acho que, por ser um lugar que na maior parte do tempo faz frio e a transpiração é pouca, as pessoas não têm o costume de se lavar todos os dias. Não é o meu caso e não será o de Quinn, enquanto eu for sua babá. Também não é o caso de Brent, que sempre está muito limpo e cheiroso. No quesito higiene e elegância, ele é impecável.

Depois de pegar o meu casaco, retorno para o lado de Brent e ele nos direciona ao caminho que leva até o jardim. Andamos por alguns instantes, calados. O vento começa a gelar a minha pele e eu tento colocar o casaco.

— Espere — ele diz suavemente. — Deixe-me ajudar.

Enquanto passo a mão por uma das mangas, Brent me ajuda a ajeitar o outro braço. Normalmente, sou um pouco mais orgulhosa em relação a isso e não gosto que as pessoas venham ao meu auxílio, mas com ele eu não me importo, tudo parece seguir de forma natural. Como qualquer cavalheiro, simplesmente ajudando uma dama a vestir seu casaco.

Só que não é qualquer homem gentil, é Brent. E quando sua mão desliza pela minha nuca, puxando os meus cabelos para fora e ajeitando a gola em volta do meu pescoço, todo o meu corpo já está em combustão.

Seus olhos verdes parecem um pouco mais escuros ao me encararem, e a intensidade com que fazem isso me leva a me perder dentro deles.

Apesar dessa grande conexão que trocamos, Brent consegue recuar, colocando-se ao meu lado, e voltamos a caminhar.

— Estive refletindo sobre duas coisas. Você já passou pelo período de experiência e pode ficar com o trabalho, se ainda desejar. Fez um excelente trabalho com Quinn, preciso destacar isso.

— Obrigada. — Ouvir isso dele é mais do que um elogio. — Ainda desejo ficar aqui.

Ele sorri. Acho que vejo algo como alívio brilhar em seus olhos, mas ele desvia o olhar para o campo à nossa frente, e não posso afirmar se não foi apenas uma ilusão criada por minha mente romântica.

— A segunda é que… quero te ajudar, Maya.

Levo um pouco de tempo para entender exatamente o que ele quer dizer, mas ao notar seus olhos fixos em meu braço, começo a ter uma ideia.

— Em relação à prótese — ele acrescenta, confirmando o que já tinha compreendido.

Ao mesmo tempo que a oferta emociona, me deixa apreensiva.

— Eu… — Pigarreio para me livrar do nó se formando em minha garganta, — Fico muito agradecida, senhor Turner, mas…

— Brent. Apenas Brent, Maya.

— Eu não posso aceitar, Brent.

Ele me encara, confuso, enquanto assimila a minha recusa.

— Por que não? Maya, você sabe como isso irá facilitar e mudar a sua vida?

— Completamente.

Venho sonhando com a prótese desde que os médicos disseram que era uma possibilidade. Além do fato de sempre ter desejado fazer o intercâmbio aqui, o outro motivo importante foi o fato de poder trabalhar enquanto estudava, o que me daria oportunidade de juntar o dinheiro e, quem sabe, poder adquirir uma prótese, mesmo que de um modelo mais simples. Sim, eu tenho completa noção de como uma prótese tornará a minha vida muito melhor.

— É que… elas são muito caras. E você é… bom, você…

— Sou o seu chefe? O homem por quem se sente atraída?

Está expresso em seu olhar chateado o quanto minha recusa o deixa magoado.

É um tanto machista esse pensamento que tenho. De que qualquer homem que queira te oferecer algo deseje alguma coisa em troca. Mas isso é reflexo das experiências que tive ou que vi através de amigos e familiares mais próximos.

— Se fosse algum empresário em algum tipo de doação beneficente você aceitaria, certo?

Envergonhada, concordo. Tentei alguns programas, mas a fila de espera era grande ou alguma coisa acontecia e eles perdiam a verba, matando meu sonho.

— Não é um pagamento por serviços sexuais, Maya. — A dureza na voz me faz baixar a cabeça, envergonhada. Acho que mereço essa reação, Brent está disposto a me ajudar e o meu orgulho faz com que negue essa grande oportunidade que estou recebendo. — Eu posso ajudar e quero ajudar você. Independentemente do que aconteça entre nós. Pode encarar como uma doação da minha empresa, se isso a faz se sentir melhor. Apenas pense no assunto.

Com o fim do discurso, ele se afasta e retorna pelo mesmo caminho que viemos, deixando-me sozinha para refletir.

Independentemente do que aconteça entre nós.

Assim como eu, Brent também sente que essa atração que nos une está cada vez mais difícil de controlar?

Não importa se vou sair daqui com uma prótese ou com um coração partido, a minha decisão está tomada com relação aos dois.



Não pude voltar a conversar com Brent após nosso passeio no jardim. De acordo com Gavin, ele saiu para um dos seus passeios a cavalo. Minhas obrigações com Quinn me mantiveram com ele até o jantar.

A surpresa da noite é que, desta vez, Brent se juntou a nós. Um Brent completamente diferente do que todos nós, pelo menos Quinn e eu, conhecemos.

Ele está falante, sorrindo bastante, e dá mais atenção ao filho do que em todas as vezes que os vi juntos. Quanto a mim, apesar de não puxar muito assunto, seus olhos estão sempre encontrando os meus e parecem falar mais do que seus lábios.

— A Maya disse que podemos fazer outro piquenique na praia, se o tempo ficar bom. — Quinn remexe sua sobremesa e parece não ter coragem de olhar para Brent quando joga sua isca. — Seria legal se o senhor fosse também. Eu acho que iria se divertir.

O jogo de hoje, sua presença no jantar, tudo isso para Quinn são como sinais esperançosos de que Brent quisesse finalmente agir como pai, passando um pouco mais de tempo com ele.

Olho para Brent. Não sei o que exatamente sua aproximação significa, mas não quero que magoe Quinn, dando-lhe falsas esperanças. O que vejo quando ele encara o menino, a angústia no rosto atormentado, começa a me quebrar por dentro.

Antigas suspeitas retornam. Ficar longe do filho não é apenas um ato de descaso ou maldade de Brent. Há muito mais nessa história.

— Eu… acho que… — Brent me encara, acho que busca apoio. Eu sorrio para ele em encorajamento. — Acho que será legal, filho.

Pensei que a oferta de Brent em me oferecer a prótese teria sido o momento mais emocionante do meu dia, mas ouvi-lo chamar o menino de filho, pela primeira vez, me desmonta completamente.

— Preciso ir à toalete — aviso, já com as lágrimas saltando dos olhos. Saio da sala antes que qualquer um pudesse dizer algo.

Quando chego à metade do corredor, apoio-me contra a parede e deixo que as minhas emoções venham. Elas são fortes demais. Estou feliz por Quinn receber essa dose de amor e carinho. Radiante por Brent finalmente começar a derrubar os muros que ergueu em volta de si mesmo. O que sinto é inexplicável, mas bom. O meu coração se enche de paz e amor.

— Você está bem, Maya?

A pergunta vem de Gavin. Assim como eu, acho que ele notou que esse momento é de Quinn e Brent, e deve ter buscado algum argumento para sair sorrateiramente.

— Um pouco emocionada. — Enxugo as minhas lágrimas, mas estou sorrindo. — Eu sou uma bobona, sabe?

— Não é, não. — Ele se coloca ao meu lado na parede e sorri também. — Achei que esse momento nunca chegaria a acontecer.

— Por que, Gavin? — indago, mais do que curiosa. A felicidade de Quinn e Brent me importa muito. — O que há de errado entre eles?

Ele me estuda com atenção. Creio que está ponderando até onde pode ir sem trair a confiança que Brent deposita nele.

— Não há muito o que posso dizer, além de que, apesar de parecer… — Pela forma que fala e, principalmente, pela expressão que vejo em seu rosto, os dois têm uma relação, mesmo que não declarada, maior do que a de chefe e empregado. — Brent não é um cara ruim. É complicado, mas fico feliz que as coisas comecem a se ajeitar. Pelo Quinn, principalmente. Você fez um grande milagre.

— Eu? — indago, tão confusa como bastante surpresa. — Não fiz nada além do meu trabalho.

— A sua chegada mudou tudo. Mudou os dois. Essa é a única verdade que vejo.

Ele se afasta, deixando-me com essa revelação intrigante. Acho um absurdo aceitar isso, mas ao mesmo tempo também sinto que Quinn e Brent mudaram a minha vida. Eles entraram em meu coração de forma grandiosa. Eu teria feito o mesmo nos dois?

Procuro o banheiro mais próximo, com o intuito de me recompor. Quando finalmente me sinto aceitável, tanto Brent como Quinn já não estão mais na sala de jantar. Também não os encontro na sala de descanso, que está vazia.

Sigo para o meu quarto e abro lentamente uma fresta da porta que liga o meu ao quarto de Quinn. Brent está lá com Quinn e Snow, que deitado no tapete, tem sua total atenção focada neles. Quero ficar e observar bem de perto, mas ao invés disso, dou a eles a privacidade merecida e, com o meu coração cheio de amor, sigo para a cama, onde abraço um travesseiro.

Tudo vai ficar bem.

CAPÍTULO 19



Brent Turner

Alguns laços não podem ser desfeitos. Enquanto observo Quinn finalmente pegar no sono, após narrar com entusiasmo os seus últimos dias felizes, reflito sobre o que Gavin me dissera no outro dia.

Certos laços realmente não podem ser quebrados. Tentei o mesmo com o meu pai. Por mais que ele tenha me tratado com crueldade e indiferença, passei anos da minha vida querendo seu carinho e aprovação. Apenas quando ele morreu, eu entendi que o problema não estava em mim, mas sim nele, e em sua grande incapacidade de amar.

Temendo fazer o mesmo com Quinn, ainda apenas um bebê na época, decidi colocar distância entre nós, mas isso não o impediu de

continuar a me ver como seu pai e desejar o que eu me recusava a ofertar: amor.

É estranho que tenha passado todos esses anos assustado e fugindo desse sentimento, para agora aceitá-lo e crer que posso oferecê-lo de forma natural. Abrir meu coração para o menino e a babá impertinente, doce e de cabeça dura, não me torna um fraco, como acreditei por tanto tempo.

Estou livre dessas amarras que me aprisionaram por tanto tempo, e essa sensação de liberdade emocional é boa.

— Boa noite, Quinn. — Beijo sua testa com carinho, o mesmo beijo que um certo garotinho no passado tinha sonhado receber todas as noites. — Tenha bons sonhos, filho.

Sinto-me confortável em dizer isso a ele agora, embora não tenha sido um pai de verdade para Quinn, não um que ele merecesse nos últimos anos. Faço uma nova e importante promessa de que serei um bom pai, o melhor que conseguir. Mudar o meu passado é fazer tudo de forma diferente daqui em diante.

Sentindo-me inegavelmente mais leve, retorno ao meu quarto. Apesar da paz que pela primeira vez consigo sentir, tenho corpo e mente cheios de energia. Tomo um banho pensando que poderia me relaxar, mas apenas me desperta mais.

Saio do quarto cogitando que talvez uma taça de vinho pudesse ajudar.

Ao chegar ao corredor à meia-luz, vejo que não sou o único a ter dificuldades em ir para a cama esta noite.

— Maya?

Eu a assustei, noto pelo pulo que dá e pela mão que leva à garganta.

— Brent.

— Não queria assustar você. Também está com dificuldade para dormir?

— Achei que um copo de leite poderia ajudar.

— E você trocaria um copo de leite por uma taça de vinho?

Ela medita por alguns segundos, mordendo o canto do lábio de um jeito extremamente sexy e encantador. Tudo em Maya é atraente para mim, do rosto angelical exibindo um sorriso tímido ao corpo curvilíneo, que o robe de cetim evidencia, e aos pés pequeninos e delicados.

E não posso esquecer o sotaque que a deixa ainda mais charmosa.

— Eu gostaria muito.

— A adega fica lá embaixo — aviso, indicando a direção.

Caminhamos em silêncio, de alguma forma sentimos que não há necessidade de falarmos. Quando chegamos à adega, questiono Maya sobre suas preferências de vinho. Ela não entende muito de bebidas e deixa em minhas mãos a escolha de uma boa garrafa.

Depois de selecionar um bom vinho, sugiro irmos para a sala, onde eu posso acender a lareira. Em poucos minutos, o ambiente começa a

ficar confortável.

Maya prova um pouco do vinho e seu nariz e olhos se enrugam em uma careta encantadora.

— Não gostou do vinho?

— É um pouco seco. Estou acostumada com vinhos mais doces.

— Você bebeu muito rápido. — Ergo minha taça e demonstro como deve fazer, se quiser apreciar todas as nuances da bebida. — Esse é um *La Tâche*, safra de 2012, aroma predominante de frutas vermelhas, feito com uvas 100% *Pinot Noir*.

— E você sabe tudo isso bebendo um gole? — ela indaga, espantada.

— Está escrito no rótulo — esclareço com um riso. — Mas conheço a maior parte das bebidas que tenho aqui. A minha família é especialista em cerveja, e sobre isso posso responder a qualquer pergunta que tiver.

E ela tem várias, algumas bastante interessantes, por sinal.

Durante a conversa agradável, meia garrafa foi embora sem que ao menos déssemos conta.

— Sabe o que gostaria de fazer? — indaga Maya, se erguendo das almofadas que espalhamos no carpete onde estivemos acomodados. — Dançar.

— Dançar?

— Sim, dançar. — Ela fecha os olhos, gingando o corpo suavemente de um lado para o outro. — Quando estou feliz, gosto de

dançar.

Eu poderia apenas ficar observando-a se mover, como uma pequena fada saltitando pelo jardim, a noite toda se me fosse permitido, mas sua alegria, seja totalmente genuína ou destacada pelo vinho, me faz querer fazer parte dessa fantasia.

Vou até o equipamento de som. *A Kiss to Build a Dream On*, um soul jazz de Jill Barber, começa a tocar. Caminho até Maya, e com as mãos em sua cintura, puxo-a para mim.

Seus olhos se abrem, e com a luz da lareira, eles parecem ainda mais prateados e bonitos.

Ela sorri do jeito que sempre me encanta. Em seguida, apoia a cabeça em meu peito, enquanto eu canto um verso da música.

Dê-me um beijo para construir um sonho
E minha imaginação irá prosperar após este beijo
Querida, eu não peço mais do que isso
Um beijo para construir um sonho

Apreciamos a canção na voz lindamente doce e movemos nossos corpos devagar.

A música termina, mas precisamos continuar assim, abraçados. Outra canção inicia e seguimos dançando, cada vez mais conectados um com o outro.

A cada movimento, aconchego-a mais em mim, passando as mãos suavemente por suas costas, e ela agarra com mais força o meu robe, o rosto deslizando lentamente por meu peito.

Na quarta ou quinta canção, seu rosto se ergue para encontrar o meu. Há chamas brilhando em seus olhos, que estão me incendiando.

— Brent… — Maya sussurra o meu nome, quase como uma prece, chamando por mim.

— Maya… — Eu afasto delicadamente as mechas cobrindo o seu rosto.

Ela tem um rosto lindo demais para que fique sempre escondido. A cicatriz não a deixa menos linda e atraente, pelo contrário, demonstra toda a força que ela tem debaixo da fragilidade que aparenta.

— Dê-me um beijo para construir um sonho — murmuro, passando o polegar em seus lábios entreabertos. — Querida, eu não peço mais do que isso.

Envolvo o seu pescoço com a mão e acaricio seu queixo com os dedos. Estudo cada pedacinho de seu rosto antes de começar a aproximar o meu. Um pequeno gemido escapa dos meus lábios antes mesmo de unirmos nossas bocas, e quando a união acontece, o beijo é explosivo. Estamos nos afogando nesse beijo, mas é incrivelmente bom.

Tenho urgência de Maya, de cada pedacinho dela, e minhas mãos a exploram com um desejo e desespero que já não consigo conter.

Desfaço o nó prendendo seu robe e, quando me afasto alguns segundos para admirar seu corpo perfeito na camisola sensual, a fera dentro de mim ganha mais força. Eu a puxo de volta para um beijo que nos faz perder os sentidos.

A camisola é a próxima peça da qual minhas mãos ansiosas a livram. Ajudo-a também a me despir. Nus, com a claridade dourada da lareira sobre os nossos corpos, passamos um momento admirando um ao outro.

— Você é linda, Maya.

Não consigo vê-la sendo menos que isso, estonteante. Apesar de todas as razões que poderiam deixá-la tímida diante de mim, isso não acontece, e é essa segurança e força interna de Maya que me atrai nela, mais do que tudo.

— Brent… — Ela toca meu peito quando começo a tomá-la de volta nos meus braços. — Preciso dizer uma coisa.

Há certo receio em seu olhar. Afago seu rosto para demonstrar que está tudo bem.

— Eu nunca… Ninguém nunca… — Seus olhos se fecham e ela morde o lábio, apreensiva. — Eu nunca fiz isso, entende?

— Virgem?! — A indagação de surpresa é mais para mim mesmo do que para ela.

De alguma forma, apesar de ter sido pego desprevenido, a revelação não me afugenta.

— Maya, tem certeza que…

Seus dedos tocam os meus lábios, silenciando-me, e ela me presenteia com um lindo sorriso.

— Eu quero isso, Brent. — Seu queixo ergueu-se um pouco mais enquanto ela oferece a boca carnuda para mim. — Desejo ser sua.

Com um rugido que mal pude segurar em minha garganta, envolvo sua nuca, trazendo seu rosto mais perto do meu. Não a beijo apenas, eu saboreio os seus lábios. A doçura e a inocência que encontro neles me deixa ainda mais embriagado por Maya.

Beijo seu queixo, pescoço. Deixo minha boca deslizar por seus ombros, chegando suavemente nos seios macios e firmes. Ela geme, agarrando-se mais a mim quando levo o mamilo intumescido à boca. Chupo-os, brincando com a minha língua, causando mais um estremecimento em Maya.

Curvo-me até que meus joelhos toquem o chão e, com minha boca, continuo a trilha de beijos e carinhos até chegar ao seu sexo molhado. Afasto suas pernas e apoio uma delas no meu ombro.

Os dedos de Maya buscam apoio em meus cabelos, e eu levo minha boca à sua boceta umedecida pelo prazer que lhe dou.

— Brent! — Maya ofega, arfante, sempre que meus lábios e língua se movimentam em seu sexo de forma audaciosa. — Isso é... Eu vou… Oh!

Ainda lambendo-a, ergo o olhar e vejo-a lindamente entregar-se ao orgasmo que a faz estremecer junto a mim. Reinicio a trilha de beijos por seu corpo, e quando chego de volta à sua boca, nos beijamos com mais fome e urgência.

Estendo o robe como um lençol sobre o tapete e a ajudo a se deitar.

Se soubesse que Maya nunca se entregara a outro, teria preparado um quarto com rosas e velas perfumadas.

— Brent — Ela estica a mão trêmula para mim. — Por favor.

Nenhum de nós consegue esperar.

Curvo-me sobre ela. Beijo seus lábios até que esteja novamente gemendo contra a minha boca. Beijo seu queixo, pescoço, ombros. Abocanho os seus seios inchados, fazendo-a se contorcer. Toco sua boceta molhada com os dedos, fazendo-a implorar por mais. E quando acredito que está pronta, encaixo-me entre suas pernas e, lentamente, vou afundando dentro dela.

— Ahh… — Ouço seu breve gemido de dor e noto seu corpo retesar.

Recuo um pouco, beijo com carinho sua testa, a bochecha, tomo posse outra vez de seus lábios.

— Vai passar, amor — sussurro e volto a me mover, preenchendo-a completamente de mim. — Maya…

Nunca me senti tão conectado a alguém. É mais do que sexo e troca de prazer. É um encontro de almas que torna tudo mais intenso.

— Oh, Brent! — Ela geme e, passando o desconforto inicial, seu quadril se move quase no mesmo ritmo que o meu. — Assim.

Pouco a pouco, eu acelero mais as estocadas, e juntos estamos mergulhando em um embriagante prazer. Acaricio o ponto mais sensível de Maya, e outra vez o orgasmo a invade. Afundo-me mais forte e duro dentro dela, também liberando o meu prazer.

Sem forças, desabo de costas no chão, trazendo-a junto comigo.

— Você está bem, Maya?

O sorriso sonolento, satisfeito e preguiçoso que me dá é a melhor resposta que preciso ter.

— Foi perfeito, Brent — ela diz, aninhando o rosto sobre o meu peito. — Como sempre sonhei.

E eu nunca tinha imaginado que sonharia com uma mulher como Maya, até tê-la em meus braços. Foi um momento importante e especial, não apenas para ela.

Antes de fechar os meus olhos, prendendo-a ainda mais ao meu corpo. Tenho apenas um pensamento, que leva um grande sorriso ao meu rosto. Não há mais como negar.

Estou apaixonado por Maya.

CAPÍTULO 20



Maya Gomes

Acordo, e a primeira coisa que noto é que estou em uma cama. Não na minha, mas uma maior e em um quarto maior. Estou no quarto de Brent. Lembro de quando ele me carregou até aqui. Eu cochilava em seu colo quando o senti me levar nos braços para o andar de cima.

Fizemos amor novamente, dessa vez na cama. Brent foi gentil, mas ainda mais apaixonado que antes. Recordar de cada beijo, cada toque, de todas as carícias que trocamos, me provoca um calor.

Sorrio feito boba, e só por esses míseros segundos tenho um certo contentamento por Brent não estar ao meu lado. Aliso a parte da cama

que ainda tem os sinais de sua presença e levo o seu travesseiro ao rosto, inalando seu perfume gostoso.

Com as pernas um pouco fracas, resultado da noite apaixonada que tivemos, saio da cama. Uso o lençol para cobrir o meu corpo e vou até o banheiro.

Correção. Não é apenas o perfume dele que é gostoso. Brent inteiro e nu, para a alegria dos meus olhos, é um prato cheio.

— Bom dia, querida. — Seu sorriso lindo se abre, mas são os olhos, que parecem me devorar, que me fazem estremecer. — Quer se juntar a mim?

Na verdade, eu poderia ficar a manhã inteira apenas admirando a água escorrer pelo seu corpo molhado e delicioso, mas o desejo de tocá-lo e provar cada pedacinho é maior.

E assim que eu deixo o lençol cair sobre meus pés, Brent me puxa. A sua boca reivindica a minha e trocamos um beijo explosivo e cheio de paixão. Rapidamente, nossas mãos começam a acariciar nossos corpos. Vamos nos levando ao limite, com gemidos ecoando no ar, até Brent me pressionar com o rosto e corpo de frente à parede do box.

Ele acaricia o meu sexo, levando-me a gritar e me contorcer de prazer. Quando sinto que não vou mais aguentar tanta tortura, ele ergue um dos meus joelhos, e seu pau, em uma estocada profunda, preenche cada pedacinho de minha abertura.

Brent fica imóvel. Ambos buscamos fôlego, então ele volta a se mover, para dentro e fora de mim, primeiro bem devagar, mas quando as coisas começam a ficar cada vez mais quentes, suas arremetidas são mais firmes e cadenciadas.

— Aiii… Brent! — grito, fazendo meu gemido ecoar no banheiro.

Nunca imaginei que sentir prazer pudesse ser assim tão glorioso, ou talvez fosse Brent que me levasse a esse tipo de paraíso.

— Maya! — Seus dentes se cravam em meu ombro, e ele arremete mais forte.

O orgasmo explode em minha cabeça como fogos de artifício brilhando no céu. Preciso que ele me segure, pois as minhas pernas e meu corpo todo já não têm mais forças. Em seguida, ele geme e libera seu próprio orgasmo.

Nós continuamos debaixo do chuveiro até conseguirmos energia para nos movimentar novamente. Ele me ensaboa, e faço o mesmo com ele. Depois, Brent me enrola em uma toalha e me carrega para o quarto, onde nos amamos outra vez.



Acordo novamente, só que dessa vez nos braços de Brent. Vejo, pela janela, que o dia está bem claro e até tem indícios de sol.

— Que horas são? — indago, movendo o rosto sobre o peito dele.

— Já passa das oito horas…

— Meu Deus! — Salto na cama. — O Quinn! Ele deve estar ansioso para o café da manhã.

Antes que eu me afaste, sorrindo, Brent me puxa de volta.

— Enviei uma mensagem a Gavin. Ele e Carter cuidarão disso quando o Quinn acordar. Fique tranquila, Maya.

Relaxo em seus braços, mas não fico tranquila. Independentemente do que tenha acontecido entre nós, ainda sou a babá e tenho minhas obrigações a cumprir.

Mas como sempre acontece quando estou com Brent, ele me faz esquecer de tudo, principalmente agora, depois da nossa noite linda e início de manhã perfeita.

Solto um gritinho de surpresa quando ele me faz sentar em suas pernas esticadas na cama. Depois, afasta os cabelos caindo em meu rosto com carinho, e o olhar intenso que me dá chega a fazer meu coração bater forte no peito.

— E o cabelo verde se foi. — Seu sorriso me desnorteia. — Acho que até gostava dele.

— Argh! — Faço uma careta, e Brent beija rapidamente os meus lábios, fazendo-me rir e suspirar ao mesmo tempo. — Era horrível. Abby e Quinn me ajudaram a pintar. Estão quase da cor natural outra vez.

Agora o meu cabelo está em um belo tom de castanho bem próximo ao original.

— Você é linda de qualquer jeito, Maya.

O seu elogio sincero, que vejo através de seu olhar, me enche de amor.

E é nesse momento que me dou conta de algo muito importante. Eu me apaixonei por Brent, como nunca imaginei ser capaz.

— Maya — diz, alisando minha bochecha com as costas das mãos, e só não fecho os olhos como uma gatinha manhosa, porque olhar para Brent é uma verdadeira dádiva —, quero que saiba que o que aconteceu foi importante para mim. O melhor dos presentes.

Eu que me sinto a mulher mais sortuda do mundo. Nem todas nós conseguimos ter uma primeira experiência sexual tão maravilhosa como a que eu tive. Ainda mais com um homem tão incrível como Brent. Não importa como isso acabe, serei grata e sempre guardarei na memória o momento mais importante da minha vida.

— Você sabe que as coisas mudaram, não é?

Eu sabia que havia riscos. Que cruzar essa linha entre chefe e empregada poderia me levar direto para a porta da rua, mas não me arrependo.

— Eu sei, Brent. — Tento controlar a emoção e me mostrar uma mulher segura. — Foi bom o tempo que fiquei aqui e que passei com

Quinn e com você. Vou guardar com carinho cada minuto, principalmente a noite de ontem e essa manhã.

Ele me encara, confuso. Eu tento fazer com que as lágrimas que seguro não escapem, mas realmente é muito difícil controlar as emoções. Quando uma delas começa a deslizar em meu rosto, Brent a colhe com um beijo.

— O que você está dizendo, Maya? Por que quer ir embora? — Ele me abraça forte, e agora sou eu ficando confusa pelo que me diz. — Diga o que fiz de errado e podemos consertar.

— Não está me despedindo?

Seus braços em volta de mim afrouxam um pouco, e Brent me encara com expressão de horror.

— Deus! Claro que não!

— Não?

— O Quinn ainda precisa de você.

— Mas vocês já estão se dando melhor. Eu os vi juntos.

Ele me encara, compenetrado, depois segura o meu rosto com as mãos.

— Vou me redimir com o Quinn por todos esses anos que me mantive afastado. Mas o Quinn ainda precisa de você, do seu carinho e… — Um sorriso tímido começa a surgir em seu rosto, fazendo meu coração disparar. — Não é só o Quinn que precisa de você, Maya. Eu também preciso.

— Brent — murmuro sem conseguir acreditar no que ele diz.

— Você trouxe doçura à minha vida, Maya. Luz. Calor. Sorrisos. Não posso deixar que vá embora desta casa e, principalmente, da minha vida.

Não sei o que dizer. Meu peito está transbordando de amor e contentamento. Eu me encantei por Brent no momento que coloquei os olhos nele, mas nunca cheguei realmente a acreditar que algum dia ele pudesse corresponder aos meus sentimentos.

— Ah, Brent! — Pulo em seu peito largo, as emoções já completamente sem controle. — Eu não quero ir a lugar nenhum.

Aqui é o meu lar. É onde meu coração encontrou amor e abrigo.

Nos beijamos. Muitas e repetidas vezes.

— Temos outra questão importante a decidir — diz ele, indicando o meu braço.

— Eu vou aceitar a prótese. Tinha aceitado alguns minutos depois que você saiu do jardim, mas quando voltei, não o encontrei mais aqui.

— Fico feliz, Maya. Toda a sua vida vai mudar, assim como você mudou a minha e a do Quinn. Eu prometo.

Acredito nele, simplesmente, porque é isso o que o meu coração me diz. Já tive muitas lutas, passei por muitas batalhas, e acho que é hora de finalmente encontrar o meu final feliz.



Nós ficamos mais algum tempo na cama, até decidirmos sair. Uso o mesmo robe que estava vestindo à noite, e que Brent trouxera ao quarto, para retornar ao meu. Foi difícil nos despedirmos na porta, mas eu o relembrei que além de precisarmos comer, havia prometido a Quinn um piquenique na praia, mais tarde.

Quando saio do quarto, devidamente vestida, Brent me aguarda no corredor. Ele me estende a mão, trocamos um beijo cheio de carinho e, como um casal apaixonado, descemos para o café da manhã.

Quinn e Gavin ainda estão à mesa. Os dois notam nossas mãos unidas, mas nenhum deles se atreve a dizer qualquer coisa. Brent me oferece um lugar ao lado dele e inicia uma conversa, deixando o clima mais leve e até mesmo divertido enquanto comemos. A cada instante, a sua mão afaga o meu joelho e ele me presenteia com um dos seus sorrisos de me tirar o ar.

Quinn pergunta sobre o piquenique, e eu aviso que, se o tempo continuar bom, ainda está confirmado.

Brent e Gavin precisam resolver algumas questões de trabalho assim que o café da manhã termina, e ele me pede para não sairmos de casa até que um deles esteja novamente livre.

Acho estranho o pedido, mas não protesto. Convenço Quinn a brincarmos de uns jogos interativos que eu peguei na internet e depois ficamos brincando com o cachorrinho na sala, até chegar a hora de irmos para a praia.

Quinn me pergunta se estou namorando com o seu pai. Não sei bem como responder a isso. Brent me fez uma linda declaração, mas não chegou a fazer um pedido oficial. Então recordo de algumas conhecidas que se casaram com homens europeus. Elas disseram que pedidos de namoro não acontecem aqui como estávamos acostumadas no Brasil. Depois de alguns encontros, o compromisso entre o casal é automaticamente firmado, indicando que estão em uma relação séria. Talvez seja assim também com Brent. Não quero pressioná-lo, por isso digo a Quinn que estamos nos conhecendo.

O momento do piquenique chega. Gavin, Quinn e Snow caminham na frente, carregando mantas, uma bola e outros brinquedos. Brent e eu seguimos atrás. Entre beijos discretos ou não, ele me faz muitas perguntas, tanto sobre a minha vida aqui, como a que tive no Brasil. Ele também me conta um pouco sobre a sua rotina. Não se aprofunda muito sobre o passado, mas confidencia que não teve um bom relacionamento com o pai e que a mãe foi embora com outro homem quando ele ainda era muito pequeno. Tendo pais tão amorosos quanto os meus, não consigo imaginar que os dele pouco se importaram com ele.

— Papai, a gente pode ensinar o nosso futebol à Maya? — Quinn sonda, empolgado, assim que terminamos de arrumar nossas coisas na areia.

— Claro, filho. — Ele bagunça os cabelos de Quinn, que abre um sorriso lindo de se ver. — Nós dois contra ela e o Gavin.

— E o Snow também.

A brincadeira é divertida e nós jogamos até ficarmos suados e a fome bater. Tudo está bem embalado e, por causa do vírus, fazemos a higienização mais uma vez.

Depois de comer, Quinn e Gavin decidem descansar um pouco mais sobre as mantas, e Brent me convida para dar uma caminhada na praia.

Ele envolve os meus ombros com seu braço forte e eu apoio a cabeça na lateral de seu peito. É um fim de tarde romântico e especial.

Voltamos para casa e Quinn nem questiona meu pedido para que vá tomar banho. Desde a chegada do cachorrinho e, principalmente, desde sua aproximação com Brent, que ele tem se tornado um garotinho mais calmo e obediente.

O que me faz recordar o que Vanessa havia falado. Devo concordar, as traquinagens de Quinn eram um grito, pedindo o amor e a atenção do pai.

Enquanto todos estão se preparando para o jantar, recebo uma chamada dela e passo alguns minutos falando com a minha amiga. Ainda

não falo sobre Brent, preciso me sentir mais segura, mas conto a ela sobre a prótese, e ela fica muito feliz.

Apesar de todos estarmos cansados do dia divertido, o jantar é feliz e cheio de risos. Vez ou outra, flagrava Brent olhando para mim, e o carinho que via em seus olhos me deixava toda boba.

Para minha surpresa, como na noite anterior, ele se prontificou a colocar Quinn para dormir, mas dessa vez exigiu a minha presença no quarto.

— Boa noite, Quinn. — Beijo a testa dele logo após Brent fazer o mesmo.

Ele apaga a luz e eu ligo o abajur antes de chegarmos à porta.

— Maya? — Quinn me chama com voz sonolenta quando estou me juntando a Brent. — Eu gostaria que você se casasse com o meu pai. Assim eu poderia ter um pai e uma mãe. Seria muito legal, não seria?

A confissão me pega de jeito. Se me apaixonei por Brent muito rápido, com Quinn não foi diferente. Meu peito está cheio de amor por essa criança.

— Seria muito legal, Quinn — sussurro, mas ele já pegara no sono.

No corredor, encaro Brent, tentando sondar o quanto disso possa ter lhe aborrecido, mas ele apenas me puxa para os seus braços e me beija. Em seguida, sou conduzida para o seu quarto, onde nos entregamos ao desejo e à paixão que nos consome.

Estar nos braços de Brent é como tocar o céu.

CAPÍTULO 21



Maya Gomes

Quando estamos felizes, os dias passam sem que nos demos conta. Apesar de todo o momento delicado que estamos passando no mundo, essa pandemia tem um lado positivo. Podemos ficar juntos sem que toda a pressão de uma vida agitada e corrida venha interferir.

Infelizmente, o número de casos de pessoas infectadas e mortas vem aumentando. Na casa, quase cinquenta por cento dos funcionários ficaram doentes ou, lamentavelmente, em estado grave. Duas pessoas chegaram a falecer, incluindo o marido de Abby, que a deixou sozinha com as duas filhas pequenas do casal. Esse foi, com toda certeza, um dos momentos mais tristes que testemunhei.

Brent tem dispensado o maior número de pessoas possível. O senhor Carter, o mordomo, foi uma delas, já que pela idade que tem está no grupo de risco.

Então nós meio que estamos tentando nos virar como podemos. Compramos comidas que Gavin e Brent vão buscar nos restaurantes próximos e sempre há todo um ritual, com o uso de luvas, máscaras, e álcool em gel é um item que nunca pode faltar em casa. Na maior parte das vezes, nos aventuramos na cozinha. O que é cômico, pois apenas um deles, no caso, Gavin, sabe cozinhar alguma coisa.

Minha tia é baiana e cozinheira de mão cheia. Aprendi muitas coisas com ela e ensino a eles o que consigo. Brent é atrapalhado e Quinn fica ansioso demais para ver tudo pronto. Acho que ele pensava que as comidas surgiam como mágica na sala de jantar, não que demandavam tempo e paciência para serem preparadas. Acho que isso vai ajudá-lo a respeitar ainda mais todas as pessoas que prestam os serviços para que tenhamos tudo com qualidade e conforto. Brent, pelo menos, prometeu dar a todos os funcionários um significativo aumento quando retornassem.

Gavin aprende tudo com admirável rapidez. Ele diz que é por causa da mãe, que é italiana, e cozinhar para ela é algo quase que sagrado. Esses momentos na cozinha, entre nós quatro, são bastante engraçados e divertidos. Tiramos muitas fotos com os rostos e roupas sujos de farinha, ou lambuzados de molho.

Em meio a tudo isso, entre momentos felizes e tristes, dois meses se foram. Trancados em casa. Isolados e nos escondendo do mundo.

Com uma criança em casa é ainda mais difícil. Mesmo Quinn tendo toda a propriedade para brincar, os animais para distraí-lo e a praia por perto para explorar, muitas vezes ele se sente entediado. Sente falta dos amigos e, por incrível que pareça, da escola. De ter uma vida normal.

Brent, desde aquela partida de futebol, tem se mostrado um grande pai. Paciente e mão firme quando é necessário. Ele vem se esforçando muito para corrigir tanto tempo de distanciamento.

Cada dia nos conhecemos mais e a nossa relação fica melhor. Sinto que ainda há algo que ele não me contou e que envolve a esposa. Eu não o forço a dizer nada que não queira, no momento certo ele irá se abrir comigo, assim como faz quando, aos pouquinhos, vai revelando o relacionamento complicado com o falecido pai.

Brent é sempre carinhoso e atencioso comigo. No sexo, não tenho do que reclamar, o homem me dá canseira. Ele é absurdamente quente e apaixonado. Não me arrependo de ter me guardado para alguém tão especial como ele, mas posso dizer que estou recuperando bem todo o tempo perdido.

Gavin, cada vez mais, vem se mostrando um amigo muito especial. Tanto para Brent, que não sente vergonha em admitir isso, quanto para mim. Em uma conversa com ele, enquanto Brent se distraía com Quinn, ele admitiu que, sim, me achava bonita, com todo o respeito da palavra,

mas só jogava charme mesmo porque percebia o interesse que o chefe pouco conseguia esconder.

É estranho e assustador ao mesmo tempo, pensar que um homem como Brent, rico, poderoso e sedutor, tenha se apaixonado por uma garota tão simples como eu, mas contos de fadas podem se tornar reais. Eu sou prova disso e sou muito grata. Não por todo conforto e luxo que vem me cercando, mas por ter encontrado o amor.

— E eu vou poder entrar na água, Maya? — A pergunta de Quinn me tira dessas reflexões e encaro seu olhar ansioso.

Estamos entrando no verão. Os dias estão mais ensolarados e quentes. Claro que nem se comparam aos dias quentes do Brasil, mas são lindos de qualquer forma.

— Pode, sim, mas antes precisa passar bastante protetor solar.

Teremos um dia inteirinho na praia, que é um dos melhores lugares para fazer Quinn e Snow gastarem suas energias.

— E o Snow também pode, né? — indaga Quinn. Depois ele encara o cachorro da mesma forma que Brent olha para ele quando quer ensinar algo. — Você vai se comportar, não é, mocinho?

O cachorro abana o rabo, empolgado, e solta um latido.

— Filho, o mar é grande o bastante para todos nós. — Brent surge, trazendo as cadeiras de praia dobradas.

Ainda me emociono sempre que ele se dirige a Quinn como “filho”. Não mais “o menino” ou “criança”. Os dois se tratam por pai e filho, como

deve ser.

Tudo é colocado dentro do carro e ninguém me deixa fazer nada. Quando pegamos o caminho que leva à praia, eles cantarolam uma canção. Eu me recordo do acidente e de como estávamos animados naquele dia.

Um nó se forma em minha garganta, mas quando Brent toca o meu joelho com carinho, começo a relaxar. É uma outra história agora, e essa precisa ter um final feliz. Sorrio para ele e me junto ao coro animado.

Chegamos à praia e montamos nosso cantinho na areia, próximo a algumas rochas. Os garotos decidem encarar a água supergelada. Acredite, é realmente muito fria, então eu prefiro ficar espreguiçada na cadeira com o meu Kindle.

Não demora muito tempo e Brent se junta a mim. Ele sugere irmos para uma das mantas no chão, porque assim podemos ficar mais juntinhos. Gavin, Quinn e Snow passam um tempo a mais pulando as ondas fracas. Quando se sentem cansados, se unem a nós, buscando sucos e sanduíches.

Brent consegue me convencer a pelo menos tentar colocar os pés na água. Após várias tentativas que me fazem estremecer, finalmente desisto e o convido para dar uma caminhada ao longo da praia.

Gavin decide tomar sol na cadeira de praia e Quinn diz que vai ficar jogando bola com Snow. Avisamos que não vamos muito longe e que voltaremos logo.

Chegamos a uma parte com uma vegetação alta que nos dá um pouco de privacidade. Brent não perde tempo, logo estamos nos beijando e nos agarrando ao desejo explosivo de sempre.

— Você me deixa maluco, Maya — ele murmura em meu ouvido e me vira de supetão, colocando-me entre a rocha fria e ele. — E essa sua boceta molhadinha…

Enquanto sussurra safadezas como essa, ele desliza a ponta dos dedos pelas minhas pernas, infiltrando a mão por dentro de minha saída de praia, chegando à calcinha do biquíni cobrindo meu sexo molhado, que ele afasta para o lado, tendo livre acesso a mim.

— Brent… — gemo, me contorcendo contra ele. — Hum…

Ele tem os dedos de um pianista. Tocando-me, acariciando-me e me levando ao mais alto grau de loucura e tesão. Então seu corpo enorme me cobre mais, e em uma estocada forte ele está dentro de mim. Sua mão cobre a minha boca, impedindo que meus gritos ecoem aos quatro ventos, e ele começa a me foder duro. Dez, quinze estocadas profundas que me fazem ser pressionada contra a rocha e já estou gozando muito em seu pau rijo.

Seu quadril continua a se mover contra o meu e outro orgasmo começa a me tomar, deixando as minhas pernas fracas. Envolvo o braço em seu pescoço e suas mãos firmes e grandes agarram forte a minha cintura. Gozamos juntos, e caímos exaustos e fracos na areia um instante depois.

Eu poderia ficar assim pelo resto da minha existência, deitada no peito de Brent enquanto ele carinhosamente mexe em meu cabelo. Chega a me dar aquela preguiça e sono gostosos, mas precisamos ir, antes que Quinn se aventure a nos procurar.

Vamos todo o trajeto de volta naquele agarramento dos apaixonados. Nem nos casamos ainda, aliás, nem sei se algo como isso está previsto em nosso futuro, mas me sinto como se estivéssemos em lua-de-mel.

— Onde está o Quinn? — indaga Brent, que é o primeiro a perceber a falta dele quando nos aproximamos.

— Não está com o Gavin. — Eu aponto em direção à cadeira de praia, mas nos aproximamos mais e não vemos Quinn ou Snow, nem nas cadeiras, nem nas mantas estendidas no chão.

— Quinn? — chamo por ele, apurando os ouvidos, tentando notar algum som dele ou do cachorro.

Brent também o chama, e nossos gritos fazem Gavin acordar, assustado.

— O que aconteceu? Onde está o Quinn?

— Isso era você que tinha que nos dizer, Gavin! — Brent esbraveja, nervoso, e eu empurro levemente seu peito, tentando acalmá-lo.

— Desculpe — Gavin lamenta, profundamente angustiado. — Acho que peguei no sono.

— Era para você ficar de olho, droga! — vocifera Brent, olhando em volta. — Com aquele maluco à solta… Ele pode ter levado o Quinn.

Alguém levou o Quinn? Um maluco?

— De que maluco vocês estão falando?

Os dois me encaram. Cada um tem uma expressão atormentada diferente.

— Brent? — insisto, ficando cada vez mais amedrontada e nervosa. — Que maluco?

Ele vem até mim e busca a minha mão, que nesse momento está fria e tremendo muito.

— Escuta, vocês procuram por esta parte e eu vou para esse lado — avisa Gavin, já correndo na direção que citou, deixando para Brent a missão de esclarecer sobre qual maluco eles se referiam.

— Um antigo funcionário. Ele tem tornado a minha vida difícil depois que foi demitido e processado por assédio sexual. Ele…

— Isso foi o que aquelas putas disseram a você! — Uma voz raivosa e desconhecida surge por entre uma grande rocha, nos fazendo virar na direção dela. — A verdade é que aquelas cadelas mal conseguiam manter as pernas fechadas.

Olha para o homem calvo, de barba comprida e roupas amassadas, se aproximando de nós. Suas palavras são grosseiras e demonstram bem que tipo de homem asqueroso ele deve ser. Mas o que realmente me assusta é que ele mantém Quinn, que está agarrado a Snow, refém.

O homem também tem um revólver que aponta para nós e o nosso garotinho enquanto fala.

— Preston? — Brent começa a caminhar lentamente na direção dele. — Vamos conversar, tudo bem? Só não faça nada que possa se arrepender.

— Ah, agora você quer conversar, Turner? — O homem cospe as palavras, apontando a arma em direção a Brent.

O ódio com que o encara me faz ficar paralisada de terror.

— Você não quis me ouvir quando mais precisei. Um homem precisa fazer o que tem que fazer. Aquelas cadelas disseram que nunca quiseram nada, mas você conhece essas putas. Nos provocam com roupas sensuais e depois se fazem de santas. Achei que sendo quem você é, com todas aquelas mulheres pulando na sua cama, conseguiria me entender.

— Eu nunca intimidei ou forcei qualquer uma delas, Preston. Qualquer relação precisa ser consensual.

— O que o torna diferente de mim é que é rico, bonito, e todas as vadias ficam ansiosas para abrir as pernas para você. Como essa daí.

O jeito que o homem me olha me causa náusea, mas eu procuro me controlar. Quinn precisa que tanto eu quanto Brent mantenhamos a calma. Seu choro baixinho e a forma que nos encara mostram bem o quanto ele está com medo.

— Você, garota, não se engane. O único motivo de ele olhar para alguém como você é devido a esse caos no mundo. Assim que acabar, uma bela gostosa ficará no seu lugar e ele a dispensará, como faz com todo mundo.

Olho para Brent. Ele não precisa me dizer que tudo o que esse homem diz em relação a nós é uma mentira inventada pelo rancor que ele sente. Vejo nos olhos de Brent, que me pedem para que eu fique calma, o amor que sente por mim.

Não duvido que ele teve uma longa lista de mulheres bonitas, com quem se relacionou a curto prazo, mas eu sei o que vivemos aqui. De todo sentimento que nasceu entre nós e de seu amor por mim, eu não tenho dúvida.

— Chega, Preston. É a mim que você quer. De quem deseja se vingar. Deixa a Maya e o Quinn irem em paz.

O pedido de Brent faz um soluço saltar de minha garganta. Não quero que ele tente bancar o herói e nem que venha a se machucar com isso.

— Preocupados com ele? Brent Turner está mesmo preocupado com alguém além dele mesmo? — o homem debocha, dando mais alguns passos, mantendo Quinn como escudo e a arma apontada para Brent. — Toda essa generosidade não foi dada a mim. A minha esposa, os meus filhos e amigos. Ninguém mais quer ouvir falar de mim.

Enquanto ele esbraveja, algo fica bem claro para mim. Preston acredita mesmo que o resultado de suas ações erradas é culpa de Brent.

— Uma palavra sua, Turner. — O revólver é sacudido, me fazendo saltar para trás. — Apenas uma palavra e tudo teria terminado diferente. Mas você fechou o caminho e apoiou aquelas vadias. Tentei te atingir onde mais doía, incendiando as fábricas para te atrair. Então, essa merda no mundo começou e você veio se esconder nesse fim de mundo.

— Estou aqui, Preston. Solte o Quinn e o cachorro. Vamos resolver entre nós dois.

Preston o encara com um ódio que eu nunca vi uma pessoa capaz de mostrar a outra. Brent e Gavin não estavam exagerando quando o chamaram de maluco. Ele parecia completamente fora de si.

— Pois bem, Turner. Vamos começar a colocar as cartas na mesa e sermos honestos um com o outro. — Um sorriso perverso surge em seu rosto cruel e me traz uma sensação ruim que me faz arrepiar. — Que tal começar pela vadia da sua falecida esposa e esse bastardinho aqui?

— Preston. — O olhar de Brent para ele é visivelmente duro, assim como o tom da sua voz. — Não faça isso.

— O quê? Ainda não contou ao garotinho que a mãe dele era uma bela de uma puta? Que já estava grávida quando se deitou com você naquele cruzeiro?

O meu olhar, chocado e incrédulo, vagueia entre os três. Brent, completamente rígido e com um olhar assassino; Preston, completamente

alucinado e fora de si; e Quinn, totalmente perdido, olhando para o pai com preocupação.

— Pois é, garoto. Esse cara aí não é o seu pai.

— Cala essa maldita boca, Preston! — Brent dá dois passos determinados em direção ao homem, mas quando o último mira a arma na cabeça de Quinn, ele estaca no caminho. — Não faça isso, Preston.

É nítido para mim que Brent sofre tanto com a revelação quanto Quinn, que começa a chorar desconsoladamente. Um tipo de pessoa que faz isso a uma criança, revelando de forma tão maldosa algo tão importante, só pode ser um ser humano frio e vil.

— Eu ouvi bem você discutindo com o seu secretário aquele dia. Garoto, ele nunca te amou, porque você não é o filho dele.

— Não é verdade! — Quinn berra, remexendo-se para tentar se soltar, incapaz de julgar o perigo em que está se colocando. — Ele é o meu pai.

— Minta para ele, Turner. Diga que é o pai dele de verdade.

Quero fazer algo, tanto para libertar Quinn das garras desse homem ruim como para acalmá-lo e dizer que não importa. Brent é o pai dele porque o ama e deseja sê-lo. Mas tudo o que consigo fazer, sem os colocar ainda mais em risco, é chorar com desespero.

— Quinn… — Brent apenas sussurra, baixando a cabeça, derrotado. — Eu amo você, querido. Isso é a única coisa que importa.

Quinn se aquieta, começando a chorar. Eu sinto que meu peito vai explodir de tanta tristeza e angústia por eles. Brent parece desolado. O único feliz é o homem asqueroso que vê sua vingança tendo sucesso.

— Aprendi a te amar e vou te amar sempre, filho. — Brent ergue a cabeça, e tanto Quinn quanto eu conseguimos ver a sinceridade em seus olhos e palavras. — Serei sempre o seu pai, se me permitir.

O menino apenas balança a cabeça, aceitando a oferta de amor. Brent, talvez ferido pela mentira e traição da esposa, errou colocando um frio distanciamento entre ele e Quinn, mas ele estava buscando corrigir isso, e eu sei como está sendo completamente honesto agora, revelando seus verdadeiros sentimentos pelo filho.

— É muito emocionante. Melhor do que isso, seria se a nova e linda família feliz…

— Solta a arma!

Enquanto o homem despejava seu veneno e Brent tentava manter a atenção dele, vimos Gavin surgir silenciosamente por trás dele. Ele pressiona um pedaço de madeira atrás da cabeça de Preston.

— Solta a arma, ou juro que atiro e estouro os seus miolos, Preston!

Gavin está blefando, mas da posição em que está, apenas eu e Brent conseguimos ver. Eu nem consigo respirar, apenas faço uma oração silenciosa para que a tentativa de Gavin dê certo.

— Ok, Byrne. Eu vou soltar o menino — avisa Preston, começando a soltar Quinn, que assim que se vê livre de suas garras nojentas, corre em direção a Brent.

O encontro entre eles é comovente, mas propício para que Preston reaja à distração de Gavin, virando-se para ele. Sou forçada a tirar os olhos de Brent e Quinn para focar, apreensiva, nos dois homens em luta corporal pela posse da arma.

— Cuidado, Gavin! — eu grito, em pânico.

Um som dispara. A arma voa, caindo em minha direção, e Preston, com a mão no braço sangrando, desaba ao lado de Gavin.

Corro metade do caminho e sou impedida pelo grito de Brent.

— Não toque na arma, Maya!

— Mas Brent…

Olho nervosamente para Gavin e vejo que ele aparentemente está bem e sem qualquer tipo de ferimento. O sangue na roupa dele vem de Preston que, ao que parece, levou um tiro de raspão.

— Não sabemos onde ele esteve nem com quem — Brent avisa e, segurando a mão de Quinn, vai até a arma, recolhendo-a e a entregando a Gavin em seguida.

Esqueci completamente a pandemia, o vírus e todo esse novo perigo a que Preston nos expôs.

— Maya… — Quinn tenta vir em minha direção, mas Brent o mantém em um abraço apertado.

— Não podemos, filho. Até fazermos o exame, não podemos chegar perto da Maya.

Essa dura constatação me deixa completamente em choque. Minhas pernas perdem a força e eu desabo na areia macia.

Quero abraçá-los, beijá-los, aquietar esse desespero em meu coração, mas não posso. Não por mim. Neste momento, eu sinceramente não me importo, mas vejo bem claro a determinação nos olhos de Brent. Ele quer me manter segura. Já não de Preston, que Gavin vigia atentamente com a mira da arma, mas de um inimigo tão perigoso que não podemos ver.

— Eu amo você, Maya. Amo demais, meu amor — ele finalmente se declara com palavras, porque com ações já senti que fazia há muito tempo. — Mas é preciso.

Quinn, Gavin e Brent, todos eles tiveram contato com Preston. Eu só rezo para que o homem não seja uma dessas pessoas infectadas que não desenvolvem a doença, mas transmitem. E que nenhum deles fique mal.

Eu já perdi meu pai, minha mãe, alguns familiares no Brasil, e por causa desse vírus maldito, alguns amigos aqui.

Não consigo imaginar perder mais ninguém.

Mas, por ora, só me resta ter fé e orar.

CAPÍTULO 22



Brent Turner

Assim que comunico ao xerife Cliff o ocorrido e que Preston está sob a minha vigilância, ele rapidamente solicita que as autoridades da região sejam enviadas até aqui. Quase uma hora depois, o problema é finalmente tirado de minha responsabilidade. Além dos processos que já tem, Preston será acusado por outros delitos que lhe garantirão alguns anos na prisão, mais do que merecidos. O que ele fez com Quinn, querendo machucá-lo por vingança, foi cruel e imperdoável.

Agora, vê-lo ser escoltado e levado algemado até o carro de polícia, com o olhar derrotado, não chega nem perto de me dar total

satisfação, mas me causa o alívio de que pelo menos Quinn e Maya ficarão protegidos dele.

— Quem é o meu pai de verdade? — Sinto a mãozinha pequena procurar a minha.

A pergunta, de certa forma, já era esperada e natural. Ao menos Quinn, mesmo que a resposta não seja a mais agradável, terá uma resposta sobre o seu passado.

— O seu pai biológico faleceu no mesmo acidente que a sua mãe, Quinn.

— Então eu não tenho mais família?

Seu rosto exibe uma expressão triste, e eu me ajoelho diante dele. Maya nos assiste de longe, com o olhar emocionado.

— Nós seremos a sua família, Quinn. Maya e eu. Isso o deixaria feliz? Ser o nosso filho daqui por diante?

É claro que a pergunta deveria ter sido feita a Maya também, afinal essa é uma grande responsabilidade. Mas o amor que ela tem por Quinn me faz ter a certeza de que esse é o seu desejo também. Juntos, daremos a ele todo carinho e amor que precisa ter.

— Eu quero muito, papai.

Apesar das lágrimas, um pequeno sorriso surge no canto de seus olhos.

— É isso, filho — digo, emocionando, puxando-o para um abraço forte, um que eu nunca recebi, mas posso dar. —Eu sou o seu pai.

Esse seria um grande momento para um abraço feliz e em família, mas não podemos. A grande preocupação agora é sabermos os resultados dos exames que precisaremos fazer.

Enquanto isso, manter Maya em segurança é a minha principal tarefa. Desde que nos unimos como um casal, praticamente não nos desgrudamos mais. Manter essa distância entre nós, estando tão perto um do outro, é horrível, mas não posso colocar a vida dela em risco mais do que já fiz.



Infelizmente, minha apreensão estava certa. Os resultados dos exames do Gavin, Quinn e do meu deram positivos. Maya está livre do vírus, mas precisa manter o maior distanciamento possível de nós.

O uso de máscara é obrigatório. Nossos pertences precisam estar completamente separados dos dela, entre outras medidas de segurança que precisamos tomar.

— Isso não é certo. — Ela tenta esconder as lágrimas na videochamada que fazemos, mas percebo o quanto essa situação a deixa infeliz.

— São apenas alguns dias, Maya. Eu prometo. — Procuro ser positivo e tento fazer com que ela não perca a esperança de que tudo vai

se resolver no final. — Isso vai passar.

Como medida de segurança, Gavin passará todos os dias de isolamento no quarto que já ocupa na casa, desde que chegou. Quinn e eu dividiremos outro. É a única forma de conseguir que ele fique dentro de um quarto. Ele não consegue entender por que não pode sair para brincar e nem receber a visita de Maya e do cachorrinho.

Mas pelo menos a minha presença permanente o acalma a maior parte do tempo. Há um lado bom, e faço que ele enxergue por esse lado. Estreitamos ainda mais os nossos laços, conhecendo melhor um ao outro.

Contudo, preciso confessar, é uma situação complicada até mesmo para um adulto. A comida é deixada no corredor. Só vemos e falamos com Maya da porta ou pelo telefone.

— Mas por que o Snow não pode entrar aqui? — Quinn esperneia em meus braços.

Tenho paciência e explico mais uma vez. Sei que ele não está sendo mimado e birrento. Ele sente falta do cachorrinho, que também sente a falta dele.

— E a Maya, pode me abraçar, então? — Quinn pede em um tom choroso, e isso destrói completamente o meu coração.

— Ela também não pode, Quinn.

Ele começa a chorar, o que faz Maya chorar, e até mesmo Snow, agoniado na entrada do quarto, começa a grunhir.

— Mas por quê? Antes ela sempre me abraçava.

Essa é uma característica bastante forte da cultura dela. Brasileiros, em sua maioria, são mais calorosos e carinhosos com as pessoas. Com Maya não é diferente. Ela estava sempre beijando e abraçando o Quinn, como forma de demonstrar seu amor e carinho por ele.

— Não pode ter contato físico, filho. — Eu percebo o quanto me custa dizer isso ao sentir o aperto em meu peito. —Assim que você melhorar, poderemos dar quantos abraços você quiser.

— Quando eu vou ficar melhor, papai?

— Muito em breve, Quinn. — Levo-o de volta e tento não desmoronar ao assistir seu choro desolado. —Agora você precisa ficar na cama. Logo isso vai passar.

De nós três, eu fui o que não apresentou qualquer sintoma. Os de Gavin foram moderados, mas já com sinais de melhora. E Quinn, para nossa surpresa, afinal diziam que crianças eram as menos afetadas pelo vírus, não vem reagindo bem.

O médico pediu que esperássemos mais alguns dias. Os hospitais estão cheios e só os casos realmente graves, onde o paciente precisa do auxílio de respiradores, estão sendo indicados para internação.

Então, usando os contatos que tenho e cada centavo que fosse preciso, providenciei que um médico e um enfermeiro particulares permanecessem em nossa casa, dando a Quinn todo cuidado e atenção necessários.

Sou ainda mais grato por ter condições financeiras para proporcionar a Quinn um tratamento adequado, acompanhado por bons profissionais. Muitas pessoas estão morrendo no mundo devido à falta de recursos e à superlotação dos sistemas públicos de saúde.

Da minha parte, autorizo ajudas financeiras aos países mais necessitados e envios de suprimentos médicos e respiradores. Ainda assim, sinto-me fazendo muito pouco.

Esse é um tipo de vírus que não importa se você é rico, pobre, se vive em um país bem estruturado como o meu, ou se é homem, mulher ou criança. Ele não poupa ninguém. Não escolhe pessoas por cor, religião ou estilo de vida. Um único descuido, e a vida de quem mais amamos pode ser colocada em risco.

Por isso é preciso que todos tenham consciência e se cuidem, por nós mesmos e por aqueles que consideramos mais importantes.

Fizemos tudo certo até aqui. Ficamos em casa, evitamos contato com outras pessoas. Cumprimos a quarentena da forma devida. Mas, infelizmente, o perigo bateu em nossa porta, fazendo um pequeno inocente como Quinn pagar os nossos pecados.

Preston realmente tinha conseguido me atingir onde mais me doía.



Os dias se arrastam. Gavin e eu nos recuperamos da melhor forma possível. Ele ainda sente um pouco a perda do olfato e do paladar. Eu passei praticamente ileso por tudo.

Como não há nenhuma garantia de que não corremos riscos de nos infectarmos de novo, as medidas de segurança continuam rígidas. A parte reconfortante é que Maya e eu podemos novamente ficar perto um do outro.

Assim, logo que fui isolado de Quinn e um novo exame ter atestado negativo, pedi que todas as coisas dela fossem enviadas ao meu quarto. Não quero mais um minuto de separação entre nós. A pela qual passamos foi dura demais.

E é nessa primeira noite juntos outra vez, de muitas que virão, que eu revelo a Maya o que apenas Gavin sabe a meu respeito.

— O homem que me criou — discorro com a voz calma, pois já não sinto o mesmo peso que, por tantos anos, carreguei dentro do peito —, ele também não era o meu pai de verdade.

Maya afasta o rosto do meu peito e fixa seu olhar prateado em mim. Sua beleza, como sempre, me deixa tonteado, mas é o carinho que vejo em seu rosto que me envolve mais.

— Brent, eu… sinto muito.

— Descobri aos dezoito anos o porquê de ele não poder me amar ou tratar com carinho. Sou a vergonha de uma traição que ele nunca pôde esquecer.

— Foi por isso que você achou que não poderia amar o Quinn?

Parece tolo, mas era verdade.

— Eu tinha medo de não ser capaz e acabar machucando-o como meu pai fez comigo. Então preferi manter distância. Eu perdi tantos momentos preciosos com ele, Maya. Agora ele pode…

— Ele vai ficar bem, Brent. — Ela afaga os meus ombros com carinho. — E você vai recuperar cada minuto perdido com ele.

Fé e orações é tudo o que nos resta. Acreditar que Quinn continuará o menino valente que sempre foi. Lutando contra tudo isso.

Quinn precisa se recuperar.

Acho que nunca serei capaz de me perdoar, se ele não resistir.



Nesta manhã, o quadro de Quinn agravou muito e o doutor aconselhou que ele fosse internado imediatamente.

Estamos no corredor, de máscaras, luvas, sapatos com protetores descartáveis, observando enquanto ele está sendo cuidadosamente preparado para a internação.

É um momento desolador para nós. Assistir a Quinn, que sempre foi tão ativo e cheio de energia, sair em uma maca, com um aparelho ajudando-o a respirar.

— Brent? — Maya soluça, agarrando-se a mim. — Ele tem que voltar para casa.

O aperto em meu peito também é gigantesco. O medo que tive de não conseguir amar Quinn agora é substituído pelo medo de perdê-lo, porque em tão pouco tempo ele havia conquistado uma grande parte do meu coração.

Mas eu preciso ser forte por todos nós. Mesmo assim, ver esta cena é absurdamente difícil.

— Fica bem, Maya. — Abraço-a na porta antes de me dirigir ao meu carro para acompanhar a ambulância. — Vou mantê-la informada de tudo.

Nessa situação, e devido aos riscos de contágio, apenas um de nós pode ir ao hospital. Também não podemos ficar acompanhando Quinn a todo momento. Os horários são rígidos e o tempo permitido para passar com ele é menor do que eu gostaria.

Os dias passam.

As semanas se arrastam.

Vamos oscilando entre momentos de fé e de pleno desespero.

Ele melhora, piora, é entubado. Entra e sai da UTI, e tudo o que Maya e eu podemos fazer é continuar a ter esperança e nos apoiar diariamente.

Toda essa experiência traumática e difícil vem nos unindo cada vez mais. Passamos a dar menos importância a coisas superficiais e a

valorizarmos o que realmente importa. Os sentimentos e as pessoas. Nisso, Maya me ensina algo diferente todos os dias. Ela é muito forte. Sua vida e todas as suas perdas fizeram dela uma mulher muito guerreira, e tenho sorte que nesse momento ela esteja ao meu lado como minha companheira.

Ao nosso redor, o mundo continua um caos. Estatísticas aumentando por todas as partes. Mais vidas se vão e nós nos agarramos à fé. Todos estamos fisicamente cansados e emocionalmente fragilizados. Seguimos esperando o momento em que o telefone irá tocar.

É uma tarde de quinta-feira, quando ele finalmente vibra em meu bolso.

Estamos no sofá. Maya está deitada em meu peito, tirando um merecido cochilo depois de um dia atarefado para nós dois.

— Senhor Turner?

— Sim, sou eu — respondo, mudando o telefone de ouvido quando Maya se mexe e desperta, focando seus olhos atentos em mim.

— Aqui é do hospital. É sobre o seu filho, Quinn.

Os meus dedos pressionam com mais força o aparelho em minha mão e Maya rapidamente se senta ao meu lado.

— Pode me dizer. — Engulo em seco e busco a mão dela em meu colo.

Apesar do temor que me envolve, ouço tudo o que a mulher tem a me dizer com bastante atenção.

Acabou.

CAPÍTULO 23



Maya Gomes

Quatro meses depois

Esperança.

Mesmo nos momentos mais difíceis e desesperadores da minha vida, ela sempre esteve ao meu lado. Foi assim com a morte dos meus pais e as sequelas que o acidente me deixou. Quando Quinn ficou doente e durante todo o tempo que permaneceu no hospital, lutando por sua vida.

Foram dias angustiantes, que foram completamente deixados de lado quando Brent recebeu a ligação, avisando que Quinn reagira bem à

retirada do respirador e que havia sinais de uma significativa melhora em seu quadro.

Sobrevivemos ao pior, e o nosso pequeno menino também. Quinn foi um grande lutador. Não um número computando vidas perdidas, mas um que atesta a nossa vitória. Passamos por tudo e saímos mais unidos e fortes.

Contudo, a luta continua. O vírus continua, à espreita, espalhando medo e esperando o momento de atacar. Precisamos continuar vigilantes por nós e pelos nossos.

— Não tão rápido, Quinn! — grito ao menino e ao cachorro, que estão alguns metros à minha frente.

A recuperação de Quinn foi lenta. Ainda está em andamento, na verdade, e eu me preocupo a cada ofegar que ele dá.

São sessões de fisioterapia e exercícios físicos diários que vão ajudar seus pulmões a voltarem a ficar fortes. Todavia, sua vivacidade e fome pela vida continuam iguais.

— A gente vai se atrasar, Maya. O papai vai ficar chateado.

O antigo Brent talvez fizesse um grande caso se isso acontecesse, mas o Brent Turner de hoje é um homem completamente diferente em relação aos negócios, aos desejos pessoais e, principalmente, à família. Ele também procura ser mais paciente e não se estressar sem necessidade.

É atento a tudo que precisamos, como também mais presente, tendo prazer em passar o maior tempo possível conosco.

Nisso Gavin tem sido um suporte muito bem-vindo. Desde a enfermidade de Quinn, ele assumiu grande parte da administração dos negócios e estava fazendo um trabalho tão bem executado que Brent deu um cargo novo e mais importante a ele.

— Oi, amor. — Sou recebida na porta com um abraço e beijo carinhoso. — Como foi a caminhada esta manhã?

Normalmente Brent nos acompanha, mas hoje surgiu um imprevisto e Gavin precisou de seu olhar experiente sobre o problema.

— Para mim, um pouco fria. — Ele me leva para dentro com seu braço envolvendo minha cintura. — Mas acho que Snow e Quinn aproveitaram, como sempre. A praia estava bonita.

— A praia sempre está bonita para você — ele destaca com humor.

Devo reconhecer que isso é verdade.

— Chegamos tarde para o anúncio?

Hoje é um dia importante. Depois de alguns estudos e de todos os tipos de testes, teremos uma notificação para avisar a população da produção de uma vacina.

— O primeiro-ministro ainda irá falar. Venham se esquentar um pouco.

Quinn segue animado na frente, junto com Snow, e nós seguimos logo atrás. Além da lareira acesa e o sofá com mantas quentinhas, Brent

preparou chá, biscoitos e *Scones*, o bolinho preferido do menino.

Quinn prefere se esticar no chão com Snow, e eu não nego o convite de Brent para nos aconchegarmos abraçados no sofá.

O pronunciamento começa. Tento prestar atenção em tudo, e o que não consigo entender pelos sotaques carregados demais, Brent me explica.

Felizmente, finalmente temos uma vacina e um grande plano de ação para conter esse vírus. Há novas esperanças, tanto para o país quanto para o mundo.

Sorrio, choro, grito feliz. Sou atacada e abraçada pelos dois rapazes que se tornaram os mais importantes da minha vida, e uma bolinha de pelo branco tenta se enrolar em nós.

Agora podemos abraçar, pelo menos entre nós três, e fazemos isso o tempo todo. Os dois dizem que eu meio que os contaminei com esse exagero de demonstração de afeto.

— Vai acabar, Brent. — Encaro-o com um olhar completamente emocionado.

Acho que o mundo nunca mais será igual, mas os dias de incertezas e terror estão contados.

— Sobre isso, graças a Deus que sim — ele me diz, nos afastando um pouco. — Mas em relação a nós, Maya, é apenas o começo de tudo.

Seu olhar intenso e cheio de amor para mim denuncia o que ele está prestes a fazer, e o meu coração dispara dentro do peito.

Brent mexe no bolso da calça, tira uma caixinha vermelha e, diante de minha completa surpresa, ajoelha-se na minha frente.

— Maya, me ensinaram que demonstrar nossos sentimentos nos deixa fracos. Você me mostrou que na verdade só nos deixa mais fortes.

Ele abre a caixinha, e um lindo e delicado anel surge, fazendo os meus olhos lacrimejarem. Luto contra as lágrimas, porque não quero perder um segundo de todo amor que eu vejo nos olhos de Brent.

— Me ensinaram que esperar o melhor das pessoas nos transforma em tolos. Você me ensinou o que é ter confiança.

Sua mão busca a minha. Ambas estão trêmulas.

— Não aprendi o que é ser um filho, mas você me ensinou a ser um pai.

— Brent…— balbucio, completamente emocionada.

— Não fui um grande homem — declara, e o anel brilha em seus dedos como os seus olhos emocionados —, mas se aceitar, gostaria de ser o melhor marido. Para te amar, respeitar e ser o homem que você merece. Aceita se casar comigo, Maya?

Soluço, liberando o choro que já não consigo conter. Ajoelho-me junto a ele. Beijo seus lábios, seu rosto, sua mão que cobre o meu.

— Querida? — Brent me chama com um sorriso.

Ele precisa de uma resposta.

— Sim. Sim. Sim.

Brent solta um urro feliz e chama Quinn para compartilhar essa felicidade com a gente.

— E você também vai ser a minha mãe, né, Maya? — Ele segura a caixinha de veludo que Brent tinha deixado cair em sua afobação e me faz a pergunta com a mesma seriedade que o pai fizera o pedido de casamento.

Encaro seu rostinho luminoso, cheio de esperança, e meus sentimentos por ele apenas se multiplicam.

— Eu já sou, querido.

Desde aquele dia que fomos atacados por Preston, fiz essa promessa a mim mesma. Amar e cuidar de Quinn como se ele tivesse nascido do meu ventre. Ele é o motivo de Brent e eu termos nos encontrado e nos unido. De nos tornarmos a família que somos agora.

— Escuta… — murmuro sem fôlego, quando nossa comemoração animada nos leva até o sofá. — Vocês dois sabem o que isso significa agora, não é?

Irradiando felicidade, mostro o anel em meu dedo, e os dois me encaram, curiosos.

— Como mãe e esposa desta família… — Paro por alguns segundos, analisando a melhor forma de conseguir atacá-los com o meu surto de amor. — Beijos e abraços não têm limites!

— Eu sempre vou abraçar você, mamãe! — avisa Quinn, e ouvi-lo me chamar assim, pela primeira vez, me deixa ainda mais emotiva.

Pulo em cima deles, fazendo exatamente o que acabei de declarar e dando um ataque de beijos e abraços exagerados.

Os dois riem e recebem, alegres, todo calor e amor que dedico a eles.

— Só tem um pequeno problema nisso, amor. — Brent me puxa para o seu colo, e parece dizer algo com o olhar para Quinn, que para atrás de mim. — Vai receber os dois de volta em dobro.

Eles me atacam e me sufocam de cuidado e carinho.

O calor que nos envolve não vem apenas da lareira, mas do amor nos unindo.

Esse é o resumo da nossa história. Um homem apaixonado e apaixonante. Uma garota caidinha de amor por ele. Um garotinho realizando o sonho de ter pais que o amam. E um cachorrinho perdido, que encontrou o calor de um lar.

Entre risadas, latidos e algazarras pela casa, criamos nosso próprio quadro feliz.

Porque o sempre é o hoje.

O feliz é exatamente este momento.

Felizes e sempre.

EPÍLOGO



Key West, Estados Unidos

Três anos depois

Se me perguntarem se a vida é um conto de fadas, preciso dizer que não. O mundo real é dividido entre momentos bons e lutas. Agora, se me perguntarem como é a minha vida ao lado de Brent e Quinn, posso afirmar, sem titubear, que ela é maravilhosa.

Nossas vidas mudaram muito e rapidamente desde aquela tarde e o pedido de casamento. A começar, que Brent não quis esperar muito tempo. Quase quatro meses depois, estávamos em um altar em nossa própria casa, em *Garreststown Strand*.

Infelizmente, devido à gravidade da situação na época, a cerimônia contou com pouquíssimas pessoas.

Vanessa e Gavin foram os nossos padrinhos. Abby e suas filhas foram as minhas damas de honra, e coube a Quinn, como pajem, nos entregar as alianças. O senhor Carter, que já havia sido vacinado, pois começamos a ter acesso às vacinas no final daquele mesmo ano, representou o nosso único convidado.

Apesar de simples, foi uma experiência mágica e inesquecível em nossas vidas, por representar amor e esperança. Enviei fotos e vídeos para a minha família no Brasil, e os senti o tempo todo em meu coração.

Quando a quarentena deu uma flexibilizada e foi possível novamente viajar pelo país, Brent, eu, Quinn e, claro, Snow, iniciamos a nossa lua de mel, conhecendo a maioria dos lugares que sonhei visitar ao vir para cá. Acho que foi a lua de mel mais longa de toda a história.

Brent cumpriu sua promessa, feita antes mesmo de nos casar, de providenciar para que eu tivesse uma prótese de mão. No início foi bastante estranho ter que me acostumar e me adaptar com aquele objeto que passou a fazer parte de mim. Porém, a minha qualidade de vida, as coisas que consigo fazer sozinha e a

independência ainda maior que ganhei fizeram com que me dedicasse mais para aprender tudo rapidamente.

Confidenciei também a Brent o sonho de ter algo meu. É claro que com ele sendo um dos homens mais ricos e poderosos do mundo, eu poderia levar uma vida de rainha pelo resto da minha existência, mas não se trata disso, de ter uma vida luxuosa e cheia de privilégios, tem a ver com realização pessoal. O que mais gosto de fazer, além de passar muito tempo com minha família, é cozinhar. Assim nasceu a primeira ideia de abrir um restaurante de comidas brasileiras no país. Alguns meses após a minha sugestão, e de vários profissionais contratados por Brent para ajudar a tornar esse sonho realidade, tivemos uma inauguração.

Para minha grande surpresa, desde a abertura, o restaurante tem sido um grande sucesso, não apenas com a grande comunidade brasileira que existe aqui, mas irlandeses e pessoas de outras nacionalidades também fazem fila por uma reserva no *Hi, Brazil!*

A Vanessa é minha gerente. Um pouco atrapalhada, mas eficiente, ela toma conta de tudo quando preciso me ausentar, seja para passar mais tempo com Brent e Quinn, ou como nessa viagem que precisei fazer, para adquirir uma nova e moderna prótese

biônica. Ah, é ela que também vai segurar as pontas quando eu precisar tirar licença-maternidade.

Estou com quase sete meses de gestação e louca para ver a carinha do nosso bebê. Mas nenhuma ansiedade minha se compara com a felicidade de Quinn e de Brent que, bem, cada dia que passa fica mais nervoso e protetor com a gente.

Eu curto cada momento, desde que tive a confirmação de que os enjoos que sentia e dois quase desmaios dentro do restaurante eram mesmo sinais de uma vidinha crescendo dentro de mim.

Cada mudança nos mostrando que o nosso milagre era real e estava bem dentro do meu ventre, cada vez mais enorme e redondo, me deixava encantada.

— Por que essa carinha pensativa? — Brent indaga, passando os braços em volta de minha cintura, nos envolvendo em um abraço carinhoso.

Fiquei tão imersa, admirando e acariciando meu ventre abaulado, que nem prestei atenção em sua chegada repentina.

— Estou um pouco preocupada com a bebê.

Assim que digo isso ele me vira para si, e sua expressão de terror e preocupação rapidamente me faz compreender que Brent

me entendeu errado.

— Maya… por que você não disse que sentia algo? Eu vou ligar para…

— Não! Calma, Brent… — Passo a mão suavemente em seu rosto preocupado. — Não é a nossa Nervosinha que me preocupa. Ela está bem e protegida na barriga da mamãe.

Ele respira, aliviado, e quando assimila melhor as minhas palavras, um sorriso começa a se formar no canto de seus lábios.

— Ainda vai chamar a nossa princesinha assim, Maya?

Para mim, desde o primeiro movimento que nossa filha fez em minha barriga, ela se tornou a “Nervosinha”. Sério, a garota não dá descanso do tanto que se remexe dentro de mim. Quando Brent está por perto, então, ou Quinn, parece que uma *rave* acontece no meu útero. Por isso o apelido carinhoso de Nervosinha, fazendo uma comparação divertida de como eram o pai e o irmão dela quando os conheci. Duas porções de pimenta que aprendi a dosar.

— Bem, ela é filha de quem? — eu o provoco com humor.

Brent sorri e me puxa para um beijo, inicialmente carinhoso, mas que aos pouquinhos vai se tornando quente. Nossa filha escolhe justo este momento para confirmar que o apelido que lhe dei faz sentido.

O pai dela fica, claro, maravilhado, e o meu encantamento também é tão grande que eu deixo passar a intromissão da danadinha. Além disso, não temos tempo para atear fogo no quarto, temos um jantar com o dono deste resort onde estamos hospedados, um empresário americano com quem Brent acabou de fechar um negócio bastante lucrativo. Ele será o fornecedor oficial de bebidas, deste e de todos os outros empreendimentos que John Conner possui no país.

— Você está pronta? — Ele alisa meu ventre com carinho, e a minha festa interna começa a se acalmar. — Se estiver cansada, eu posso…

— Estou ótima, amor. Passei a tarde relaxando na piscina com Quinn. — Eu ajeito a gravata dele, mesmo não precisando. — Além do mais, gostei muito da Mila e das ideias que ela tem. Talvez, quem sabe, abra uma filial do restaurante aqui.

— A minha amada esposa… — Apesar do olhar intenso que me dá e que me faz estremecer toda, seu sorriso é gigante e divertido. — Está mesmo usando o meu jantar com parceiros de negócios para ampliar a sua própria *network*?

— Bom, eu conheço um homem muito sábio nos negócios que sempre me diz para manter os olhos bem abertos para as

oportunidades. Apenas sigo os seus passos.

Eu aprendo muito com Brent sobre negócios e a forma de fazê-los ter impressionantes resultados financeiros. Faço cursos especializados, mas seus ensinamentos e conhecimentos conquistados na prática ajudam muito para que eu progrida como uma mulher de negócios.

— Você é brilhante por si mesma, Maya.

Quando ele me beija, borboletas voam em meu coração. Não há nada mais romântico e sexy para uma mulher do que um homem que consegue enxergar e incentivar nosso próprio brilho, sem se sentir ameaçado por isso.

Depois de algum tempo estourando nosso horário com beijos e carícias, que por muito pouco não nos levaram à cama em vez de ao restaurante do resort, finalmente deixamos o nosso chalé. Mas antes de seguirmos para o compromisso, faço questão de verificar se Quinn e a babá contratada para esta noite estão se dando bem.

Seus dias de garoto rebelde passaram e nenhuma outra mulher precisou enfrentar as suas provas de fogo. Desde o início, seu único problema era a falta de carinho, o que agora ele tem em excesso, tanto de mim como de Brent.

— Mamãe, posso tomar sorvete assim que acabar de comer?

Estamos em férias, por isso tenho sido mais flexível em relação à rotina alimentar.

Também permito que ele vá para cama uma hora mais tarde, e logo Brent e eu somos compreensivelmente ignorados quando ele inicia seus próprios planos divertidos com a babá.

— Maya!

Mila vem, festivamente, até mim, assim que nos vê surgindo na recepção. Com seus cabelos loiros sedosos e impressionantes olhos azuis, ela é uma linda e simpática mulher. John não fica nada atrás. Com um cavanhaque bem aparado, olhos intensos e expressivos e charme em excesso, o homem é um arraso de tirar o fôlego. Que Deus me ajude para que Brent nunca tenha conhecimento desse meu pensamento assanhado e que eu não deixe isso escapar nem mesmo quando estiver dormindo.

— Nossa, você está ainda mais linda esta noite. Como consegue, Maya?

Foi bem impressionante, mas minha conexão com ela foi forte já no momento em que apertamos nossas mãos. É como se nos conhecêssemos há muito mais tempo.

— Você também está linda, Mila. Vermelho combina perfeitamente com você.

Enquanto eu uso um vestido preto com nuances brilhantes para dar uma suavizada na minha barriga gigante, Mila traja um vestido vermelho fatal, que a faz parecer igual. Isso não me incomoda. Primeiro porque Mila é tão amigável e gentil, que me deixa confortável, e segundo porque eu me sinto incrivelmente sexy grávida. Brent sempre destaca o quanto os meus seios estão lindos, meu quadril mais redondo e que trago um brilho nos olhos que o deixa fascinado. Além, obviamente, do apetite sexual, que aumentou devido aos hormônios.

— Sabe, Maya, estive falando com John. O mercado europeu é bastante promissor…

Ouço-a com atenção enquanto somos conduzidos para a nossa mesa.

— Pensaria na ideia de nós duas, sabe… — Estivemos tão concentradas em nossa conversa sobre as vantagens que nossos negócios poderiam trazer em uma reciprocidade, que nem reparamos que os nossos homens tinham parado de falar para simplesmente fixarem os olhares admirados e babões em cima de nós. — Qual o problema, rapazes?

Brent busca a minha mão, levando-a gentilmente aos lábios, e John faz o mesmo com Mila, nos deixando completamente

derretidas.

— Nós simplesmente perdemos o ar com as duas — Brent sussurra, sem desviar o olhar apaixonado de mim.

— Uma mulher de negócios falando de negócios é fodidamente sexy — sussurra John. Pelo olhar carregado de desejo que Brent me dá, parece concordar com ele.

Encaro o meu marido, o pai dos meus filhos, o meu companheiro e amante perfeito, com todo amor transbordando em meu peito.

— Ah, Brent. Eu te amo.

Nós nunca ficamos mais do que algumas horas sem dizer isso. Não importa onde estamos ou quem esteja por perto. Neste momento mesmo, estamos em nossa bolha particular.

— Eu te amo muito mais, Maya.

A vida não é perfeita, mas ela é feita de momentos perfeitos como este.

Talvez o verdadeiro conto de fadas seja assim.

Pelo menos o meu é.

Fim.

Não!!!

O começo de tudo.

Maya, Brent, Quinn, a “Nervosinha”, Snow e…

Bom, aí é uma nova história.

Nota da autora

Por todo esse momento que estamos vivendo, escrever esse livro foi uma grande conquista para mim. Deixo aqui meu carinho especial para todas as famílias que perderam algum ente querido ou amigos por causa do vírus.

Espero que tenham gostado da história de Maya, Brent e Quinn. E que por algumas horas eles tenham aquecido os seus corações e distraído vocês.

Se cuidem.

Até a próxima.

A SECRETÁria VIRGEM CoBIçADA do BILIONÁRIO
Série: Os Bilionários
Livro 2

C L Á U D I A P E R E I R A

---

[1] Cadiquê: Jeito mineiro de perguntar, Por causa de quê?

[2] Unidade de medida equivalente a quase meio litro, ou um copo de chopp. No caso, da tradicional cerveja irlandesa Guinness, de coloração escura.

[3] *Scones* com geleia e creme são um elemento comum a muitos cardápios de sobremesas irlandeses. São pequenos bolos individuais, feitos frequentemente com frutas secas e adoçados com açúcar. Foram feitos pela primeira vez na Grã-Bretanha, mas agora estão igualmente e fortemente relacionados à República da Irlanda. Em 2006, a sobremesa foi escolhida para ser a representante irlandesa da iniciativa cultural Café Europe.

[4] Força policial nacional civil da República da Irlanda .